

CZASOPISMO INDEKSOWANE
NA LIŚCIE CZASOPISM
PUNKTOWANYCH MNiSW
6 PKT. (LISTA B, LP. 1365)

RECENZOWANE
CZASOPISMO NAUKOWE
POŚWIĘCONE ZAGADNIENIOM
WSPÓŁCZESNEJ HUMANISTYKI
I NAUK SPOŁECZNYCH

CZŁONKAMI REDAKCJI
I RADY NAUKOWEJ SĄ
UZNANI BADACZE Z POLSKI
I ZAGRANICY

PROSOPON

EUROPEJSKIE STUDIA SPOŁECZNO-HUMANISTYCZNE | EUROPEAN HUMANITIES AND SOCIAL STUDIES

#21 (4) / 2017

PROSOPON



HUMANUM

Instytut Studiów Międzynarodowy
i Edukacji w Warszawie

21 (4) / 2017

ISSN 1730-0266

CZASOPISMO INDEKSOWANE
NA LIŚCIE CZASOPISM
PUNKTOWANYCH MNiSW
6 PKT. (LISTA B, LP. 1365)

RECENZOWANE
CZASOPISMO NAUKOWE
POŚWIĘCONE ZAGADNIENIOM
WSPÓŁCZESNEJ
HUMANISTYKI I NAUK
SPOŁECZNYCH

CZŁONKAMI REDAKCJI
I RADY NAUKOWEJ SĄ
UZNANI BADACZE Z POLSKI
I ZAGRANICY

PROSOPON

EUROPEJSKIE STUDIA SPOŁECZNO-HUMANISTYCZNE
EUROPEAN HUMANITIES AND SOCIAL STUDIES

INSTYTUT STUDIÓW MIĘDZYNARODOWYCH I EDUKACJI HUMANUM, PTOUKHA INSTITUTE
FOR DEMOGRAPHY AND SOCIAL STUDIES OF NATIONAL ACADEMY OF SCIENCES OF UKRAINE,
INTERNATIONAL SCHOOL OF MANAGEMENT IN PREŠOV (SLOVAKIA)

KOLEGIUM REDAKCYJNE | Editorial boards:

Redaktor Naczelny / Chief Editor
Prof. zw. dr hab. Wojciech Słomski

Sekretarz redakcji / Assistant editor:
dr Sławomira Lisewska

REDAKTORZY TEMATYCZNI | Section Editors:

Prof. nzw. dr hab. Bronisław Burlikowski,
burlikowski@vizja.pl; Prof. nzw. dr hab. Henryk Pilus,
pilus@vizja.pl; Dr hab. Anna Wawrzonkiewicz-Słomska,
a.wawrzonkiewicz@op.pl

REDAKTORZY JĘZYKOWI | Language Editors:

Tamara Yakovuk – język rosyjski, tiyakovuk@yandex.ru
Prof. Tamara Yakovuk – język rosyjski, tiyakovuk@yandex.ru
Dr Juraj Žiak – język angielski i słowacki, ziak.juraj@gmail.com
Prof. Ramiro Delio Borges de Meneses – język, angielski,
hiszpański i portugalski, borges272@gmail.com
Mgr Marcin Szawiel – język polski, marcin.szawiel@wp.pl
Mgr Martin Laczek – język angielski, martin.laczek@yahoo.co.uk
Mgr Artur Brudnicki – język angielski i francuski
artur.brudnicki@gmail.com

REDAKTOR STATYSTYCZNY I TECHNICZNY | Statistical Editor:
Kiejstut Szymański

OPRACOWANIE GRAFICZNE, SKŁAD I ŁAMANIE | Graphic design:
Fedir Nazarchuk

RADA NAUKOWA | Scientific Council:

Przewodniczący / Chairman: Akademik Ella Libanova, prof. dr hab. Zdzisław Nowakowski, doc. PhDr. Marek Storoška, Ph.D., Ing. Jiří Koleňák, Ph.D., MBA

CZŁONKOWIE | Members:

Jewgenij Babosov, Olga Bałakiriewa, Olga Budak, Michal Bochin, Olga Březinová, Robert Burcher, Pedro Ortega-Campos, Władimir Czużikow, Pavol Dancak, Nadieżda Deeva, Rudolf Dupkala, Marcel F. Fresco, Vasili Gricenko, Maria-Luisa Guerra, Dieter Grey, Tomáš Jablonský, Tatiana Jefimienko, Dietmar Jahnke, Radek Jurčik, Borys G. Judin, Jindřich Kaluža, Aneta Karageorgieva, Anatolij M. Kołot, Norbert Kan-swohl, Slavomír Laca, Mieczysław Lubański, Richard Lee, Herman Lodewyckx, František Mihina, Piotr Mikołajczyk, Erich Moll, Vassilis Noulas, Abdumialik I. Nysanbajew, David Pellauer, Olena Perełomowa, Jurii Reznik, Michaił Romaniuk, Władimir Sudakow, Wojciech Słomski, Frantisek Smahel, Stanislav Stolárik, Helen Suzane, Alex Tiapkin, Maria Marinicova, Walentyn Wandyszew, Zachraj Wernalij, Peter Vojcik, Patrick Vignol, Luciana Vigne, Igor Zahara, Nonna Zinovieva, Juraj Žiak, Marta Gluchmanova, Małgorzata Dobrowolska, Daniel West, Jaroslava Kmecova, Alexander Belochlavek, Vasil Kremen

Lista recenzentów | List of reviewers:
znajduje się na stronie www.prosopan.pl oraz na końcu numeru

Adres redakcji i wydawcy | Publisher: Instytut Studiów Międzynarodowych i Edukacji Humanum,

ul. Złota 61, lok. 101, 00-819 Warszawa www.humanum.org.pl / Printed in Poland

Co-editor – International School of Management in Prešov (Slovakia)

© Copyright by The authors of individual text

ŻADEN FRAGMENT TEJ PUBLIKACJI NIE MOŻE BYĆ REPRODUKOWANY, UMIESZCZANY W SYSTEMACH PRZECHOWYWANIA INFORMACJI LUB PRZEKAZYWANY W JAKIEJKOLWIEK FORMIE – ELEKTRONICZNEJ, MECHANICZNEJ, FOTOKOPII CZY INNYCH REPRODUKCJI – BEZ ZGODNY POSIADACZA PRAW AUTORSKICH
WERSJA WYDANIA PAPIEROWEGO PROSOPON. EUROPEJSKIE STUDIA SPOŁECZNO-HUMANISTYCZNE JEST WERSJĄ GŁÓWNA, WWW.PROSOPAN.PL

ISSN 1730-0266

Czasopismo punktowane Ministerstwa Nauki i Szkolnictwa Wyższego w Polsce. Lista B, 6 pkt, poz. 1365
The magazine scored by Ministry of Science and Higher Education in Poland. List B, 6 points, pos. 1365

21 (4) / 2017

Prosopon

Europejskie Studia Społeczno-Humanistyczne

Wydawca / Publisher:
Instytut Studiów
Międzynarodowych
i Edukacji HUMANUM
www.humanum.org.pl



21 (4) 2017
ISSN 1730-0266

COPYRIGHT © 2017 BY
PROSOPON
ALL RIGHTS RESERVED

Spis treści

RAMIRO DÉLIO BORGES DE MENESES: A matemática e a desconstrução: segundo Derrida	5
SLAVOMÍR DOLINSKÝ: Platobná neschopnosť zamestnávateľa v Európskom pracovnom práve	31
ŁUKASZ GOMUŁKA: Goethe a Lem	39
YURIY O.KARYAGIN: Ukrainian Concert Culture as needs Undeveloped developing	51
ANDRZEJ MIOUCHOWSKI: Izba Komornicza jako strona w postępowaniu o powołanie komornika	57
PAWEŁ ANDRZEJ NOWOCIEŃ: Komunikacja oraz jej płaszczyzny w funkcjonowaniu Państwowej Staży Pożarnej	77



Ramiro Délio Borges de Meneses

IUCS – Gandra, Paredes, Portugal

A matemática e a desconstrução: segundo Derrida / *Mathematics and deconstruction according to Derrida*

Abstract

The deconstruction is present in the field of Mathematics, from Arithmetic to Geometry. Naturally arises as a method and as a foundation. The deconstruction; affects the whole Mathematics as science of abstract quantity. One of the fundamentals of formal mathematics can reside in deconstruction.

Key words: Jacques Derrida, deconstruction, Mathematics, method, and foundation.

1. INTRODUÇÃO

Segundo Derrida, a desconstrução exige uma dissociação difícil, quase impossível, mas indispensável entre a incondicionalidade (justiça sem poder) e a soberania (o direito, o poder e a força). Porém, a desconstrução está do lado da incondicionalidade, mesmo onde ela parece impossível, e não da soberania, mesmo onde ela parece ser possível¹. A desconstrução tem-se do lado do “sim”, da afirmação da vida, de tal forma que não deverá ceder ao poder ocupante, não cedendo, assim, a qualquer hegemonia. Desta feita, a desconstrução não constitui somente um “acto de resistência”, mas surge de um ato de fé. Ela não é, nem poderá ser unicamente uma análise dos discursos, de enunciados filosóficos ou de conceitos e de uma semântica. A desconstrução deverá ser considerada pelas instituições, pelas estruturas sociais e políticas e pelas mais duras tradições². Um dos saberes, onde a “desconstrução” está presente, refere-se ao mundo da Matemática. Toda ela é um projeto desconstrutivo, dado que busca permanentemente a “invenção” da doença e do doente. A desconstrução, como afirmação e reafirmação

1 Cf. Jacques DERRIDA / Elisabeth ROUDINESCO - *De quoi demain, ... Dialogue*, Paris: Librairie Arthème Fayard et Éditions Galilée, 2001, 153.

2 Cf. Fred POCHÉ - *Penser avec Jacques Derrida. Comprendre la déconstruction*, Lyon: Chronique Sociale, 2007, 55.

do sim do Outro, vive numa “experiência absoluta” do Outro, tal como se passa na relação médico-doente. A Medicina sofre, na sua evolução, do progresso e do insucesso. Constrói-se e desconstrói-se constantemente. Um processo desconstrutivo implica quatro pontos essenciais: 1 - Identificação da construção conceptual de um campo teórico determinado (religião, metafísica, teoria ética, medicina, etc.), que utiliza habitualmente uma ou mais pares irreduzíveis; 2 - Coloca a ordem hierárquica dos pares; 3 - Apresenta-se por ordem inversa dos pares, mostrando que os termos de baixo (o material, o particular, o temporal, o feminino, o doente, etc.) poderão ser, com razão, dispostos em cima, no lugar do espiritual, do universal, do eterno, do masculino, da saúde); 4 - Finalmente, a inversão declara que o ordenamento hierárquico reflete certas escolhas ideológicas, mas que não correspondem a caracteres intrínsecos nos pares. Com efeito, se as duas primeiras ações consistem em descrever uma construção conceptual dada; as duas seguintes visam “déformer” (deformar, alterar), reformar e, conclusivamente, transformar³ A Senhora Professora Fernanda Bernardo, no posfácio à tradução portuguesa de *L’Université sans condition*, de Jacques Derrida, refere “ Mas, a própria matemática (a desconstrução é também uma maneira de *bem contar*), a arquitetura e, naturalmente, a medicina não poderiam também deixar de se sentirem interpeladas pela mesma *profissão de fé* derridiana”⁴ Mas, como veremos, a Matemática é muito mais do que Aritmética, devido à suas generalizações provenientes da Álgebra e da Análise Matemática.

2. A DESCONSTRUÇÃO: O QUE É SEGUNDO DERRIDA

A hospitalidade, segundo Derrida, será, em primeiro lugar, a exposição incondicional e incalculável ao que “acontece”, à vinda do que vem. Logo, o “que quer que seja” é o acontecimento singular, surpreendente, excecional, excessivo. A este, Derrida chama “tout autre” (totalmente outro) ou “autre absolu” (outro absoluto), porque absolutamente único e separado do horizonte intencional e do tempo cronológico. Acolhê-lo seria acolher para lá da capacidade do “acolhimento”, seria acolher mais do que é possível “acolher. Na verdade, a hospitalidade incondicional ou o “acolhimento do absolutamente outro” é impossível, porque é impossível ter lugar num espaço-tempo determinado. Se o evento é, para Derrida, a vinda do absolutamente Outro, que chega ou acontece, então ele não pode ser senão impossível. A lei da hospitalidade, como lei incondicional, vive-se ilimitadamente ao dar ao “chegante” toda a “sua casa”, sem lhe pedir nem o nome, nem contrapartidas, nem realizar a menor condição. Ela poderá colocar-se num movimento de progresso, mas ela ser-lhe-á, também, estranhamente heterogénea, uma vez que a justiça é heterogénea ao direito, onde ela é, próxima e, na verdade, indissociável. Com efeito, o direito de hospitalidade, segundo o pensamento derridiano, compromete uma casa, uma linguagem, uma família ou uma etnia. Segundo o pensador-filósofo, a possibilidade da hospitalidade é sustentada pela sua impossibilidade. Interpretando o pensamento de Derrida, a hospitalidade surge como possibilidade

3 Cf. *Ibidem*, 54.

4 Jacques DERRIDA – *A Universidade sem Condição*. Tradução portuguesa de Américo António Lindeza Diogo, Águeda: Angelus Novus, 2003, posfácio, 112.

do estar dentro ou no interior da possibilidade. Logo, será a possibilidade da impossibilidade. A impossibilidade é o idioma da desconstrução. A desconstrução é a anacronia na sincronia e será um modo de correspondermos a qualquer coisa “out of joint”⁵ Com efeito, segundo a carta a um “amigo japonês”, a desconstrução não se reduzirá a qualquer instrumentalidade metodológica, a um conjunto de regras e de procedimentos transponíveis. Surge, pois, como meta-método, segundo a nossa crítica. Esta não é mesmo um ato ou uma operação. Ela tem em si alguma coisa de “passivo”.⁶ Na verdade, a desconstrução não é, simplesmente, a decomposição de uma estrutura arquitetural. Será antes uma questão sobre o fundamento, sobre a relação fundamento/fundado, referindo-se à vedação da estrutura, sobre toda uma arquitetura da filosofia, não sobre uma tal ou qual construção, mas sobre o motivo arquitetônico do sistema⁷ A desconstrução será formada como modalidade da autocrítica interna da filosofia⁸. Com efeito, a desconstrução conduz a um projeto generalizador da filosofia pela descoberta dos seus próprios limites. Em nome do Outro, a desconstrução afronta os edifícios do mesmo. A operação desconstrutiva não é somente analítica ou somente crítica – quer dizer capaz de decidir entre dois termos simples, mas trans-analítica, ultra-analítica ou mais do que crítica.⁹ A desconstrução é a marca da “différance”, como um movimento, no qual a distinção do espaço e do tempo ainda não chegou.¹⁰ Com efeito, a “différance” é não somente irreduzível a toda a reapropriação ontológica ou teológica, mas abrindo o espaço no qual o onto-teológica produz o seu sistema e a sua história. A ordem da “différance”, a ordem da resistência a oposições, não será somente aquilo que resiste, mas aquilo que abre o jogo das forças opostas ou a própria resistência encontra o seu lugar. Juntamente com Roudinesco, poderemos asseverar que a desconstrução é, de certo modo, resistir à tirania do Um, do *logos*, da metafísica ocidental, na própria língua em que é enunciada com a ajuda do próprio material deslocado, movida por fins de reconstruções cambiantes.¹¹ Com efeito, a desconstrução é entendida como uma expressão teórica, que pretende minar as correntes hierárquicas, sustentadoras do pensamento ocidental, tais como: dentro/fora, corpo/alma, fala/escrita, presença/ausência, etc. A desconstrução é o caminho do “por vir” da Palavra. Desta feita, a desconstrução é uma “paixão inventiva”, tanto do criador literário quanto do filósofo. Esta, como “invenção”, só pode ser pensada juntamente com o dom. Com efeito, a desconstrução é um pensamento catártico de contaminação. A desconstrução surge como aquilo que recusa toda a exterioridade à linguagem e ela reconduzirá tudo à interioridade da linguagem.¹² A desconstrução não se limita nem a uma reforma metodológica tranquilizadora, para uma dada organização, nem inversamente a uma exibição da destruição irrespon-

5 Jacques DEERRIDA/ Maurizio FERRARIS – *O Gosto do Segredo*. Tradução de Miguel Serras Pereira, Lisboa: Fim de Século, 1997, 138.

6 Cf. Jacques DERRIDA – *Psyché: Invention de l'autre - II*, Paris: Éditions Galilée, 12

7 Cf. Jacques DERRIDA – *Points de suspension, Entretiens*, Paris: Éditions Galilée, 1992, 224-225.

8 Cf. Jacques DERRIDA – *Du droit à la philosophie*, Paris: Éditions Galilée, 1990, 118.

9 Cf. Jacques DERRIDA/ Antoine SPIRE – *Au delà des apparences*, Paris: Le Bord de L' Eau, 2002, 20, 22.

10 Cf. *Ibidem*, 43.

11 Cf. Jaques DERRIDA / Elisabeth ROUDINESCO - *De quoi demain ... Dialogue*, 9.

12 Cf. Jacques DEERRIDA/ *Moscou Aller/Retour*, Paris : Éditions de l' Aube, 1995, 108.

sável.¹³ A desconstrução não será jamais um conjunto de procedimentos discursivos e ainda menos um novo método hermenêutico, trabalhando sobre os arquivos ou exposições de refúgio de uma dada instituição¹⁴ A desconstrução derridiana revela-se como uma desconstrução dos fundamentos arqueo- onto- lógicos da ocidentalidade filosófico-cultural.¹⁵ Não sou eu que desconstruo, é a experiência de um mundo, de uma cultura, de uma tradição filosófica, à qual “acontece” qualquer coisa a que se chama “desconstrução”. Aquilo que acontece, acontece desconstruindo-se.¹⁶ Na perspectiva de Derrida, a desconstrução nem se poderá limitar ou passar imediatamente a uma neutralização, ela deverá ser, por um duplo gesto, uma dupla ciência, uma dupla escrita e praticar uma ruína da oposição clássica e um deslocamento geral do sistema. Talvez a desconstrução deva ser entendida como a tentativa de prestar contas de uma variedade heterogênea de contradições não-lógicas e de in-egualdades discursivas, de todos os lados e de todas as sortes, que continua a assombrar o debate filosófico. A desconstrução é pensamento do “talvez”, um pensamento contaminado. É um pensamento do impossível, da incondicionalidade e da interrupção, da interrupção ininterrupta. Derrida lembra-nos que a desconstrução introduz um *e* de associação e de dissociação no próprio coração de cada coisa. A desconstrução será um “pensamento por vir”. Assim, a desconstrução manifesta-se como uma “meditação re-inventiva e re-criativa”. A desconstrução pode afirmar-se como pensamento da afirmação¹⁷ A tarefa de uma memória histórica e interpretativa está no coração da desconstrução.¹⁸ A desconstrução obedece inegavelmente a uma “exigência analítica”. Ela é uma “dissociação hiperanalítica”.¹⁹ A desconstrução é o pensamento do pensamento. É a meditação ou a imaginação inventiva. Aquilo a que chamo (Derrida) desconstrução, mesmo quando é dirigida contra qualquer coisa da Europa, é europeia, é um produto, uma relação a si da Europa como experiência da alteridade radical.²⁰ Acontece que, como pensamento da hiper-responsabilidade, a desconstrução é, por isso, desde sempre, um hiper-questionamento da origem, dos fundamentos e dos limites do aparelho conceptual e normativo da nossa cultura, como algo de incondicional.²¹ A hospitalidade incondicional revela-se como o acolhimento do acolhimento. A hospitalidade, segundo o pensamento de Derrida, é um “por vir” da amizade. Não há *philein* sem escuta.²² Segundo a posição de Derrida, a escuta é constitutiva do discurso.²³ A escuta (das Hoeren), em sentido autêntico, é uma reunião, um recolhimento de si, em direção à palavra, que nos é endereçada.²⁴ A desconstrução afeta toda a realidade e é concreta. A desconstrução acontece,

13 Cf. Jacques DERRIDA – *Points de suspension*, 224-225.

14 Cf. *Ibidem*, 424.

15 Cf. Fernanda BERNARDO – “A crença de Derrida na justiça: Para além do direito, a justiça”, *Agora, Papeles de Filosofia*, 28/2 (2009) 70.

16 Cf. Jacques DERRIDA/Maurizio FERRARIS – *O Gosto do Segredo*, 135.

17 Cf. Jacques DERRIDA – *Points de suspension, Entretiens*, Paris: Éditions Galilée, 1992, 198.

18 Cf. Jacques DERRIDA – *Força de Lei*, 33.

19 Cf. Jacques DERRIDA – *Résistances de la psychanalyse*, Paris: Éditions Galilée, 1996. 41-42.

20 Cf. Jacques DERRIDA – *Aprender Finalmente a Viver*. Tradução de Fernanda Bernardo, Coimbra: Ariadne Editora, 2005, 46.

21 Cf. *Ibidem*, 57.

22 Cf. Jacques DERRIDA – *Políticas da Amizade. Seguido de O Ouvido de Heidegger*. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 1994. 338, 346.

23 Cf. *Ibidem*, 325.

24 Cf. *Ibidem*, 345.

desde a quantidade abstrata, pela Matemática, até ao mundo concreto da política ou da economia.

3. SENTIDO CLÁSSICO DO NÚMERO

Segundo Pitágoras e seus seguidores, o mundo era uma harmonia resultante de certas leis e relações numéricas, havendo uma equação entre as coisas e os números. Assim será o próprio Pitágoras que cria os números pares e ímpares, que corresponderiam ao ilimitado e ao limitado e seria uma das primeiras séries de princípios opostos, que suporia o dualismo característico da Escola.²⁵ Ao número “dez”, produto da adição dos quatro primeiros, atribuíam especial significado e era a “tetractys” pela qual juravam. No domínio da teoria dos números podem ainda citar-se outras descobertas: a tábua de Pitágoras, a média aritmética, geométrica e harmónica, bem como o conceito de número irracional (pelo menos o número $\sqrt{2}$). Na geometria sobressaem o estudo de alguns sólidos e o teorema de Pitágoras. Segundo Pitágoras, qualquer dos três números inteiros são maiores do que zero, de forma que o quadrado de um será igual à soma dos quadrados dos outros dois (ex.: 3, 4, 5, 12 e 13). Os “números pitagóricos” constituem as soluções da equação $x^2 + y^2 = z^2$ como única das equações, onde x é um inteiro maior do que um, que segundo Fermat tem solução.²⁶ O conceito de número tem preocupado matemáticos e filósofos ao longo de séculos. Embora a ideia de número seja anterior à criação das palavras para o designar, pode dizer-se que o desenvolvimento da ideia caminhou a par com o da respetiva linguagem. Mas, durante longos séculos, as primeiras palavras, como se encontravam designados os números, ligavam-se a objetos concretos e traduzidos à letra significariam “uma pedra”, “duas pedras”, etc. Só muito mais tarde é que se conseguiu um grau de abstração, que permitiu pensar em “dois” ou “três”, independentemente da natureza dos objetos que constituem os conjuntos com esse número de elementos. Entre várias etapas do número inteiro positivo chegou-se aos híper-complexos e números transfinitos de Cantor, que resultaram da necessidade de comparar conjuntos. Este será a essência da “quantidade abstrata” como o objeto material da Matemática. O Número tem uma “lógica”, quer quanto ao fundamento, quer quanto à sua operatividade formal, que torna o número *secundum rationem quantitatis*.²⁷

25 Cf. G. S. KIRK; J. E. RAVAN, *The Presocratic Philosophers*, Cambridge, University Press, 1957, 10-15.

26 W. K. C. GUTHRIE, *A History of Greek Philosophy*, I, Cambridge, At the University Press, 1952, 12-25.

27 Cf. W.W. ROUSE BALL -, *A Short Account of the History of Mathematics*, New York: Dover Publications, INC., 1960, 19- 33.

Pitágoras, ao fazer o cálculo da diagonal triangular em função do lado da unidade, descobriu que era incomensurável. Assim, o símbolo $\sqrt{2}$ surge como enigmático, irracional e torna incompatível a relação formal entre a geometria e a aritmética. A Escola Pitagórica não pôde resolver o paradoxo por causa da análise errada sobre o – contínuo -. O matemático de Samos entendia o “espaço matemático” composto por um número infinito de pontos extensos. Assim estaríamos perante as “nómadas” que, ainda hoje, são a miragem de certas análises topológicas. [Cf. V. M. DE SOUSA ALVES, *Ensaio de Filosofia das Ciências*, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia, 1998, 217-218].

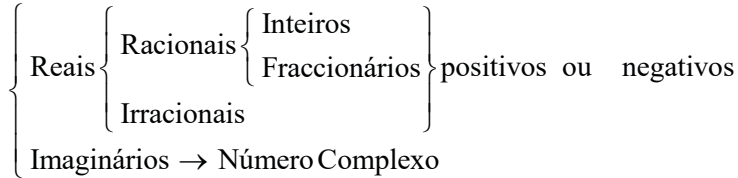
4. GRAUS ANALÓGICOS DO NÚMERO

Poderemos anotar os graus essenciais como: números inteiros positivos (números naturais) já numa fase em que se tinha encontrado a ideia de infinito potencial, dado que depois de cada inteiro, há sempre outro. Assim surgem os números inteiros positivos, negativos e o “zero”. Os números racionais incluem os inteiros e os fracionários. Logo, os números reais (racionais e os irracionais) e os números complexos caracterizam a grande generalização do “número”. No Papiro de Almés, século XVI a. C., já se descrevia uma teoria satisfatória das frações, que pressupõe uma longa evolução, ao passo que os números negativos, que apareceram nos cálculos através de subtrações, só foram incorporados, nas matemáticas, no século XVI com propriedades bem definidas. Todavia, os números irracionais surgiram, pela 1ª vez, com a escola pitagórica (século VI a. C.) quando, ao pretenderem exprimir o comprimento da diagonal de um quadrado, tomando o lado por unidade, se encontraram perante uma situação diferente de todas as que conheciam pela existência de números que não seriam cocientes de inteiros. Contudo, em vez de aceitarem a dificuldade como desafio do número natural, como essência de todas as coisas e procurar as suas causas, talvez tivesse antecipado uma estruturação dos números irracionais, passaram a tratar todos os números como “comprimentos”. Só 25 séculos depois dos pitagóricos veio a ser desenvolvida uma teoria adequada dos “números irracionais” por Weierstrass e Dedekind.²⁸ Com o progresso da matemática, começaram a surgir, em certos cálculos, expressões da forma: $a + \sqrt{-b}$, com a e b “reais” a b “positivos”. Já no século XVI se operava com elas, aplicando-lhes as regras que se conheciam para: $a + \sqrt{b}$. Embora se ignorasse que interpretação se deveria dar ao “número” $\sqrt{-b}$, não raras vezes se obteriam resultados correctos para os problemas a resolver nas raízes da equação do terceiro grau. Assim, a equação tem três raízes reais que eram calculadas por Tartaglia por meio de uma formula que envolvia \sqrt{A} . Os novos números foram designados como “imaginários” por oposição aos números reais. Mas, depois da sua expressão lógica conseguida no século XIX, estes números, agora batizados de “complexos”, pela terminologia de Gauss (compostos de parte real e parte imaginária), passaram a ter importantes aplicações em situações reais ora em física, ora em engenharia. Uma das preocupações foi dar uma ideia de como é possível desenvolver, logicamente, uma “teoria do número”. Ao pretender-se desenvolver uma teoria matemática do número tomamos, como ponto de partida, conceitos primitivos e definições segundo preposições, como verdadeiras e indemonstráveis, pela semântica

28 A resolução da radiação $\sqrt{6}$ a, logaritmação ($\log_2 6$) e os números transcendentos (π, ϵ, \dots) determinaram a terceira generalização: o número real. Contudo, o número irracional não parece definível por uma só sucessão transfinita e convergente à Cauchy, de quocientes racionais, porque a operação de passagem ao limite da Análise (criada por Newton e Leibniz) não pode actualizar um limite impensável. Mas poderá ser o limite comum e simultâneo de duas sucessões, convergentes uma crescente e outra decrescente. Al não-existência de limites dos números irracionais e transcendentos é uma potência pura que estrutura a essência do contínuo aritmético. Por isso, Dedekind e os intuicionistas, inspirados na Análise Topológica, postularam um limite de continuidade para completar a lacuna. (D. VERNANT, *La philosophie mathématique de Russell*, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1993, 123-146).

lógica (leis lógicas ou axiomas) axiomática. Daqui vão surgir teoremas a partir dessas regras lógicas e assim surgirá a axiomática do Número²⁹.

A sistemática exige diferentes espécies de números e podem classificar-se no quadro sinóptico:



Com efeito, o sistema dos números reais (R) forma um “corpo ordenado”, denso e contínuo. Possui a potência do contínuo geométrico pela correspondência biunívoca.

Trata-se de um par ordenado de números reais conectados com a unidade imaginária $\sqrt{-1} = i = (0,1)$. Mas, o operador simbólico i , que representa o sentido rotacional do tempo, determinará epistemologicamente uma relação incognoscível.³⁰ O sistema dos números complexos {C} fecha e satura a Aritmética. Logo, o processo da generalização aritmética implica uma dialética construtiva de novos símbolos, isto é, uma lógica generalizadora de novas espécies de números, que continuam a obedecer às leis formais do cálculo.³¹ O sentido do número inspira-se, inicialmente, na sua construção no número natural, que será símbolo de generalização de potência igual à unidade, porque representa uma extensão ou unidade lógica de entes formais distintos. Revelando-se, ainda, qualquer destes símbolos de conjuntos, por novas variáveis algébricas (a, b, \dots, x, y, \dots), aparecem como símbolos de símbolos, generalizados à potência 3.³² O valor do número obrigou a que, tal como a distribuição de Schwart se generalize o conceito de função, da mesma forma o número complexo generalizou o número real. Os números complexos ($a+bi$) sofreram nova generalização, denominada de “hipercomplexos” de que são exemplo os “híper-complexos”, representados pelos “quaterniões” de Hamilton, bem como as matrizes. Os primeiros foram descobertos em 1843 e são da seguinte forma: $a + bi + cj + dk$; com: a, b, c e d , definidos como números reais:

$$i^2 = j^2 = k^2 = -1; ij = -ji = k$$

$$jk = kj = i; k = -ik = j$$

Com efeito, as “matrizes” foram desenvolvidas por Hamilton e, simultaneamente, pelos matemáticos britânicos Sylvester e Cayley.³³

29 Cf. L. A. CERQUEIRA; A. OLIVA, *Introdução à Lógica*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979, 18-25.

30 Cf. V. M. DE SOUSA ALVES, *Ensaio de Filosofia das Ciências*, 220.

31 Cf. E. BELL, *The Development of Mathematics*, New York, Mc Graw- Hill, 1940, 20-28.

32 Tomando as próprias operações e sinais para relações de operações indeterminadas, chegaremos às últimas extensões da actual matemática.

33 Chama-se “matriz” ao conjunto ordenado desses números, dispostos em “m” linhas e “n” colunas. In genere, representa-se uma matriz, encerrando os números, que se dizem “elementos da matriz”, entre quatro traços verticais, dois de cada lado:

5. TEORIA DOS NÚMEROS COMPLEXOS

Diz-se número complexo de Cauchy a todo o conjunto de números reais, considerado por uma certa ordem, satisfazendo as definições de igualdade, desigualdade e operações a seguir especificadas. Para representar um complexo de Cauchy, que é um número complexo a duas unidades, utilizaremos os símbolo $[a, b]$, em que a e b , números reais, estão referidos a unidades diferentes. O número escrito à esquerda (a) será designado por 1º elemento e o outro à direita (b) por 2º elemento.³⁴ Dois complexos são iguais se os primeiros e segundos elementos o forem, respetivamente. Assim será: $(a, b) = (c, d)$ se $a = c$ $b = d$

Quando estas duas condições não se verificam simultaneamente, os dois complexos são “desiguais”, querendo dizer-se que os dois complexos são desiguais em qualquer das três hipóteses: $a \neq c$; $a = c$; $a \neq c$ $b = d$; $b \neq d$; $b \neq d$

O número complexo (a, b) diz-se igual ao número real r , quando se derem as condições: $a = r$; $b = 0$. Com efeito, diz-se “soma” de dois complexos, cujo primeiro e segundo elementos são, respetivamente as somas dos primeiros e segundos elementos dos complexos dados: $(a, b) + (c, d) = (a+c, b+d)$. Mas, dados os complexos (a, b) , diminuído e diminuidor, diz-se “diferença” (excesso ou resto) dele. O “complexo” (x, y) , de cuja soma com o diminuidor resulta o diminuendo, será: $(c, d) + (x, y) = (a, b)$. Por definição de soma de complexos de igualdade de complexos será:

$$c+y = a \quad x = a-c$$

$$d+y = b \quad y = b-d$$

$$\text{Logo, } (a, b) + (c, d) = (a-c, b-d)$$

A diferença de dois complexos é um complexo, cujo 1º elemento será a diferença entre os primeiros elementos do diminuendo e do diminuidor e cujo 2º elemento é a diferença entre os segundos elementos dos mesmos.³⁵ Dados dois complexos (a, b) e (c, d) , diz-se “produto” deles o complexo, cujo 1º elemento é $ac - bd$ e o 2º elemento será $ad + bc$. É, pois, $(a, b) - (c, d) = (ac - bd, ad + bc)$. O produto de mais de dois fatores obtém-se por aplicação sucessiva da definição no produto de dois complexos. Assim, o produto de três complexos será o complexo que se obtém, multiplicando o terceiro pelo produto dos dois primeiros. De modo análogo, atua-se em relação à soma de mais de dois complexos. Em particular, a soma de

$$\left\| \begin{array}{cccc} a_1^1 & a_1^2 & \dots & a_1^n \\ a_2^1 & a_2^2 & \dots & a_2^n \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ a_m^1 & a_m^2 & \dots & a_m^n \end{array} \right\|$$

(Cf. A. KUROSH, Higher Algebra, translated from the russian, Moscow, Mir, 1975, 87-93).

34 Cf. H. COMMISSAIRE; G. CAGNAC, *Cours de Mathématiques Spéciales*, I, Paris, Masson et C^{ie}, 1954, 60-63.

35 *Ibidem*, 65-70

três complexos é o complexo que se obtém adicionando o terceiro à soma dos dois primeiros.³⁶ Dados dois complexos [(a, b) dividendo e (c, d) divisor], dizem-se “quocientes” deles o complexo (x, y), que, multiplicado pelo divisor, reproduz o dividendo. Logo:

$$(c, d) \cdot (x, y) = (a, b)$$

Por definição do produto de complexos:

$$cx - dy = a$$

$$cy - dx = b$$

Daqui resulta a solução em ordem a x e a y:

$$x = \frac{ac + bd}{c^2 + d^2} \quad y = \frac{bc - ad}{c^2 + d^2}$$

É pois:

$$(a, b) : (c, d) = \left(\frac{ac + bd}{c^2 + d^2}, \frac{bc - ad}{c^2 + d^2} \right)$$

Se o divisor é nulo, o que, por definição de igualdade dum complexo a um número real, acarreta: $c = 0$ e $d = 0$. Logo, teremos $c^2 + d^2 = 0$. A divisão é impossível, consoante a, b não são ou são ambos nulos. Pois que, nas mesmas condições, é impossível ou indeterminado o sistema que fornece x e y. De facto este sistema, sendo c e d nulos, escreve-se:

$$0 \cdot x - 0 \cdot y = a$$

$$0 \cdot x + 0 \cdot y = b$$

E se a e b não são nulos, o sistema é impossível. Se a e b são ambos “nulos”, o sistema toma o aspeto:

$$0 \cdot x - 0 \cdot y = 0$$

$$0 \cdot x + 0 \cdot y = 0$$

surge como valor indeterminado.³⁷

A potência de expoente n, inteiro e positivo de um “complexo” (a, b), é produto de n com fatores iguais a (a, b):

$$(a, b) = \frac{(a, b) \cdot (a, b) \dots (a, b)}{n(\text{vezes})}$$

Quando for $n = s$, acontece para os números reais: $(a, b) = (a, b)$

36 Cf. F. SEVERI, *Lecciones de Análisis*, tradução do italiano, Barcelona: Editorial Labor, 1962, 98-102.

37 Cf. *Ibidem*, 102-105

Com efeito, a raiz de índice inteiro, dum complexo (a, b) , é um “complexo” (x, y) que levado à potência n reproduz (a, b) :

$$\sqrt[n]{(a, b)} = (x, y) \rightarrow (x, y)^n = (a, b)$$

Tal como para os números reais, a potenciação generaliza-se aos casos do expoente ser nulo, negativo ou fracionário segundo as definições:

$$(a, b)^0 = 1; \quad (a, b)^{-m} = \frac{1}{(a, b)^m}$$

$$(a, b)^{p/a} = \left(\sqrt[a]{(a, b)} \right)^p$$

6. O NÚMERO COMPLEXO PELA ESCRITA ALGÉBRICA

A lógica extensiva da “quantidade abstrata”, para o número complexo, implica uma leitura algébrica do mesmo. Qualquer “número complexo” (a, b) é a soma de dois corpos reais $(a, 0)$ e $(0, b)$ e por definição de soma, será: $(a, 0) + (0, b) = (a+0, 0, b) = (a, b)$. Qualquer número complexo da forma (a, b) é o produto do número real b pelo complexo $(0, 1)$. Como o quadrado do número $(0, 1)$ é igual a $(0, 1)^2 = (0, 1) \cdot (0, 1) = (0, 0-1, 1, 1, 0+0, 1) = -1$. Surge assim um mínimo $(0, 1)$ com uma propriedades singular. O seu quadrado é o número negativo: -1 . O número complexo $(0, 1)$ representa-se pelo símbolo: i

$$(0, 1) = i$$

Assim diz-se “unidade complexa” ou “unidade imaginária”. A unidade imaginária fica, portanto, definida como “número complexo” cujo quadrado será igual a -1 .³⁸ Um número complexo (a, b) poderá escrever-se, sendo a e b números reais, da seguinte forma: $a+bi$. Indica-se assim: $(a, b) = (a, 0) + (0, b) = a+b \cdot (0, 1) = a+bi$. Daqui surge a notação algébrica dos complexos. Por meio desta, evidencia-se o facto dos “complexos” serem duas unidades. O número complexo aparece-nos, agora, como soma das duas parcelas referidas a unidades diferentes. Teremos a porção real $- a -$, referida à Aritmética, e a parcela bi referida à unidade “complexa”: i . Consideramos a soma $(a+bi) + (c+di)$, se tratarmos as parcelas como expressões da álgebra elementar. A soma será colocando o factor comum i em evidência em $(a+c) \cdot (b+d) i$. Se aplicarmos a definição da adição aos complexos (a, b) e (c, d) , escreveremos a soma sob a forma algébrica. Seja o produto $(a+bi) \cdot (c+di)$, voltarmos a supor que estamos tratando entidades algébricas elementares: $(a+bi) - (c+di) = ac+adi+bci+bdi^2$. Atendendo a que é, por definição, $i, i^2 = -1$ e pondo i , em evidência, virá $(a+bi) - (c+di) = ac-bd+ (bc+ad) i$. Se tratarmos a notação algébrica dos números complexos como expressão algébrica, então aplicaremos à soma e produto dos complexos. Pelas regras da álgebra, com a condição de ser: $i^2 = -1 \cdot (i = \sqrt{-1})$, obteremos os mesmos resultados pela aplicação das definições

38 Cf. A. PEREIRA RODRIGUES, *Lições de Matemática*, 1ª parte, tomo I, Porto, Porto Editora, 1949, 108-110.

dadas. As regras de cálculo da álgebra elementar só são válidas quando: a, b, c, d e i forem reais, o que não acontece por i ser um número complexo com características bem diferentes das dos números reais.³⁹. Vamos ver que i^n , para n-inteiros, só tem quatro valores distintos. De facto, supondo n-positivo, serão q o quociente e r o resto da divisão de n por 4. Na verdade, teremos: $i^n = i^{4q+r} = i^{4q} \cdot i^r = (i^4)^q i^r = i^r$

Como r só pode ter os valores 0, 1, 2, 3, i^n , então tem quatro valores distintos:

$$i^0 = 1, i^1 = i = i^2 = -1$$

$$i^3 = i^2 \cdot i = -i$$

Se n é negativo, começamos por aplicar uma definição e depois os resultados anteriores. Assim: $i^{-72} = 1/i^{72} = 1/i^{4 \cdot 18} = 1/i^0 = 1$; $i^{-3} = 1/i^3 = 1/-i$.

Se a divisão for $\frac{a + bi}{c + di}$, ao multiplicarmos ambos os termos da fracção pelo conjugado do denominador, virá:

$$\frac{a + bi}{a + di} = \frac{(a + bi)(c - di)}{(c + di)(c - di)} = \frac{ac + bd + (bc - ad)i}{c^2 + d^2} = \frac{ac + bd}{c^2 + d^2} + \frac{bc - ad}{c^2 + d^2}i$$

Este resultado está de acordo com a definição de divisão de “complexos”. Mas, esta conformidade de resultados justifica, implicitamente, a multiplicação de ambos os termos de uma fracção por um complexo e surge a propriedade que já utilizámos no fim da alínea anterior.

Sendo n inteiro e positivo, consideremos $(a+bi)^n$, que será por definição:

$$(a + bi)^n = \underbrace{(a + bi) + \dots + (a + bi)}_{n\text{-vezes}}$$

Utilizando as regras da Álgebra Elementar, apliquemos à potência proposta a fórmula do binómio de Newton:

$$(a + bi)^n = a^n + n \cdot a^{n-1} (bi) + \frac{n(n-1)}{2} \cdot a^{n-2} \cdot (bi)^2 + \dots + (bi)^n$$

Agora i^n só tem, para os diferentes valores 1, i-1, -i, se separarmos as parcelas que contêm i das que o não contêm e colocarmos, em evidência, o “fator comum” i. Obteremos: $(a+bi)^n = A+Bi$ em que A e B são números reais, resultado a que chegaríamos a partir da definição, se tivéssemos efetuado os sucessivos produtos de $(a+bi)$. Calcular uma potência de expoente inteiro e negativo: $(a+bi)^{-m}$ não será mais do que aplicar a definição:

$$(a + bi)^{-m} = \frac{1}{(a + bi)^m}$$

39 Cf. *Ibidem*, 110-113.

Ao calcular a raiz quadrada do complexo $(a+bi)$, chamaremos $(x+yi)$ a essa raiz e teremos:

$$\sqrt{a+bi} = x + yi$$

ou, quadrando:

$$a + bi = (x + yi)^2$$

$$x^2 + 2xyi - y^2 = a + bi$$

Donde, por definição, de “igualdade” surgirá:

$$x^2 - y^2 = a \quad e \quad 2xy = b$$

Resolvendo este sistema em x e y , obteríamos duas soluções para cada uma das quais corresponderia uma “raiz quadrada” de $(a+bi)$ e teríamos, assim, duas raízes.

Proponhamos, logo, calcular a raiz cúbica de $(a+bi)$. Se chamarmos $(x+yi)$ ao resultado, virá:

$$x + yi = \sqrt[3]{a + bi}$$

Elevando ao cubo:

$$(x+yi)^3 = a + bi$$

$$x^3 - 3y^2x + (3x^2y - y^3)i = a + bi$$

$$x^3 - 3y^2x + (3x^2y - y^3)i = a + bi$$

Por definição de igualdade, teremos:

$$x^3 - 3y^2 = a$$

$$3x^2y - y^3 = b$$

É um sistema cuja solução em ordem a x e y resultaria no conhecimento da proposta raiz. Será manifesto que surgem as dificuldades de solução do sistema em x e em y , ao aumentam índice da raiz.⁴⁰ Assim, as dificuldades de solução do sistema em x e y aumentam com o índice da raiz. Há, pois, impossibilidade de efetuar a “radiciação”, usando a notação algébrica. Dessa impossibilidade resultou o estabelecimento da forma trigonométrica dos complexos. Dado o complexo $a+bi$, procuraremos dois números reais: ℓ e α , sendo ℓ positivo, tal que seja: $a+bi = \ell (\cos \alpha + i \cdot \sin \alpha)$. Logo, poderemos escrever: $a+bi = \ell \cos \alpha + i \ell \cdot \sin \alpha$, donde, por definição de igualdade surgirá:

$$\ell \cdot \cos \alpha = a$$

$$\ell \sin \alpha = b$$

40 Cf. F. SEVERI, *Lecciones de Análisis*, 104-105.

Quadrando e somando, virá:

$$\ell^2(\sin^2\alpha + \cos^2\alpha) = a^2 + b^2; \quad \ell^2 = a^2 + b^2; \quad \ell = \pm\sqrt{a^2 + b^2}$$

ou ainda:

$$\ell > 0$$

$$\ell = \sqrt{a^2 + b^2}$$

Fazendo intervir o valor de ℓ , no sistema anterior, teremos:

$$\cos \alpha = \frac{a}{\sqrt{a^2 + b^2}}$$

$$\sin \beta = \frac{b}{\sqrt{a^2 + b^2}}; \quad \operatorname{tg} \alpha = \frac{b}{a}$$

Ora, qualquer que seja α , virá:

$$\cos^2\alpha \leq 1; \quad \sin^2\alpha \leq 1;$$

$$\sin^2\alpha + \cos^2\alpha = 1$$

Para que seja sempre possível a determinação dos números ℓ e α , correspondentes a um “complexo” $a+bi$, é necessário que as expressões anteriores verifiquem, separadamente, as desigualdades ($\cos^2\alpha \leq 1$) e, conjuntamente, a identidade:

$$\sin^2\alpha + \cos^2\alpha = 1$$

É claro que, dado um complexo $a+bi$, a equação

$$\ell = \sqrt{a^2 + b^2}$$

conduz a um único número ℓ , que se diz “módulo” do complexo dado.

Na verdade, o mesmo não acontece com a determinação do número α , dado que, com os senos e os cosenos iguais, os valores são dados por:

$$\cos \alpha = \frac{a}{\sqrt{a^2 + b^2}}; \quad \sin \alpha = \frac{b}{\sqrt{a^2 + b^2}}.^{41}$$

Manifestamente, uma das n -raízes de índice n dum número real positivo é, necessariamente, um número real. A radiciação de um número negativo pode conduzir ou não a uma raiz real. Mas, a radiciação de um número complexo nunca poderá conduzir a raízes reais, visto que a potência de expoente inteiro e positivo dum número real é um número real e, por definição, raiz de índice n dum complexo. Concluimos, pois, que se houver raízes reais só podem provir da radiciação de

41 Cf. F. AYRES, *Trigonometria (plana e esférica)*, tradução do inglês, S. Paulo, Mc Graw-Hill, 1979, 234-242.

números reais. A discussão sobre as condições das raízes reais e qual o seu número poderá resumir-se no quadro seguinte:

$$\text{raiz de índice } n \left\{ \begin{array}{l} \text{de um } n^{\text{o}} \text{ real positivo} \left\{ \begin{array}{l} n \text{ par} - 2 \text{ raízes reais } (K = 0; K = n/2) \\ n \text{ ímpar} - 1 \text{ raíz real } (K = 0) \end{array} \right. \\ \text{de um } n^{\text{o}} \text{ real negativo} \left\{ \begin{array}{l} n \text{ par} - 0 \text{ raízes reais} \\ n \text{ ímpar} - 1 \text{ raíz real } (K = n/2) \end{array} \right. \end{array} \right.$$

7. GENERALIZAÇÃO DO NÚMERO

As diferentes espécies de números, entidades fundamentais das ciências matemáticas, formaram-se a partir do conceito-base do número inteiro. Estes números foram os primeiros a serem conhecidos como elementos fundamentais da “teoria do número” formando a Aritmética Superior. Foi o cálculo das operações inversas que conduziu às ampliações sucessivas do conceito de número. Logo, a primeira generalização foi realizada pelo “número inteiro”, dado que o número natural (classe de classes) não resolvia a equação aditiva: $a + x = b$, com $b \leq a$.⁴²

Os números inteiros, fracionários, irracionais e negativos constituem um conjunto com a designação de “números reais”. Finalmente, poderemos definir outra categoria de números, os complexos de Cauchy, que devem, à singularidade da sua constituição, a designação imprópria de “imaginários”. Em primeiro lugar, aparecem os números inteiros e positivos (números naturais), constituindo a sucessão dos números: 1, 2, 3, 4, ... Logo, o “número inteiro” é o que exprime o resultado de uma “medição”, quando a unidade cabe num número exato de vezes na grandeza a medir. Se contarmos os objetos de uma coleção, o resultado da contagem será um número inteiro. Suponhamos que, na medida de uma grandeza, um segmento de reta \overline{AB} , por exemplo, não contém um número exacto de vezes, pela unidade escolhida, o segmento \overline{OD} . Se houver uma parte alíquota de \overline{CD} , então a unidade que contém um número exato, de vezes, em \overline{AB} . O resultado é um número fraccionário, que se convencionou representar por n/d , em que n (inteiro) é o número de vezes que cabe em AB – na grandeza dada – como parte alíquota da unidade, que se considerou como d (inteiro) o número de vezes que essa parte alíquota cabe na unidade.⁴³ Seguiu-se um processo intuitivo, baseado na observação directa de fenómenos físicos. Os números reais chamam-se “números algébricos”, os que são raízes de alguma equação: $a_0 \cdot x^n + a_1 \cdot x^{n-1} + \dots + a_{n-1} x + a_0 = 0$, com coeficientes inteiros e transcendentos. Prova-se que os números algébricos constituem um conjunto numerável e, portanto, transcendentos:

42 O domínio dos números inteiros forma um anel de três operações possíveis e denota os conjuntos transfinitos dos números positivos e negativos, sendo o subconjunto isomorfo dos números naturais.

(V. M. DE SOUSA ALVES, *Ensaio de Filosofia das Ciências*, 218).

43 Cf. J. JORGE G. CALADO, *Compêndio de Aritmética Racional*, Lisboa, Livraria Popular, 1962, 1-15.

$$e = \lim_{n \rightarrow \infty} (1 + 1/n)^n = \sum_0^{\infty} 1/n!; \quad \pi = 3,14\dots$$

São estes os mais notáveis dos dois números transcendentos.⁴⁴ Com o rigor que as Matemáticas Puras exigem, as teorias analíticas dos números definem uma formalização do número, para a ordem fracionária, irracional, negativa e, finalmente, com maior desenvolvimento para os complexos de Cauchy.

8. O NÚMERO PELA LÓGICA SIMBÓLICA

Um dos elementos fundamentais impostos pela teoria dos números será dado pela fundamentação lógica pela via axiomática, onde encontramos os elementos que determinam a base de todos os conceitos da matemática (nomeadamente da teoria do número). Uma das preocupações fundamentais da matemática (ou da “lógica do número”) reside na “axiomática”, que define uma forma de fundamentação da matemática. A generalização da lógica deriva da crítica aos fundamentos da matemática (Riemann, Cayley, Poincaré, etc.) e das soluções tentadas. A lógica foi formalizada por Boole, Peirce, Schröder e Frege e aplicada por Dedekind e Peano à fundamentação da Aritmética. Com as noções de conjunto N, subconjunto ou

44 Cf. F. SEVERI, *Lecciones de Análisis*, tomo I, traducido do italiano, Barcelona, Editorial Labor, 1951, 147-148.

Apliquemos o teorema precedente à determinação de outro limite fundamental. O limite de $(1 + 1/m)^m$, quando: $n \rightarrow \infty$. Fazendo variar $- m -$, em primeiro lugar, no campo dos números inteiros positivos, pela fórmula do binómio de Newton, virá:

$$\begin{aligned} \left(1 + \frac{1}{m}\right)^m &= 1 + m \frac{1}{m} + \frac{m(m-1)}{2} \cdot \frac{1}{m^2} + \dots + \frac{1}{m^m} = 1 + 1/2! (1-1/m) + \\ &+ 1/3! (1-1/m) \left(1 - \frac{2}{m}\right) + \dots + 1/m \left(1 - \frac{1}{m}\right) \cdot (1-2/m) \dots \left(1 + \frac{m-1}{m}\right) \end{aligned}$$

Ao crescerem (m), a partir de $m = 1$, todos os termos destas somas, desde o terceiro em diante, cresce o seu número. Assim $(1 + 1/m)^m$ é uma função crescente de (m), para (m) crescente no domínio dos inteiros positivos. Dado que, para $m = 1$, segue-se: $(1 + 1/m)^m = 2$. Assim para $m > 1$, será $(1 + 1/m)^m > 2$. Como, para $m > 1$, os binómios: $1 - 1/m, 1 - 2/m, \dots$ são > 1 e obteremos: $2 < (1 + 1/m)^m < 1 + 1 + 1/2! + 1/3! + \dots + 1/m!$ Portanto a fortiori:

$$2 < \left(1 + \frac{1}{m}\right)^m < 1 + 1/2 + 1/2^2 + \dots + 1/2^{m-1} + 1/2^2 + \dots + 1/2^{m-1}$$

Segundo os termos da progressão geométrica da razão: $1/2$, que figura à direita, virá:

$$2 < (1 + 1/m)^m < 3 - \frac{1}{2^{m-1}}$$

Qualquer que seja o número inteiro positivo $m > 1$: $2 < (1 + 1/m)^m < 3$, $(1 + 1/m)^m$ é função crescente de m, em virtude do número precedente, admite o limite quando $m \rightarrow +\infty$. E este limite é necessariamente finito, porque a função está limitada superiormente. Indicado com $- e -$, este limite será, pois, $2 < e \leq 3$. Colocando $f(m) = (1 + 1/m)^m$, obter-se-ão sucessivos valores inteiros. Assim se encontrou: $f(1) = 2$; $f(10) = 2,59$; $f(100) = 2,70$; $f(1000) = 2,715\dots$ Demonstra-se que o número $- e -$ é irracional. Este número intervém continuamente na Análise. Segundo outro método, o valor de $- e -$ é de 14 cifras decimais: $e = 2,71828182845904$. A consideração sistemática e geral do número foi devida a Euler (1737) a partir do qual, também, se começou a designar pela letra $- e -$. Lambert (1761) e Legendre (1792) fizeram nova demonstração, por outra via analítica:

$$\lim_{n \rightarrow \infty} (1 + 1/m)^m = e$$

cadeia $f(n)$, Dedekind construiu um sistema categórico de cinco postulados ao justificar o princípio da recorrência para qualquer modelo isomorfo (N, f, e) . Mas, é difícil provar que o conjunto N dos números naturais de aplicação $f(n) = n+1$ e de elemento $e_0 = 1$ será um modelo (N_0, f_0, e_0) dos cinco postulados. Por isso, Peano considerou, inversamente, o sistema categórico como modelo dos cinco axiomas, donde derivam as propriedades e teoremas do número natural e do conjunto dos números reais. Esta axiomática do número implica componentes intuitivos, não justificando a indução transfinita.⁴⁵ A fundamentação lógica da matemática poderá derivar da crítica aos fundamentos da matemática (Riemann, Cayley, Poincaré, etc). Cantor pressupõe esta liberdade para provar a igualdade cardinal de duas sucessões transfinitas. De contrário, a correspondência biunívoca (\leftrightarrow) da sucessão dos números naturais, consigo mesma, será:

$$(N) 1, 2, 3 \dots, n, \dots$$

$$(N) 2, 3, 4, \dots, n+1, \dots, 1$$

E conduz ao absurdo: $(N) \leq (N)$. Uma operação infinita, como será a de correspondência biunívoca, que não termina, nada pode decidir da igualdade. Daqui que a hipótese do infinito matemático actual é “antinómica”.⁴⁶ Mas, o número cardinal (natural) do conjunto de todos os conjuntos possíveis é o maior que se pode pensar. Todavia, segundo um teorema geral da teoria dos conjuntos, o número cardinal do conjunto de todos os subconjuntos deverá, ser maior que $\{C\}$.⁴⁷ A discussão abriu uma nova fase e dividiu os lógicos e os matemáticos em três interpretações sobre os fundamentos lógicos do número: logicistas, intuicionistas e formalistas da metamatemática:

8.1. Formalismo (Hilbert, Ackermann): Distinguem a Lógica da Matemática ao formalizar uma teoria finitista e axiomática. Frege formalizou a lógica das proposições (p, q, r, \dots) com axiomas pelas relações de implicação e negação. Mas Hilbert e Ackermann realizaram pela disjunção (\vee) e pela implicação (\rightarrow) um sistema de relatividade equivalentes. A notação de Hilbert formaliza-se em 4 axiomas consistentes, independentes e completos, e servem para a dedução ou “teoria da inferência”:

$$A \times 1 \div (p \vee p) \rightarrow p;$$

$$A \times 2 \div p \rightarrow (p \vee q);$$

$$A \times 3 \div (p \vee q) \rightarrow (q \vee p);$$

$$A \times 4 \div (p \rightarrow q) \rightarrow [(r \vee p) \rightarrow (r \vee q)].$$

Estes axiomas são fundamentais para estabelecer uma fundamentação lógica da matemática e encontrar o sentido lógico do número.⁴⁸ Com efeito, na aritmética racional, Russell aplica só a extensão do conceito de classe. Assim, o número

45 Cf. M. FISK, *A modern formal logic*, New Jersey, Prentice-Hall, 1964, 58

46 Cf. V. M. DE SOUSA ALVES, *Ensaio de Filosofia das Ciências*, 311-314.

47 *Ibidem*, 214-315.

48 Cf. D. HILBERT; W. ACKERMANN, *Principles of Mathematical Logic*, tradução do alemão, New York, Chelsea Publication, 1950, 27 ss.

cardinal é uma classe de classes semelhantes, sendo o ordinal a classe de relações assimétricas semelhantes.⁴⁹ Tudo isto se mostra extensivo ao conjunto dos números naturais e reais, definindo novas extensões. O número ordinal é caracterizado por três conceitos primitivos: classe, elemento e sucessor de ... O número é puro símbolo.

8.2. Logicismo (Frege, Russell, Whitehead, Quine, Tarski, etc): Estes pensadores reduziram a Matemática à Lógica, pela dedução do cálculo das funções proposicionais. Mas, Russell define o número indutivo e o conjunto pela classe lógica e função proposicional. É preciso dar um conteúdo quantitativo aos símbolos puros da Lógica Formal. Os logicistas caem na lógica aplicada. Definem o número cardinal pelos termos lógicos de conjunto e pela relação de equivalência. A Matemática é um ramo isomórfico da Lógica.

8.3. Intuicionismo (Poincaré, Heyting, etc): Reduzem a Lógica à Matemática finitista. Os intuicionistas fazem derivar a Matemática imediatamente da atividade criadora e construtiva do espírito. A Lógica é que dependerá da Matemática, porque se reduz à fase posterior da análise e linguagem simbólicas. Os entes matemáticos não existem numa esfera transcendental ou independente do matemático, mas são construídos por um processo indutivo por meio de um número finito de operações. No âmbito da lógica matemática, o intuicionismo foi longe demais., porque a negação do princípio do terceiro excluído ($p \vee \neg p$) obrigou-a a construir nova análise de tecnicismo. A teoria do contínuo linear fechado de Heyting funda-se no conceito subjectivo da sucessão de escolhas livres para definir um número real ou complexo e o seu conjunto total.⁵⁰

Gentzen (1936) veio afirmar, ao contrário de Gödel, que a Aritmética não pode levar à contradição. Construindo e ordenando classes ($I < 0$, $H < 0$) de demonstrações das teorias dos números, chegou, pela aplicação da indução transfinita, ao ordinal transfinito:

$$\begin{array}{c} W \\ W \quad \dots = \varepsilon_0 \\ W \end{array}$$

O número é definido pelo conteúdo intuitivo ou pelo processo de construção. Não fundamentam a análise e a teoria dos conjuntos infinitos. Logo, segundo os “intuicionistas” (Heyting, etc.), a lógica é um ramo da matemática formalizada. Se os logicistas (Frege, Russell) dizem que a matemática, neste caso a teoria do número, é um ramo da lógica formal moderna, porque os conceitos e princípios da axiomatização da teoria dos números e dos conjuntos são definidos em termos lógicos. Então os intuicionistas referem a lógica como ramo da matemática. Mas, os formalistas (Hilbert, Ackermann) dizem claramente que a teoria dos números se fundamenta e define pelo cálculo generalizado de predicados. O seu formalis-

49 B. RUSSELL, *Introduction to Mathematical Philosophy*, London, G. Allen, 1956, 42 ss.

50 Cf. L. BRAUWER, *Intuitionism and Formalism*, tradução do francês, Paris, Bulletin American Math. Soc, 20, 1913-1914, 8-26

mo só se refere à interpretação da natureza e ao conteúdo das expressões lógicas.⁵¹ O número necessita de ter, pela fundamentação da matemática, uma relação à lógica formal ou simbólica e de uma reflexão filosófica. A lógica formal, pela análise do conceito categorial ou genérico de ciência exata, leva-nos à expressão dialética, dada pelas várias ciências no fundamento filosófico do “número”. Filósofos e matemáticos clássicos, de forma simplista, dividiam a matemática em dois grandes ramos: teoria do número e teoria dos espaços. Deixando para os filósofos diferenciar qual é o objeto formal da Matemática, a Escola de Bourbaki aplica, à divisão da matemática, o critério de “estrutura”. Então, pela distinção de três estruturas-mãe, divide a matemática em três grandes ramos diferenciados: Análise Matemática, Geometria e Topologia. A classificação clássica da matemática parte da categoria da “quantidade abstrata” para a subdividir em duas espécies ou tipos: número (aritmética, álgebra e análise) e espaço (geometrias métricas e topologia).⁵² Na verdade, o estilo matemático não aparece como variação qualquer da linguagem simbólica para formalizar conceitos primitivos, axiomas e teoremas. O estilo será, pois, a modalidade pessoal, pela qual se introduzem novos conceitos e teoremas, seriando-se numa linha lógica de unidade até se criar a nova teoria. Assim, o conceito de número complexo ($a+bi$), que engloba os números reais (a) e o conjunto dos números imaginários (bi : $i = \sqrt{-1}$), pode ser introduzido de vários modos, desde que obedeça às leis formais (propriedades operatórias) dos seus conjuntos: $(RUI) \rightarrow C$. Na teoria dos números, poderemos realçar os vários graus de “estrutura” (como elemento lógico do número) que conduzem à extensão do conceito de número, às teorias das funções de variável real e complexa e à teoria dos conjuntos finitos e transfinitos. A teoria dos números reais obedece a uma lógica formal construída pelo conceito de limite à Cauchy ou pelo conceito de corte à Dedekind. O primeiro processo consiste em definir uma sucessão transfinita e convergente de números racionais, r , para o qual ela tende indefinidamente. Tal limite já não é “imane”nte” à sucessão, mas transcendente como nova espécie de número. Com efeito, será necessário provar que exista como tal:

$$\lim_{n \rightarrow \infty} r^n = x$$

O processo pelo corte implica a relação de ordem sobre o conjunto dos números racionais. Mas tal relação determina a existência do conceito de limite, ou seja, de uma relação topológica. Logicamente infere-se que o corte divide o conjunto dos números racionais e irracionais em dois subconjuntos (A/B), tais que se A não tem número máximo e B não tem número mínimo, então o número de corte será real. Assim, poder-se-á provar o teorema da existência, pela condição do contínuo: $R = c$. Logo, $E_n = c$ porque $E_n \leftrightarrow R = c$. As várias espécies de números foram criadas por extensão analógica a partir do conjunto dos números naturais, para que fossem possíveis as operações algébricas que são necessárias para resolver as equações. Na verdade, não se poderia resolver a equação $x^2+4 = 0$, ou seja, $x =$

51 B RUSSELL, *The Principles of Mathematics*, London, Allen, 1956, 7-8.

L WITTGENSTEIN, *Bemerkungen über die Grundlagen der Mathematik*, Frankfurt-am-Main, Suhrkamp, 1994, 99-100.

52 Cf. S. LANG, *Álgebra*, tradução do inglês, Madrid, Aguilar, 1971, 584-586.

$\sqrt{-4} = 2 \cdot \sqrt{-1}$, sem a criação da nova unidade imaginária: $i = \sqrt{-1}$. Assim sendo, o número complexo da forma $a+bi$ define-se por um par ordenado de números reais (a, b) .⁵³ Logo, a projeção do conceito de estrutura, dada no número, define-se pela noção de relação e pode projetar-se, por analogia, nos outros domínios científicos.

9. A MATEMÁTICA COMO “DESCONSTRUTIVISMO”

Segundo *De la Grammatologie*, a linguagem é uma estrutura – um sistema de oposições de lugares e de valores – e uma “estrutura orientada”. Digamos antes, brincando um pouco, segundo Derrida, que a sua “orientação” é uma “desorientação”. Poder-se-ia dizer uma “polarização”⁵⁴. Da mesma forma, a linguagem matemática será uma estrutura de oposições entre constantes e variáveis. Surge como uma estrutura orientada (da quantidade numérica passando pela linguagem figurativa. Trata-se, pois, de uma linguagem polarizada. Toda a Matemática sofre de uma polarização entre funtores e números. É uma linguagem exacta e determinística. A Matemática vive de uma escrita (história clínica) e duas linguagens. Apresenta um texto que é “escrito”, que é um “passado”, numa falsa aparência de presente, que é presente, segundo Derrida, ao leitor como seu “avenir” (futuro)⁵⁵. Em primeiro lugar, há uma “linguagem operativa”, que se caracteriza pela recolha de operações formais: soma, potenciação, radiciação e logaritmação, etc. Assim, não basta dizer que, em Matemática, a desconstrução é uma maneira de bem contar. Não ficará restrita à Aritmética, dado que surgiram duas novas generalizações: Álgebra e Análise Matemática. A Matemática implicará um método dedutivo para bem calcular, segundo a “desconstrução”. Esta posição é mais generalizadora do que o pensamento de Fernanda Bernardo. O desconstrutivismo em Matemática, como ciência da quantidade abstrata, determina uma fundamentação formal pela Lógica Modal. A desconstrução em Matemática participa de uma Lógica Modal. A lógica modal, ou (menos geralmente) “lógica do intensional”, é a que trata das sentenças que são qualificadas pelos *modalities* como *poderia, poder, possa, obrigação, possivelmente, necessariamente, eventualmente*, etc. As lógicas modais são caracterizados pelo semântico *intensionality*: o valor de verdade de uma fórmula complexa não pode ser determinado pelos valores de verdade de suas subformulas. Uma lógica que permita preferivelmente esta determinação é chamada *extensional*. Assim, a lógica clássica é para o “extensional” da exemplaridade. Logo surgem os seguintes operadores, que estão presentes na desconstrução, :possível se ele *poder* seja verdadeiro (se é realmente verdadeiro ou realmente falso); necessário se ele *não poderia possivelmente* seja falso; contingente se for *não* retifique necessariamente, i.e., é possivelmente verdadeiro, e possivelmente falso. Uma verdade contingente

53 Cf. C. PISOT; M. ZAMANSKY, *Matemáticas Generales*, tradução do francês, México, Unión Tipográfica Editorial, 1967, 84-85.

54 Cf. Jacques DERRIDA – *Grammatologia*. Tradução do francês por Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro, S.Paulo: Perspectiva, 2004,264. Cf. “Le langage est une *structure* – une système d’oppositions de lieux et de valeurs – et une *structure orientée*. Disons plutôt, en jouant à peine, que *son orientation* est une *désorientation*. On pourra dire une *polarization*.” (Jacques DERRIDA - *De la Grammatologie*, Paris: Les Éditions de Minuit, 1967,309).

55 Cf. “...le texte est un écrit-un passé - que, dans une fausse apparence de présent, un auteur caché et tout-puissant, en pleine maîtrise de son produit, présente au lecteur comme son avenir”. (Jacques DERRIDA - *La dissémination*, 13).

é aquela que é *realmente* se retifica, mas *que poderia ter sido de outra maneira*.⁵⁶ A Lógica Modal refere-se a qualquer sistema de lógica formal que procure lidar com *modalidades* (tratar de modos quanto a tempo, possibilidade, probabilidade, etc.). Tradicionalmente, as modalidades mais comuns são *possibilidade* e *necessidade*. Há lógicas para lidar com outros termos relacionados, como *probabilidade*, *eventualidade*, *padronização*, *poder*, *poderia*, *deve*, são por extensão também chamadas de lógicas modais, já que elas podem ser tratadas de maneira similar. Uma lógica modal formal representa modalidades, usando *operadores modais*. Por exemplo, “Era possível o assassinato do João” e “João foi possivelmente assassinado” são exemplos que contêm a noção de possibilidade. Formalmente, essa noção é tratada como operador modal *possível*, aplicado à sentença “João foi assassinado”. Normalmente os operadores modais básicos unários são escritos como \Box (ou *L*) para *Necessário* e \Diamond (ou *M*) para *Possível*. Nas lógicas modais clássicas, cada um pode ser expresso em função do outro e da negação:

$$\begin{aligned}\Diamond A &\equiv \neg \Box \neg A \\ \Box A &\equiv \neg \Diamond \neg A.\end{aligned}$$

As lógicas mais familiares na família modal são construídas a partir da lógica fraca **K** (em homenagem a Saul Kripke). Usando **K** como base, pode-se construir diferentes sistemas. Os símbolos de **K** incluem \neg para negação, \longrightarrow para implicação, e \Box para o operador modal de necessidade (os outros operadores são construídos a partir destes, inclusive o \Diamond , com a equivalência, usando negação e \Box). Na verdade, **K** é o resultado da adição dos seguintes teoremas à lógica proposicional:

- Regra da necessitação: se A é teorema de **K**, então $\Box A$ também é
- .
- Axioma da distributividade: $\Box(A \longrightarrow B) \longrightarrow (\Box A \longrightarrow \Box B)$.

A regra da necessitação estabelece que qualquer teorema da lógica é necessário. O axioma da distributividade diz que se é necessário $A \longrightarrow B$, então é necessário $\Box A \longrightarrow \Box B$. Em **K**, os operadores \Box e \Diamond comportam-se de forma parecida com os quantificadores \forall (para todo) e \exists (existe). Por exemplo, a definição de \Diamond a partir de \Box espelha a equivalência $\forall x A \equiv \neg \exists x \neg A$, na Lógica de Predicados. As bases dessa correspondência, entre os operadores modais e os quantificadores, ficam mais claras, quando se lida com a Semântica de Kripke⁵⁷. Outros sistemas são construídos, adicionando-se axiomas a **K**. Por exemplo, o sistema **T** é obtido com o acréscimo do axioma:

$$(T) \Box A \longrightarrow A$$

Em primeira ordem: $\forall x(x R x)$ (axioma da reflexividade)

Outros axiomas, que podem ser adicionados para construir outros sistemas, são:

$$(B) A \longrightarrow \Box \Diamond A \text{ (axioma da simetria)}$$

56 Cf. Sally POPKORN – *First Steps in Modal Logic*, Cambridge: At the University Press, 1994, 32-85.

57 Cf. A.N.PRIOR – *Formal Logic*, second edition, Oxford: At the Clarendon Press, 1962, 193-229.

- $\forall x, y(x R y \longrightarrow y R x)$
- (4) $\Box A \longrightarrow \Box \Box A$ (axioma da transitividade)
- $\forall x, y, z(x R y \wedge y R z \longrightarrow x R z)$
- (5) $\Diamond A \longrightarrow \Box \Diamond A$ (axioma da euclidianidade)
- $\forall x \forall y \forall z(x R y \wedge x R z \longrightarrow y R z)$
- (D) $\Box A \longrightarrow \Diamond A$ (axioma da serialidade)
- $\forall x \exists y(x R y)$
- (CD) $\Diamond A \longrightarrow \Box A$ (axioma da unicidade)
- $\forall x \forall y \forall z(x R y \wedge x R z \longrightarrow y = z)$
- (X) $\Diamond \Box A \longrightarrow \Box \Diamond A$ (simula convergência)
- $\forall x \forall y \forall z(x R y \wedge x R z \longrightarrow \exists w(y R w \wedge z R w))$
- (2) $\Box \Box A \longrightarrow \Box A$ (simula densidade)
- $\forall x \forall y(x \neq y \wedge x R y \longrightarrow \exists z(z \neq x \wedge z \neq y \wedge (x R y \wedge z R y)))$
- $\Box(\Box A \longrightarrow A) \longrightarrow \Box A$ (axioma de Gödel-Löb)
- $\forall x \forall y(x \neq y \wedge x R y \longrightarrow \exists z(z \neq x \wedge z \neq y \wedge (x R y \wedge z R y)))$

O sistema S4 é o resultado de se adicionar 4 a T. Analogamente, S5 é o resultado de se adicionar 5 a T. Estes dois sistemas apresentam importantes características de simplificação, que propiciam a redução de suas fórmulas, devido às suas propriedades.

- Em S4:
 - $\Box_1 \Box_2 \Box_3 \dots \Box_n \alpha \dashv\vdash \Box \alpha_e \Diamond_1 \Diamond_2 \Diamond_3 \dots \Diamond_n \alpha \dashv\vdash \Diamond \alpha$
- Em S5, onde é ainda mais forte (ver teorema de redução em S5):
 - $\Theta_1 \Theta_2 \dots \Box \alpha \dashv\vdash \Box \alpha_e \Theta_1 \Theta_2 \dots \Diamond \alpha \dashv\vdash \Diamond \alpha$, em que Θ_i pode ser \Box ou \Diamond .⁵⁸

Uma forma de definir uma semântica para um sistema de lógica modal é com a semântica de mundos possíveis ou Semântica de Kripke. Antes de mostrar quando uma forma é satisfatível ou não, algumas definições tornam-se necessárias serem feitas:

Um “enquadramento modal” é um par $E = (W, R)$, em que

- W é um conjunto não vazio (conjunto de mundos, pontos, estados, nós, instantes... depende do contexto da lógica modal).

58 Cf. Saul KRIPKE – “A completeness theorem in modal logic”, in: *The Journal of Symbolic Logic*, 24 (New York, 1959), 1-14.

- R é uma relação binária em W dita *relação de acessibilidade* (ou *relação de visibilidade*).

Sendo $w_1, w_2 \in W$, diz-se que w_2 é *acessível* a partir de w_1 se $(w_1, w_2) \in R$.

Seja At um conjunto enumerável de variáveis atômicas. Uma “estrutura de interpretação modal” sobre At é um par $M = (E, V)$, em que

- $E = (W, R)$ é um enquadramento modal
- $V : At \rightarrow \mathcal{P}(W)$ é uma função.

Com efeito, M pode ser também representado como (W, R, V) , sendo as duas primeiras componentes os constituintes do enquadramento modal, subjacente à estrutura de interpretação em At . Desta forma, finalmente, a “noção de satisfação” de uma forma modal, com essa semântica, será:

- Seja $M = (W, R, V)$ uma estrutura de interpretação modal e $w \in W$. A noção de *satisfação* de $\varphi \in FM_{PP}$ por M no mundo w denota-se por $M, w \models \varphi$

e define-se, indutivamente, como seguem:

- para cada $p \in At$, $M, w \models p$ se $w \in V(p)$;
- não $M, w \models \perp$;
- $M, w \models \varphi \rightarrow \varphi'$ se $M, w \not\models \varphi$ ou $M, w \models \varphi'$;
- $M, w \models \varphi \wedge \varphi'$ se $M, w \models \varphi$ e $M, w \models \varphi'$;
- $M, w \models \varphi \vee \varphi'$ se $M, w \models \varphi$ ou $M, w \models \varphi'$;
- $M, w \models \Box\varphi$ se $M, w' \models \varphi$ para todo $w' \in W$ tal que $w R w'$;
- $M, w \models \Diamond\varphi$ se existe $w' \in W$ tal que $w R w'$ e $M, w' \models \varphi$.⁵⁹

A desconstrução, como desedimentação de estruturas (teórica e prática), está presente em todos ramos da Matemática, particularmente na linguagem numérica, devido à generalização dos números naturais até aos números complexos e hiper-complexos, que faz passar da Aritmética Racional à Álgebra. A desconstrução imprime à Matemática uma nova modalidade de pensamento. É um pensamento abstrato e formal. A Matemática será a paixão inventiva abstrata do matemático. A desconstrução, em Matemática, representa um método e razão lógica do seu fundamento.

10. CONCLUSÃO

A desconstrução surge como um método e como um fundamento em Matemática. Possui estes dois significados fiormais. Isto faz com que a Matemática seja a ciência da quantidade abstrata, como uma abstração desconstrutiva. O Número é uma construção abstrata, que toma o seu fundamento da “quantidade”, sendo esta a sua

⁵⁹ Cf. Saul KRIPTE – “Semantic analysis of modal logic i. normal modal propositional calculi”, in: *Zeitschrift fuer Mathematische Logik und Grundlagen der Mathematik*, 9 (Berlin, 1963), 67-93.

essência *formal*. Assim, o conjunto numérico será uno e realizado como um todo (existir lógico) e será múltiplo pelos n ou $n+1$ elementos (essência pura transcendental). Os entes possíveis ou essências puras pensáveis, que serão construídos ou descobertos pelo intelecto, criado pelos processos intuitivos e lógicos, referem um sistema de entes e de relações que implicam uma solução epistemológica.⁶⁰ As soluções filosóficas da lógica do “número” poderão ser agrupadas em três categorias:

10.1. NOMINALISTAS:

Julgam, em geral, que os conceitos universais de número e de conjunto abstrato são puros símbolos formais, sem conteúdo, que se fundam nas imagens sintéticas. Assim, os empiristas (Hume, S. Mill, etc.) e psicologistas (Wundt, etc.) explicam a gênese e natureza do número como síntese de imagens. O intelecto separa ou combina um grupo de imagens semelhantes e gera, então, um tipo ou esquema geral de representações. Os neopositivistas lógicos (Escola de Viena) definem os conceitos matemáticos pelos conceitos da lógica pura, onde os entes de razão surgem como símbolos significantes.

10.2. IDEALISTAS:

Para Kant, Hegel, Poincaré, e Husserl, etc., o conceito de número abstrato é construído pelo juízo sintético *a priori* do intelecto. Pelas suas doze categorias *a priori* (modos subjetivos de julgar), o intelecto é que faz as sínteses de unidade, generalizações, etc. A síntese conceitual de número funda-se na intuição das imagens. Estas são síntese da forma *a priori* do tempo como dado potencial sensível, porque a série dos números é sucessiva (Kant) O número é, pois, um ser de razão, com fundamento psicológico. Trata-se de uma forma *a priori*.⁶¹

10.3. ABSTRACTIVAS:

(S. Tomás, Maritain, Jolivet, Marechal, Hoenen, etc.) O número abstrato é um ente de razão com fundamento real. Explica-se, pois, pelo processo abstrativo e funda-se nas propriedades transcendentais do ser uno e múltiplo. Há escolásticos, como F. Sellvaggi, que só tratam do número “concreto”.⁶² E a maior parte só se refere aos conjuntos de “Números Naturais” e fracionários da Aritmética, sem fundamentar a Análise. Todavia, a solução está numa teoria de tipo abstrativo e de generalização dialética. Como se verificou, ao longo deste artigo, a fundamentação da teoria do Número é dupla: lógica e filosófica. O aspeto lógico é uma teoria sintática que se define por símbolos formais (os conceitos primitivos) e pela axiomatização matemática, que se prova pela não contradição das teorias dedutivas. O sentido filosófico investiga as razões do pensar e do seu conteúdo (ser de objetos) sob dois aspetos: os sentidos epistemológico e ontológico. Russell disse que a matemática é aquela ciência em que se não sabe do que se fala. A matemática tem um estilo característico, diferenciado das outras atividades científicas. Desde as primeiras operações elementares para “medir”, o espírito matemático criou um domínio e

60 Cf. V. SOUSA ALVES, *Ensaio de Filosofia das Ciências*, 471-473.

61 Cf. I. KANT, *Critique de la Raison Pure*, tradução do alemão, Paris, P. U. F., 1950, c. II, 158 ss.

62 Cf. F. SELVAGGI, *Cosmologia*, Romae, Apud Aedes Universitatis Gregoriana, 1959, 12-26

métodos próprios, chegando, por meio das fórmulas e dos teoremas dispersos (Escola Pitagórica), à primeira síntese de dedução lógica. Finalmente, a definição clássica, de que a Matemática é a ciência da quantidade abstrata ou o estudo das grandezas discretas e contínuas, é restrita e insuficiente.⁶³ A Matemática tematiza - se naturalmente pela desconstrução do “número”. O número é o centro desta desconstrução abstrata. O próprio número é uma desconstrução formal e abstrata da quantidade concreta. Logo, a “operação de passagem ao limite” determinou a criação de novo ramo da Matemática, denominado Cálculo Infinitesimal, a partir de Leibniz e Newton. A paixão inventiva, característica da desconstrução, segundo Derrida, é pertença tanto do literato, quanto do filósofo. Como se verifica, pelas leituras plurais da Bíblia, um e outro inventam coisas pelo pensar e repensar a Matemática. Um e outro (filósofo e matemático) devem aprender a “caminhar” (meta-método) pela desconstrução abstrata, debaixo daquilo que está, ou se julga estar, *in solidum*, adequadamente estabelecido. Desta feita, a desconstrução não recompõe os sistemas dedutivos, não os reabilita, mas também não os destrói, não promete soluções para os problemas, que constantemente levanta. Deixa-os em aberto. Com efeito, a desconstrução desfaz as sedimentações teóricas, práticas e poéticas e, também, das instituições, segundo o pensamento de Derrida, tal como se avalia em toda a Matemática. A desconstrução é pensamento em movimento. Um pensamento do “talvez”, um pensamento contaminado. A desconstrução leva sempre, num momento, ou a um outro, sobre a confiança realizada pela instância crítica, crítico-teórica, isto é, longe da possibilidade última do que se decide. Desta feita, a desconstrução será desconstrução da dogmática crítica⁶⁴. A desconstrução obedece inegavelmente a uma “exigência analítica”. Ela é uma “dissociação hiper-analítica”.⁶⁵ Naturalmente, a Matemática é uma construção hiper-analítica. Em vez de ser a Matemática, através da Teoria do Número, uma teoria construtivista do Número, tal como afirmaram os “intuicionistas”, segundo a nossa posição e crítica original, guiados pelo pensamento de Derrida, a Matemática será uma teoria desconstrutiva formal Naturalmente o “número” desconstrói toda a Matemática, permitindo, depois disso uma reconstrução da mesma. A Matemática constrói-se pelo número e este, como um conjunto de conjuntos semelhantes, constrói a Matemática. Assim, a Matemática tem tanto de “construtivismo” (intuicionismo), quanto de “desconstrutivismo”, segundo a nossa posição crítica e original, como síntese dialéctica entre o formalismo (Russel) e o logicismo (Hilbert).

BIBLIOGRAFÍA

1. AYRES,F. (1979). *Trigonometria (plana e esférica)*, tradução do inglês, S. Paulo: Mc Graw-Hill.
2. BELL, E. (1940). *The Development of Mathematics*, New York : Mc Graw- Hill.
3. BERNARDO,F. (2009). “A crença de Derrida na justiça: Para além do direito, a justiça”, *Agora, Papeles de Filosofía*, 28/2.
4. CERQUEIRAL.A. ; OLIVA, A. (1979). *Introdução à Lógica*, Rio de Janeiro : Zahar.
5. COMMISSAIRE,H. ;CAGNAC,G. (1954) *Cours de Mathématiques Spéciales*, I, Paris :Masson.

63 Cf. D. VERNANT, *La philosophie mathématique de B. Russell*, Paris, J. Vrin, 1993, 177-180.

64 Cf. Jacques DERRIDA – *Points de Suspension*,60.

65 Cf. Jacques DERRIDA - *Résistances de la psychanalyse*, 41-42.

6. DEERRIDA,J. (1995). *Moscou Aller/Retour*, Paris : Éditions de l' Aube.
7. DEERRIDA,J.; FERRARIS,M. (1997). *O Gosto do Segredo*. Tradução de Miguel Seras Pereira, Lisboa: Fim de Século.
8. DERRIDA,J. (1967). *De la Grammatologie*, Paris: Les Éditions de Minuit.
9. DERRIDA,J. (1990).. *Du droit à la philosophie*, Paris: Éditions Galilée.
10. DERRIDA,J. (1992). *Points de suspension, Entretiens*, Paris: Éditions Galilée,.
11. DERRIDA,J. (1994). *Políticas da Amizade. Seguido de O Ouvido de Heidegger*. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto:Campo das Letras.
12. DERRIDA,J. (1994).*Résistances de la psychanalyse*, Paris: Éditions Galilée.
13. DERRIDA,J. (2001). *Papier Machine*,Paris: Éditions Galilée.
14. DERRIDA,J. (2003). *A Universidade sem Condição*. Tradução portuguesa de Américo António Lindeza Diogo, Águeda: Angelus Novus.
15. DERRIDA,J. (2003).*Psyché: Invention de l' autre - II*, Paris: Éditions Galilée.
16. DERRIDA,J. (2005). *Aprender Finalmente a Viver*. Tradução de Fernanda Bernardo, Coimbra: Ariadne Editora.
17. DERRIDA,J.;ROUDINESCO,.E. (2001). *De quoi demain, ... Dialogue*, Paris: Éditions Galilée.
18. DERRIDA,J ; SPIRE,A. (2002). *Au delà des apparences*,Paris: Le Bord de L' Eau.
19. FISK,M. (1964).*A modern formal logic*, New Jersey: Prentice-Hall.
20. HILBERT;D; ACKERMANN,W. (1950). *Principles of Mathematical Logic*, tradução do alemão, New York: Chelsea Publication.
21. KANT,I. (1950).*Critique de la Raison Pure*, tradução do alemão,Paris:PUF. SELVAGGI,F.(1959). *Cosmologia*, Romae:Apud Aedes Universitatis Gregoriana,
22. KIRK,G.S.; RAVAN,J.E. (1957). *The Presocratic Philosophers*, Cambridge: University Press.
23. KRIPKE,S. (1959). "A completeness theorem in modal logic", *The Journal of Symbolic Logic*, 24.
24. KRIPTE,S. (1963). "Semantic analysis of modal logic i. normal modal propositional calculi", *Zeitschrift fuer Mathematische Logik und Grundlagen der Mathematik*,9.
25. KUROSH,A. (1975). *Higher Algebra*, translated from the russian, Moscow: Mir.
26. LANG,S. (1971). *Álgebra*, tradução do inglês, Madrid: Aguilar.
27. PEREIRA RODRIGUES,A.(1949) *Lições de Matemática*, 1ª parte, tomo I, Porto:Porto Editora.
28. PISOT;C.; ZAMANSKY,M.(1967). *Matemáticas Generales*, tradução do francês, México: Unión Tipográfica Editorial.
29. POCHÉ,F. (2007). *Penser avec Jacques Derrida. Comprendre la déconstruction*, Lyon: Chronique Sociale.
30. POPKORN,S. (1994). *First Steps in Modal Logic*, Cambridge: At the University Press,
31. ROUSE BALL,W. (1960). *A Short Account of the History of Mathematics*, New York: Dover Publications,INC.
32. RUSSELL,B. (1956).*Introduction to Mathematical Philosophy*, London:G. Allen.
33. RUSSELL,B. (1956).*The Principles of Mathematics*, London:Allen.
34. SEVERI,F. (1951).*Lecciones de Análisis*, tomo I, traducido do italiano, Barcelona:Editorial Labor.
35. SOUSA ALVES,V.M. (1998). *Ensaio de Filosofia das Ciências*, Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia.
36. VERNANT,D. (1993)., *La philosophie mathématique de B. Russell*, Paris :J. Vrin,
37. WITTGENSTEIN,L. (1994). *Bemerkungen über die Grundlagen der Mathematik*, Frankfurt-am-Main:Suhrkamp.



Slavomír Dolinský

Presov, Slovakia

Platobná neschopnosť zamestnávateľa v Európskom pracovnom práve / *Insolvency of the employer in European labor law*

Abstract

At a time when there is still the effects of the global economic crisis, many companies on the brink of bankruptcy. Many businesses deferred fulfillment of its obligations, paying bills and working on the debt. The emergence of insolvency raises additional cost (penalty payment to suppliers, increased interest on loans outstanding in the period and others), reducing corporate income, resulting from increased costs associated with overcoming the subsequent insolvency (obtaining additional financial resources), or. forced liquidation of the company. It also finds many businesses and entrepreneurs, who does not remit contributions for its employees do not pay them their wages and other demands. Progressive business indebtedness may result in failure of the company. Every employer must pay, however, guarantee insurance in the event of insolvency. Therefore, the employee is protected from the condition that the employer failed to pay him for his work when it becomes insolvent, so when it comes to disposing of the company. This includes not only employees working in Slovakia, but also in all European Union Member States. They are obliged to comply with the directives issued by the European Union to regulate all matters relating to employer insolvency.

Key words: employer, employee, social security, loss, wage.

VÝVOJ SMERNÍC UPRAVUJÚCICH PLATOBNÚ NESCHOPNOSŤ

Prvou smernicou upravujúcou ochranu pred platobnou neschopnosťou zamestnávateľa a zachovaním nárokov zamestnancov na výplatu miezd a ostatných nárokov bola smernica č. 80/987/EHS. Cieľom bolo zosúladiť rozdielne úpravy a vytvoriť inštitúciu, ktorá by zaručovala výplatu nárokov zamestnancov. V roku 1989 bola prijatá Charta základných práv zamestnancov ES, ktorá ustanovuje, že zlepšenie právneho statusu zamestnancov je potrebné a nevyhnutné všade tam, kde je to determinované vývojom právnej úpravy zamestnania ako aj právnu úpravou hromadného prepúšťania, resp. ustanovením právnych úprav regulujú-

cich konkurzy a vyrovnania. Smernica 80/987/EHS platila do roku 2002, keď bola novelizovaná smernicou č. 2002/74/ES. Dôvodom boli hlavne spory o príslušnosť garančných fondov v prípade multinacionálnych podnikov a vylúčenie zamestnancov v atypických druhoch zamestnaní a vedúcich zamestnancov. V roku 2008 došlo k prijatiu smernice č. 2008/94/ES, ktorá kodifikovala predošlé smernice.

1.2 SMERNICA Č. 2008/94/ES

Smernica o právnej ochrane zamestnancov pri platobnej neschopnosti zamestnávateľa patrí k významným smerniciam v oblasti sociálnej ochrany práce. „Zabezpečuje zaplatenie neuhradených pohľadávok zamestnancov voči zamestnávateľovi prostredníctvom zriaďovania nezávislých garančných fondov, ktoré nie sú prístupné pre ostatných veriteľov úpadcu, čím sa zamestnanci podstatne zvýhodňujú v porovnaní s ostatnými veriteľmi úpadcu“ (Barancová, 2010). Prostriedky garančných fondov sa zabezpečujú od zamestnávateľa alebo z verejných fondov. Úplné financovanie z verejných fondov sa však v praxi nevyužíva. Smernica nevyklučuje, aby sa na financovaní garančných fondov podieľal i zamestnanec.

Smernica umožňuje členským štátom EÚ upravovať si definíciu platobnej neschopnosti podľa podmienok a trendov v danej krajine, aby bolo možné dosiahnuť čo najvyššiu spravodlivosť pre zamestnancov.

Členské štáty môžu výnimočne vylúčiť z pôsobnosti smernice určité kategórie zamestnancov:

- a. pokiaľ existujú iné formy záruky, ktoré príslušným osobám poskytujú stupeň ochrany rovnocenný ochrane vyplývajúcej z uvedenej smernice (článok 1 ods. 2). Túto možnosť využili tri členské štáty. V Belgicku sú z ochrany všeobecného záručného fondu vylúčení pracovníci a učni zamestnaní v podnikoch, ktoré sú členmi niekoľkých spoločných výborov a podvýborov, tieto osoby sú však chránené odvetvovými fondmi zriadenými na základe kolektívnej zmluvy. Na Cypre sú z pôsobnosti smernice vylúčení členovia posádok obchodných lodí, ktorí tu nemajú bydlisko. V Spojenom kráľovstve sa ochrana nevzťahuje na námorníkov obchodných lodí.
- b. pomocníkov v domácnosti zamestnaných fyzickou osobou a rybárov odmeňovaných formou podielu na zisku. (Správa komisie, 2011)

OSOBNÝ A VECNÝ ROZSAH SMERNICE

Smernica sa vzťahuje na nároky zamestnancov z pracovných pomerov voči zamestnávateľovi, ktorý je platobne neschopný.

Vymedzenie pojmov zamestnanec i zamestnávateľ prislúcha vnútornému zákonodarstvu členských krajín. Z osobnej pôsobnosti nesmú byť vylúčení vedúci zamestnanci ani zamestnanci sú spoločníkmi v spoločnosti. Súčasťou smernice zakazuje, aby boli vylučovaní z pôsobnosti pracovníci na dobu určitú, na čiastočný pracovný úväzok či dočasne pridelení inému zamestnávateľovi.

Smernica sa vzťahuje i na ochranu pre zamestnancov už nepracujúcich pre zamestnávateľa, ak voči nim zamestnávateľ má určitú povinnosť, k budúcim právam, teda dávky po dosiahnutí určitého veku, dávky pre pozostalých alebo vyplývajúcich z podnikových pripoistovacích systémov a iných. Z hľadiska vecnej pôsobnosti sa smernica týka neuspokojených nárokov zamestnancov uhrádzaných z garančných fondov.

ZAMESTNÁVATEĽ

„Pojem zamestnávateľ sa v zmysle danom smernicou určuje podľa právneho poriadku príslušného členského štátu. Ten nemôže vylúčiť žiadnu kategóriu zamestnávateľov z osobnej pôsobnosti smernice, ak zodpovedajú vymedzeniu pojmu zamestnávateľ“ (Smernica č. 2008/94/ES, 2008).

VECNÝ ROZSAH SMERNICE

„Podľa článku 2 ods. 1 smernice sa zamestnávateľ považuje za platobne neschopného, keď podľa národných predpisov členského štátu bol podaný návrh na začatie konania a príslušný orgán rozhodol o začatí konania alebo potvrdí uzatvorenie podniku pre nedostatok majetku“ (Smernica č. 2008/94/ES, 2008).

Platobná neschopnosť sa teda začína okamihom podania návrhu na začatie konania voči zamestnávateľovi, ak je predpoklad, že nemá dostatok majetku na plnenie svojich záväzkov. V Slovenskej republike podľa zákona č. 461/2003 Z.z. o sociálnom poistení § 12 sa insolventnosť začína dňom, keď bola podaná žiadosť na vyhlásenie konkurzu.

USPOKOJENIE NÁROKOV ZAMESTNANCOV

Nárokmi, ktoré sú uspokojované v prípade insolventnosti sú primárne mzdy a odstupné zamestnancov. Rozsah je v právomoci členských štátov. Podľa článku 2 ods. 3 smernice nie sú nároky podmienené dĺžkou pracovného pomeru. Pre uspokojenie nárokov je nevyhnutné vytvoriť garančné fondy, z ktorých sa má vyplatiť aspoň časť mzdových nárokov. Najvyššiu čiastku i časovú lehotu na vyplatenie má možnosť určiť každý členský štát.

ROZSAH NEUSPOKOJENÝCH NÁROKOV ZAMESTNANCOV

Podľa Barancovej (2010) si členský štát môže zvoliť časový moment pre uspokojenie nárokov zamestnancov. Môžu to byť napríklad posledné tri mesiace pracovného pomeru v rámci doby šesť mesiacov pred vznikom platobnej neschopnosti zamestnávateľa, ak je podaný návrh na kolektívne uspokojenie nárokov zamestnancov. Smernica ponecháva určenie maximálnej sumy nárokov na členské štáty a nevymedzuje určenie minimálnej sumy.

Uspokojovanie nárokov zamestnancov neovplyvňuje skutočnosť, že zamestnávateľ neplatil príspevky do fondov sociálneho poistenia kým sa stal platobne neschop-

ným. Členský štát musí zabezpečiť, aby nedošlo k diskriminácii zamestnanca z dôvodu, že zamestnávateľ neplatil jeho odvody zo mzdy. Do nárokov sa zahŕňajú i dávky z právneho titulu podnikového t.j. nie zákonného systému sociálneho poistenia.

POZÍCIA ČLENSKÝCH ŠTÁTOV

V súvislosti s neuspokojeným nárokom zamestnancov Barancová (2010) konštatuje, že podľa článku 8 smernice sú členské štáty povinné zabezpečiť, aby boli prijaté opatrenia na ochranu záujmov zamestnancov a osôb, ktorým v deň, keď sa začala platobná neschopnosť podniku vznikol nárok na dávky v starobe vrátane pozostalostných dávok v rámci doplnkových podnikových alebo medzipodnikových dôchodkových systémov, ktoré nepatria do vnútroštátnych systémov zákonného sociálneho zabezpečenia.

GARANČNÉ FONDY

Smernica neupravuje vytváranie a fungovanie garančných fondov. „Článok 4 smernice zaväzuje členské štáty, aby pri vytváraní a prevádzkovaní garančných fondov dodržiavali určité zásady:

- Garančné fondy musia byť v zmysle smernice nezávislé od majetku zamestnávateľa – od konkurznej podstaty.
- Majetok garančných fondov nie je prístupný konaniu o konkurze a vyrovnaní.
- K plneniu z garančných fondov dochádza nezávisle od splnenia príspevkovej povinnosti zamestnávateľa.
- Členský štát má prijať zodpovedajúce opatrenia pre zamestnancov, ktorí odchádzajú z podniku“ Barancová (2010).

Smernica by mala chrániť zamestnanca najmä voči iným veriteľom spoločnosti. Konkurzná podstata nemusí stačiť na uspokojenie všetkých nárokov, keďže zväčša existuje viacero veriteľov. Práve preto sa vytvárajú garančné fondy.

Garančné fondy by mali zabezpečovať plnenie nárokov za obdobie buď:

- od okamihu vzniku platobnej neschopnosti – musí byť zabezpečené vyplatenie pracovných odmien zamestnancov za posledné tri mesiace trvania pracovného pomeru, ktoré vznikli aspoň 6 mesiacov pred vznikom platobnej neschopnosti zamestnávateľa,
- okamihu skončenia pracovného pomeru z dôvodu platobnej neschopnosti – pracovné odmeny musia byť vyplatené za posledné tri mesiace trvania pracovného pomeru, ktorý predchádza okamihu výpovede,

okamihu skončenia pracovnej zmluvy okrem výpovede z dôvodu platobnej neschopnosti – zabezpečiť odmenu zamestnancov za vykonanú prácu za posledných 18 mesiacov trvania pracovného pomeru pred okamihom vzniku platobnej neschopnosti, môže sa obmedziť na výplatu odmeny za osem týždňov. (Smernica č. 2008/94/ES, 2008).

Nároky hradené záručnou inštitúciou

Nároky, ktoré má prebrať záručná inštitúcia, sú neuspokojené mzdové nároky, ktoré vyplývajú z pracovnej zmluvy a týkajú sa obdobia pred daným dátumom a/alebo po danom dátume, ktorý určia členské štáty. Bulharsko, Česká republika, Dánsko, Grécko, Malta, Portugalsko a Rakúsko stanovili toto referenčné obdobie na šesť mesiacov pred podaním žiadosti o začatie konkurzného konania, na ktoré sa musia nároky vzťahovať; Poľsko používa referenčné obdobie v dĺžke deväť mesiacov; Taliansko a Lotyšsko obdobie 12 mesiacov; Slovensko, Írsko a Litva obdobie 18 mesiacov; Cyprus používa 78 týždňov; Belgicko používa obdobie, ktoré začína 12 mesiacov pred ukončením činnosti podniku a končí 13 mesiacov po ňom. Niektoré členské štáty nestanovili referenčné obdobie, ale iba dátum pred a/alebo po, na ktorý sa musia nároky vzťahovať. Takýto princíp sa uplatňuje v Estónsku, vo Francúzsku, v Nemecku, Luxembursku, Maďarsku, Holandsku, Rumunsku, Slovinsku, Španielsku, vo Fínsku, Švédsku a v Spojenom kráľovstve. (Správa komisie, 2011)

PRÍSLUŠNOSŤ GARANČNÝCH FONDŮ PRI NADNÁRODNÝCH PODNIKOV

Aktuálnym problémom je územná pôsobnosť garančných fondov v súvislosti s nadnárodnými podnikmi. Ak má zamestnávateľ sídlo v inom štáte než je miesto výkonu práce zamestnanca, garančný fond je v štáte, v ktorom sa vedie konanie o kolektívnom uspokojení nárokov. Zväčša je to štát, kde má zamestnávateľ sídlo. Ak má podnik činnosti na území dvoch štátov, inštitúciou zodpovednou je taká, ktorá sa nachádza v členskom štáte, na území ktorého zamestnanci pracujú.

ZODPOVEDNOSŤ ŠTÁTU ZA NENÁLEŽITÚ IMPLEMENTÁCIU SMERNICE

Členský štát môže prijať právnu úpravu odlišnú od smernice, ak tá zabezpečí dôkladnejšie dodržanie práv zamestnancov. Ak však štát neprispôsobí svoju úpravu smernici, bude znášať následky, to znamená, že musí plniť povinnosti vyplývajúce zo smernice, teda zaplatiť nároky zamestnancov. Aby existovalo právo na náhradu škody, musia byť splnené tri podmienky:

1. k dosiahnutiu účelu predpokladaného smernicou sú založené práva jednotlivých osôb,
2. na základe ustanovení smernice možno určiť, aký obsah tieto práva majú,
3. existencia príčinnej súvislosti medzi porušením povinnosti, ktorú má členský štát a medzi škodou, ktorú dotknuté strany utrpeli.“ (Barancová, 2010)

DÁVKY GARANČNÉHO POISTENIA

„Zamestnanec má právny nárok na dávky z garančného poistenia, ak sa jeho zamestnávateľ stal platobne neschopným a nemôže uspokojiť nároky tohto zamestnanca ktorými sú:

- nárok na mzdu a náhradu za čas pracovnej pohotovosti,

- nárok na náhradu mzdy za sviatky a pri prekážkach v práci,
- nárok na náhradu mzdy za dovolenku,
- nárok na odstupné pri skončení pracovného pomeru,
- nárok na náhradu ujmy z právneho titulu pracovného úrazu alebo choroby z povolania,
- nárok na náhradu príjmu pri dočasnej pracovnej neschopnosti zamestnanca,
- nárok na súdne trovy v súvislosti s uplatnením nárokov z pracovného pomeru zamestnanca na súde vrátane trov právneho zástupcu“ (Smernica č. 2008/94/ES, 2008).

Maximálny rozsah dávky je podľa § 103 zákona o sociálnom poistení najviac v rozsahu 3 mesiace z posledných 18 mesiacov pracovného pomeru.

HARMONIZÁCIA PRÁVNEJ ÚPRAVY SR S PRÁVOM EÚ

Od účinnosti zákona č. 461/2003 Z.z. o sociálnom poistení sa v slovenskej právnej úprave pracuje s pojmom platobnej neschopnosti ako s jedným so sociálnych rizík, čomu sa prispôsobuje i poistný a dávkový systém. Smernica sa však sústreďuje výlučne na pracovné právo, nie na právo sociálneho poistenia – prvý pilier.

Zákon č. 461/2003 Z.z. o sociálnom poistení v znení neskorších predpisov v § 12 vymedzuje pojem platobne neschopného zamestnávateľa tak, že ním je zamestnávateľ, ak bol predložený návrh na vyhlásenie konkurzu. Pritom deň vzniku platobnej neschopnosti zamestnávateľa sa považuje deň doručenia návrhu na vyhlásenie konkurzu príslušnému súdu.

ÚČINNOSŤ SMERNICE

EÚ chráni pracovníkov v prípade platobnej neschopnosti ich zamestnávateľa už viac ako 30 rokov. Prvá smernica zameraná na poskytovanie minimálneho stupňa ochrany práv pracovníkov na vnútornom trhu bola prijatá už v roku 1980. Aktualizovaná smernica sa uplatňuje od roku 2008. Podľa Európskej komisie sa v roku 2009 zaznamenal výrazný nárast počtu prípadov platobnej neschopnosti, čo možno pripísať hospodárskej kríze. Mechanizmus ochrany zamestnancov zavedený smernicou 2008/94/ES teda preukázal svoju účinnosť. V období od roku 2008 do roku 2011 totiž mohli 3,4 milióna zamestnancov poberať pomoc od záručných inštitúcií, zvlášť v kontexte svetovej hospodárskej krízy.

ZÁVER

Každá spoločnosť musí pri svojom fungovaní riešiť mnoho problémov. Keď napriek všetkým opatreniam nie je schopná predísť insolvenčii, musí byť vyhlásený konkurz a jej majetok musí byť rozdelený medzi veriteľov. Jednou skupinou veriteľov sú i zamestnanci. Títo majú prednosť pred ostatnými, takže ich nároky na úhradu miezd, odstupného, náhrad za dovolenky, sviatky, pracovnú pohotovosť a iné musia byť uspokojené. Európska únia vyžaduje na tento účel vytvorenie zá-

ručnej inštitúcie, teda garančného fondu, z ktorého budú tieto nároky následne vyplatené. Garančný fond musí byť vedený mimo ostatného majetku zamestnávateľa, nesmú sa vyplácať pohľadávky iných veriteľov pred zamestnancami. Musí byť zaručené, že i napriek tomu, ak zamestnávateľ neplatí za svojho zamestnanca odvody, náhrady z garančného fondu mu vyplatené budú. Rovnako sa nesmú diskriminovať zamestnanci na dobu určitú, na skrátený pracovný úväzok či dočasne pridelení inému zamestnávateľovi. Nie je daná ani minimálna, ani maximálna dávka z garančného fondu.

LITERATÚRA

1. BARANCOVÁ, H.: Európske pracovné právo: Flexibilita a bezpečnosť pre 21. storočie. 2010. Bratislava : Sprint dva. ISBN 978-80-89393-42-8
2. EURÓPSKA KOMISIA: SPRÁVA KOMISIE EURÓPSKEMU PARLAMENTU A RADE o vykonávaní a uplatňovaní určitých ustanovení smernice 2008/94/ES o ochrane zamestnancov pri platobnej neschopnosti ich zamestnávateľa. 2011. Brusel. [online]. Dostupné na: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2011:0084:FIN:SK:HTML>
3. EURÓPSKY PARLAMENT A RADA EURÓPSKEJ ÚNIE: Smernica 2008/94/ES. 2008. Brusel. [online]. Dostupné na: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2008:283:0036:01:SK:HTML>
4. MARINICOVÁ, M. 2007. Súčasný stav a podmienky ochrany bánk a finančných inštitúcií na teritóriu Prešovského kraja, In: Krakow, SECURITOLOGIA č. 6/2007. ISBN 978-83-925072-0-8 s. 86 – 92.
5. MARINICOVÁ, M. 2009. Ethic of Marketing in Private Security. In: BUSINESS, ETHICS AND PERSONAL MANAGEMENT. Brno: STUARTE, 2009. ISBN 978-80-86441-41-2. s. 87-99.
6. MARINICOVÁ, M. 2011. Coaching - an Important Component of Human Resources Development. In: Transactions of the universities in Košice, 2011. - ISSN 1335-2334, Roč. 2011, č. 1 (2011), s. 156.



Lukasz Gomułka
University of Opole, Poland

Goethe a Lem / *Goethe and Lem*

Abstract

In this article 'Lem and Goethe', the author compares the figure of Stanislaw Lem to J.W. Goethe, whereas Lem's oeuvre to 'Faust'. There are two reasons for such a comparison. First, the scope of subjects raised by the Polish writer is perhaps even wider than the German one's. The second thing is their great insight into these subjects.

When Lem and Goethe are compared, it should be noticed that both their personalities (certain openness to the world and environment, participation in discussions, vast correspondence) and artistic and scientific interests (distinct exceeding limits by both of them) are similar.

The author of the article takes notice of the fact that there is a tremendous difference between Lem's works and 'Faust', because Lem's are structurally and formally scattered. While there is no doubt that 'Lem is also a philosopher writing great novels, not a novelist that possesses his own philosophy, like many others' and that such output is 'cognitively homogenous', such state of affairs significantly hinders reception and interpretation of his oeuvre.

The author of the text observes that by contrast with 'Faust', the character of Lem's works is scattered not only in terms of content but also formally. That is because the author of 'Summa Technologiae' continually adopted new means of expression for his thoughts.

Key words: Faust, Goethe, Lem, literature, philosophy.

Johann Wolfgang von Goethe poświęcił 59 lat na napisanie wybitnego dramatu „Faust”, który nie jest tylko opowieścią o Bogu, Mefistofelesie i Fauście, tak jak „Pani Twardowska” Adama Mickiewicza jest – asymetrycznie – zabawną wierszowaną historyjką o mistrzu Twardowskim. „Faust” Goethego jest nieskończonym oceanem nawiązań do problemów z zakresu zjawisk społecznych takich, jak m. in. psychologia, historia czy polityka. Zawiera ponadto wiele zdań symbolicznych (czy wręcz mistycznych: alegorii i aluzji) oraz porusza całą paletę problemów filozoficznych.¹ W warstwie językowej każde zdanie – ba! – nawet

¹ W odniesieniu do filozofii warto zauważyć, że słowa wypowiedziane przez Goethego w 1829 roku „Alles Gescheite ist schon gedacht worden, man muß nur versuchen, es noch einmal zu denken” (J. W. von Goethe, *Maximen und Reflexionen*, Goethe-Gesellschaft, Weimar 1907, s. 93) wydają się antycypować słynne słowa Alfreda N. Whiteheada, iż cała filozofia to zbiór przypisów do dzieła Platona („The safest general characterization of the European philosophical traditions is that it consist of a series of footnotes to Plato”, A. N. Whitehead, *Process and Reality. Corrected Edition*, New York – London 1978, s. 39).

użycie konkretnego słowa w zdaniu zostało przez niemieckiego autora dogłębnie przemyślane. Dlatego nie bez powodów przez wielu krytyków dzieło to jest uważane za największy skarb literatury niemieckiej.² Filozof i religioznawca Paul Carus stwierdził wręcz, że *opus magnum* Goethego miało tylko trochę mniejszy wpływ na kulturę niż Biblia.³ Zainteresowania intelektualne i artystyczne Goethego były rozległe i obejmowały m. in. meteorologię, geologię, mineralogię, botanikę i osteologię. Jak zauważył Mieczysław Wallis, Goethe wykonywał liczne eksperymenty optyczne. „Swą teorię barw, przeciwstawiającą się teorii Newtona, wyłożył w obszernym dziele *Nauka o barwach* (*Farbenlehre*, 1810) [...] w licznych rozprawach i artykułach zabierał głos na temat różnych aktualnych problemów sztuk plastycznych lub przyrodoznawstwa. W latach 1830-1831 śledził z namiętym zainteresowaniem toczącą się podówczas w paryskiej Akademii Nauk dyskusję między Geoffroy'em Saint-Hilaire a Cuvierem na temat teorii ewolucji, przy czym jego sympatie były po stronie Sain-Hilaire'a, zwolennika ewolucjonizmu [...] Korrespondował z dziesiątkami osób, zwłaszcza z ludźmi, którzy mogli go wzbogacić intelektualnie”⁴.

Osobę Stanisława Lema jestem skłonny porównać właśnie do Goethego, zaś jego dorobek do „Fausta”. Powodem takiego wyboru jest przede wszystkim zakres tematów poruszanych przez polskiego twórcę, który, jak mi nie mam, jest nie mniej, a być może nawet bardziej obszerny od dorobku Niemca, jak również przenikliwość spojrzenia na poruszane tematy.

LEM (PRZYCZYNEK DO AUTOBIOGRAFII NAUKOWCA I FILOZOFA)

Już w latach wczesnej młodości Lem wyróżniał się na tle rówieśników. W wyniku badań przeprowadzonych w galicyjskich szkołach podstawowych, okazało się że uzyskał on najwyższy iloraz inteligencji (równy 180) spośród wszystkich przebadanych dzieci.⁵ Jego rodzina była zamożna i szanowana, ojciec i wuj byli znanymi lwowskimi lekarzami. Lem był mołem książkowym, jego pierwszymi lekturami były dzieła medyczne i atlasy anatomiczne, które wertował w pracowni ojca. Były to księgi wypełnione szkieletami i różnego rodzaju przekrojami narządów we-

2 „Without doubt, Goethe and *Faust* are the two monumental names of German literature. Their place in World Literature is likewise pre-eminent. No other German author and no other German text have had such a pronounced and sustained impact on Western culture and the history of ideas. Considered a cornerstone of Western culture and admired by many for the model it offered (and for some still offers), Goethe's *Faust* calls for continued study and re-evaluation. Long regarded the *ne plus ultra* of German Golden Age literature and therefore the epitome of Classical ideals and liberal humanism, *Faust* actually questions the very values and ethos it is often said to exemplify and promote. J. M. van der Laan, *Seeking Meaning for Goethe's Faust*, Continuum, New York 2007, s. 14.

3 P. Carus, *The Surd of Methaphysics*, The Open Court Publishing Co., Chicago-London 1903, s. 2.

4 M. Wallis, *Późna twórczość wielkich artystów*, PIW, Warszawa 1975, s. 80-81.

5 „Einige Jahre nach dem Zweiten Weltkrieg habe ich von einem älteren Mann, der im Vorkriegspolen irgendeine Stelle im Schulwesen innehatte, erfahren, daß, es war um 1936 oder 1937, als die Intelligenzquotienten aller Schüler der Oberschulen getestet wurden, mein I. Q. über 180 betrug, und ich war damals angeblich - nach den Worten dieses Mannes - das intelligenteste Kind in ganz Südpolen. Wovon ich aber damals keine Ahnung hatte, weil uns die Ergebnisse dieser Tests nicht mitgeteilt wurden”. S. Lem, *Mein Leben*, <<http://german.lem.pl/home/biographie/mein-leben>>.

wewnętrznych, opisanych nazwami łacińskimi. Ulubioną zabawą wypełniającą mu dzieciństwo było wymyślanie „fantastycznych królestw” („fiktive Welten”) oraz „projektowanie” prehistorycznych zwierząt, które mogłyby się znaleźć w książkach paleontologicznych. Tworzył także szkice wynalazków (pojazdów i samolotów). Jak wspomina pisarz po latach w napisanym oryginalnie po niemiecku przyczynku do własnej autobiografii („Mein Leben”) jego kariera intelektualna i pisarska zaczęła się już we wczesnym dzieciństwie, kiedy to zaczął się formować jego punkt odniesienia do rzeczywistości. Punkt ten był w dużej mierze wyznaczony przez kontakt z naukami przyrodniczymi.⁶ Nie jest zatem dziwne, że od młodości ciągnęło Lema do nauki. Pewną przeszkodą na jego drodze intelektualnej był czas okupacji niemieckiej oraz pierwsza faza komunizmu.⁷ Podczas II wojny światowej pracował jako spawacz i mechanik. Współpracował wówczas z ruchem oporu wykradając amunicję z lwowskiego „Beutepark der Luftwaffe” i przekazując ją partyzantom. Z tego okresu pochodzą też jego pierwsze rozterki dotyczące przypadku i chaosu.⁸ Pomimo tych trudności Lem ukończył medycynę i rozpoczął staż, jako położnik w szpitalu, w tym samym czasie zaczął też pisać pierwsze opowiadania.⁹

W latach 1948-1950 pracował jako młodszy asystent naukowy w Konwersatorium Naukoznawczym Asystentów Uniwersytetu Jagiellońskiego. „Był to ośrodek skupiający kilkudziesięciu młodych krakowskich pracowników naukowych. Działalność Konwersatorium – jako towarzystwa naukowego mającego własny statut – rozwijała się w kilku sekcjach: teorii, metodologii i historii nauki, psychologii, socjologii, organizacji nauki i studiów wyższych, bibliotekoznawstwa oraz dokumentacji naukowej. Konwersatorium prowadziło systematyczne zebrania naukowe, w których brali udział profesorowie: Aleksander Birkenmayer, Kazimierz Dobrowolski i inni. Członkami Konwersatorium było wiele osób, które zdobyły później trwałe miejsce w nauce polskiej, np. Bogusław Leśniodorski, Andrzej Grzegorzczak, Adam Podgórecki, Aleksander Matejko, Kazimierz Opałek, Tadeusz Pobożniak, Roman Suszko, Tadeusz Ulewicz, Stanisław Urbańczyk, Jerzy Wróblewski, Tadeusz Komornicki, Maria Borucka”.¹⁰ Konwersatorium było prowadzone przez filozofa i psychologa Mieczysława Choynowskiego ucznia T. Kotarbińskiego, S. Leśniewskiego, J. Łukasiewicza i A. Tarskiego.¹¹ Lem przedstawił tam

6 Tamże.

7 Sam o tym pisał tak: „Damals habe ich auf eine sehr unmittelbare, »praktische« Art erfahren, daß ich kein »Arier« bin. Meine Vorfahren waren Juden. Ich wußte vom mosaischen Glauben nichts, und auch von der jüdischen Kultur leider gar nichts; ich verdanke eigentlich erst der Nazi-Gesetzgebung die Erleuchtung, daß in meinen Adern jüdisches Blut fließt. Wir ließen uns aber nicht im Ghetto einschließen. Mit falschen Papieren habe ich zusammen mit meinen Eltern diese Zeit überlebt”. Tamże.

8 „Wenn ich aber etwas -sagen wir, eine Waffe - knapp vor der Polizeistunde irgendwohin bringen sollte und mir zugleich strengstens verboten war, die Straßenbahn zu benutzen (ich sollte zu Fuß gehen), habe ich das dennoch nicht gemacht. Einmal sprang ein sogenannter »Schwarzer«, ein ukrainischer Polizist, von hinten auf dasselbe Trittbrett und umarmte mich, um sich an den Türgriffen festzuhalten, was für mich ein schlechtes Ende hätte bedeuten können”. Tamże.

9 Lem ukończył całe studia medyczne, ale nie zdał ostatnich egzaminów, aby uniknąć powołania do wojska.

10 Maria Manturzewska, *Mieczysław Choynowski – twórca polskiej psychometrii 1 XI 1909 – 1 X 2001*, „Przegląd psychologiczny”, Tom 45, Nr 3, 2002, s. 275-288 [276].

11 „W 1937 roku uzyskał magisterium z filozofii na Wydziale Matematyczno-Przyrodniczym UW na podstawie pracy pt. *Metodologiczne podstawy psychologii*, a w 1946 roku doktoryzował

swoje pierwsze pomysły naukowe wyłożone w formie niebeletrystycznej tj. prace na temat funkcjonowania mózgu („Theorie der Gehirnfunktionen”) oraz traktat filozoficzny („Philosophische Abhandlung”). Teksty te zostały poddane surowej krytyce i skłoniły autora „Suma Technologiae” do intensywnej lektury prac naukowych z zagranicy (ośrodek zajmował się dystrybucją obcojęzycznej literatury naukowej w Polsce). Bezpośrednim tego wyrazem – jak zaznacza sam Lem – było powstanie powieści „Eden” [1959], „Solaris” [1961] i „Niezwykły” [1964].¹²

Pod wpływem nowych kontaktów, lektur, ale i własnego talentu, dzięki któremu przetworzył te wszystkie informacje, przedmiot jego zainteresowań skryształizował się.¹³ Owym przedmiotem stała się próba ogólnego ujęcia człowieka zarówno warstwie przyrodniczej, jak i społecznej. Pytanie o to kim jest człowiek i jak poznaje rzeczywistość. Także zagadnienie osobowości, postaw i wartości, szczególnie w zetknięciu się w doświadczeniu z czymś nowym, nieznanym. Twórczość artystyczna i naukowa, w tym mechanizmy powstawania dzieł artystycznych i naukowych oraz ich społeczny odbiór. Te motywy, jak i obecny już w dzieciństwie i wczesnej młodości motyw przypadku są widoczne w całej późniejszej twórczości Stanisława Lema.¹⁴

Konwersatorium wydawało własne czasopismo naukowe „Życie Nauki”, którego Lem był jednym z redaktorów oraz autorem. W jednym z artykułów skrytykował on łysenkizm (pogląd kwestionujący istnienie genów), co stało się powodem rozwiązania Konwersatorium przez władzę.¹⁵ Sytuacja materialna Lema stała się trudna, jednak przez przypadek wędrując po Tatrach spotkał on Jerzego Pańskiego (prezesa Spółdzielni Wydawniczej „Czytelnik”), który po krótkiej rozmowie zaproponował Lemowi napisanie polskiej powieści *science-fiction* [dalej będę używał w skrótu SF].¹⁶ W ten sposób Lem wszedł w polski rynek literacki na dobre. Po zakończeniu pierwszego etapu socjalizmu i wejściu w epokę destalinizacji po roku 1956 Lem zaczął dużo pisać i wydawać. W latach 1956-1968 Lem napisał i opublikował aż 17 książek.¹⁷ W następnych trzydziestu latach jego dorobek sys-

się na Wydziale Matematyczno-Przyrodniczym UJ na podstawie dysertacji: *Logiczna analiza definicji nauki*. Tamże, s. 1-2.

- 12 „Ich mußte also Handbücher der Logik lesen, der wissenschaftlichen Methodologie, der Psychologie und Psychotechnik (Theorie des psychologischen Testens), der Geschichte der Naturwissenschaft und vieles mehr”. S. Lem, *Mein Leben*, dz. cyt.
- 13 „Die Kuh gibt zwar Milch - diese stammt ja nicht aus dem Nichts, und so, wie die Kuh, damit sie gemolken werden kann, vorher Gras fressen muß, muß ich Massen der »echten«, also nicht von mir erdachten Fachliteratur aller Art verschlingen, doch ähnelt das Endprodukt dieser geistigen Nahrung so wenig, wie das Gras der Milch ähnelt”. Tamże.
- 14 Jak ujął to Paweł Okołowski: „Nikt chyba inny w jego epoce nie poświęcił tyle wieloaspektowej uwagi światu: światu jako całości, a uwagi przekutej w przenikliwe wersety”. P. Okołowski, *Filozofia Lema*, „Odra” 4, 2007, s. 88 [88-92].
- 15 „Było ono pierwszym powojennym czasopismem naukowym, które już w styczniu 1946 r. zostało rozestane do wielu krajów świata, a także jedynym polskim pismem, które w 1950 roku, w okresie największego terroru stalinowskiego, miało odwagę sceptycznie przyjąć i ustosunkować się do rzekomych osiągnięć naukowych Łysenki” (Maria Manturzevska, *Mieczysław Choynowski...*, dz. cyt.). S. Beres, *Rozmowy ze Stanisławem Lemem*, Wydawnictwo Literackie, Kraków 1997, s. 19-21.
- 16 W ten sposób powstał „Astronauta” opowieść o wyprawie ludzi na Wenus. Książka została wydana w roku 1951 i stała się wielokrotnie wznawianym bestsellerem.
- 17 *Encyclopedia of Science-Fiction*, red. John Clute, David Langford, Peter Nicholls and Graham Sleight, *Lem, Stanislaw*, <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/lem_stanislaw>.

tematycznie rozrastał się obejmując zarówno beletrystykę, jak i liczne prace niebeletrystyczne.

Wydana w roku 1964 powieść „Suma Technologiae” skłoniła Leszka Kołakowskiego do napisania jej krytycznej recenzji, co stało się zarzewiem ostrej dyskusji, która ożywiła się ponownie na początku lat dziewięćdziesiątych.¹⁸ Kołakowski krytykuje Lema za wplatanie w opis ówczesnego stanu nauki („informacja”) wątków futurystycznych związanych z rozwojem technologii („utopia”), a także utrzymuje, że Lem wyolbrzymia wpływ technologii na kulturę. „Prawdziwe marzenia technologiczne każą nam roić sobie” – pisze Kołakowski – „że ludzkość wynajdzie takie telefony, z których bez trudu będzie można dzwonić z Warszawy do Pruszkowa, że zbuduje windy działające tygodniami bez zakłóceń, a także klej nadający się do klejenia i żyłki nadające się do golenia”.¹⁹ Wydaje się że niejako wbrew sobie Kołakowski sam został futurologiem, a jego *utopie* stały się faktem. W artykule z roku 1991 „Trzydzieści lat później” Lem zwraca uwagę, iż postulowana przez niego fantomatyka zmaterializowała się w postaci koncepcji *virtual reality* – „[...] to nie są już żadne „bajeczki Lema”, albowiem dla ich doświadczenia trzeba [...] odpowiedniej aparatury [...] z właściwym programem [...] Można nawet dostać choroby lokomocyjnej od wrażeń typowych dla lotu [...]”²⁰. „Co więc czyni filozof, który w takim czasie dokonuje wyboru esejów swoich sprzed trzydziestu lat? [...] powtarza spokojnie, że wszystko, co o fantomatyce zmyślał w roku 1963/1964 Lem, jest błagą”.²¹

Rok później „Summa technologiae” staje się przedmiotem ożywionej dyskusji na łamach „Studiów filozoficznych”. Obok Lema swoje wypowiedzi publikują Józef Hurwic, Waław Mejbbaum, Helena Eilstein, Andrzej Bednarczyk, Władysław Krajewski.²²

W roku 1975 Lem prowadzi w Instytucie Filozofii Uniwersytetu Jagiellońskiego zajęcia dla studentów, przedmiot nosił nazwę „Podstawy przewidywania przyszłości”.²³ Jak zauważył Paweł Okołowski Lem kilkakrotnie wykladał róże przedmioty na Uniwersytecie „na przykład w 1969 r. na ASP w Krakowie; na UJ: w 1973 r. na polonistyce, a w dwóch kolejnych latach, dzięki Zbigniewowi Kuderowiczowi, na filozofii; w następnej dekadzie w Wiedniu; w 1993 r. na Politechnice Krakowskiej”.²⁴

W roku 1982 Lem przenosi się do Berlina Zachodniego, gdzie jako stypendysta rozpoczyna pracę w Wissenschaftskolleg zu Berlin (Instytucie Studiów zaawan-

18 L. Kołakowski, *Informacja i utopia*, „Twórczość”, nr 11, 1964, s. 115-123. Przedruk w: tenże, *Pochwała niekonsekwencji 3: Pisma rozproszone z lat 1955-1968*, Niezależna Oficyna Wydawnicza, Warszawa 1989, s. 42-50.

19 Leszek Kołakowski, *Pochwała niekonsekwencji 3: Pisma rozproszone z lat 1955-1968*, Niezależna Oficyna Wydawnicza, Warszawa 1989, s. 43.

20 S. Lem, *Trzydzieści lat później*, „Wiedza i Życie”, nr 6, 1991, s. 11-23. Przedruk tenże, *Mój pogląd na literaturę*, Wydawnictwo Literackie, Kraków 2003, s. 482-483 [469-500].

21 Tamże, s. 500.

22 „Studia Filozoficzne”, nr 2 i 3, 1965.

23 Bożena Bednarek-Michalska, *Bibliografia polska Stanisława Lema budowa i metody pracy*, <<http://kpbk.ukw.edu.pl/Content/29281/lem3.pdf>>.

24 P. Okołowski, *Materia i wartości. Neolukrecjanizm Stanisława Lema*, Wydawnictwo Uniwersytetu Warszawskiego, Warszawa 2010, s. 33.

sowanych w Berlinie).²⁵ W latach osiemdziesiątych zaczyna być widoczny u Lema trend odchodzenia od pisania dłuższych form literackich na rzecz krótszych tekstów publikowanych w takich czasopismach, jak m. in. „Tygodnik Powszechny“, „Odra“ czy „Przegląd“.

Na początku lat dziewięćdziesiątych Lem poznał literaturozawcę kanadyjskiego Petera Swirskiego, któremu udzielił serii wywiadów opublikowanych następnie w pracy pod tytułem „A Stanislaw Lem Reader“. Swirski w swoich późniejszych publikacjach wielokrotnie powraca do analizy tekstów Lema, omawiając je z punktu widzenia pisarskiego, filozoficznego i futurologicznego.²⁶

Jak trafnie zauważył Paweł Okołowski „mimo formalnego uznania w kraju (głównie za nakłady jego książek na świecie), pozostawał bardziej doceniany za granicą; zwłaszcza jego myśl filozoficzna (szczególnie w ZSRR, gdzie podejmowali go fizycy nobliści Ilja Frank i Piotr Kapica, twórca programu kosmicznego Siergiej Korolow, radioastronom Iosif Szkłowski, czy kosmonauci: Władimir Komarow, Boris Jegorow i Konstantin Feoktistow). [...] Niemcy i Rosjanie jako pierwsi poświęcili mu miejsce w słownikach filozoficznych“.²⁷

Lem (choć z opóźnieniem) został doceniony także przez polskie środowisko filozoficzne. W roku 1996 został zaproszony, jako gość honorowy do wygłoszenia odczytu na VI Zjeździe Filozoficznym w Toruniu. Z powodu choroby nie mógł sam przybyć na Zjazd, przesłał jednak tekst („Sztuczny intelekt, jako eksperymentalna filozofia”), który odczytano.²⁸

TWÓRCZOŚĆ LEMA

Zasygnalizowane w poprzednim punkcie problemy z władzą, a także niepowtarzalny splot sytuacji życiowych (spotkanie w Tatrach z J. Pańskim oraz doświadczenia wyniesione z Konwersatorium) skłoniły Lema do sięgnięcia do estetyki SF. Jak sam zauważył wybrał on taką formę wyrazu, gdyż fantastyka wydawała się interesować wszelkimi możliwymi gatunkami istot rozumnych, w tym ludzi. W jednym z wywiadów stwierdził on, iż sztuka (literatura) i nauka szły dotąd odmiennymi torami, on chciałby je jednak spróbować połączyć, czyli mówić o rzeczach ważnych przy użyciu niestandardowej formy literackiej. Pisarz stwierdza także, że zawsze stara się w swoich utworach fantazjować jak najmniej, to znaczy, że chce „chodzić po ziemi o ile się tylko da“.²⁹ W ramach SF próbuje Lem odtworzać związki przyczynowe wypełniające świat, nie interesuje go jedynie czysta

25 Niemiecki instytut został ufundowany w roku 1981 prowadził interdyscyplinarne badania poświęcone naukom przyrodniczym i społecznym.

26 Peter Swirski, *A Stanislaw Lem Reader*, Northwestern University Press, Illinois 1997; tenże, *Between Literature and Science*, Liverpool University Press, Québec 2000; tenże, *Of Literature and Knowledge*, Routledge, London and New York 2007; tenże, *Literature, Analytically Speaking*, University of Texas Press, Austin 2010; tenże, *From Literature to Biterature*, McGill-Queen's University Press, Montreal and London 2013.

27 P. Okołowski, *Materia...*, dz. cyt., s. 26-27.

28 S. Lema, *Sztuczny intelekt jako eksperymentalna filozofia*, „Bruliony filozoficzne”, Tom 1, Zeszyt 4, 1995, s. 247-254.

29 *Niepokoje Stanisława Lema* (1976), <<https://www.youtube.com/watch?v=Z2DM-julrYJ4&t=217s>>.

fantazja, ale możliwość powiedzenia czegoś o świecie samym w sobie. Ponadto zaznacza on, że często adaptuje określone wzorce, zdarzenia historyczne, transformując je w sytuacje obecne w jego książkach (np. taki schemat zastosował Lem w „Głosie Pana” włączając doń historię Manhattan Project).³⁰ Swoją pracę na polu SF widział zatem, jako kolejny – konieczny (ze względu na nieustanny rozwój nauki) – etap rozwoju tego nurtu po pierwszym – fundacyjnym – przygotowanym przez takich autorów, jak np. Herbert George Wells. Paradoksalnie jednak jego pierwsza wielka powieść „Szpital przemienienia” (napisana w roku 1948, wydana w roku 1955) była realistyczna. Wątki w niej podjęte wydają się jednak antycypować wątki obecne w innych dziełach Lema. Mamy więc tu zderzenie, aż trzech kultur (lekarzy, umysłowo chorych i nazistów) oraz mnogość postaw ujawniająca się w tych ramach.³¹

Dzieło Lema ze względu na chronologię można podzielić na trzy – dość nieostre – fazy (w pierwszej fazie obok dłuższych utworów powstawały także teksty krótsze, podobnie jak w trzeciej fazie zdarzało się Lemowi wydawać powieści). Pierwsza faza twórczości pisarskiej Lema zawiera utwory, które sam określił, jako „drugorzędne”, zaplanowane od początku do końca, a przez to schematyczne. W drugiej fazie, która zaczyna się mniej więcej w latach sześćdziesiątych autor osiągnął pewne mistrzostwo na polu SF. Powieści takie, jak „Solaris” powstawały do pewnego stopnia spontanicznie. Trzecia zaś faza obejmująca ostatnie dwadzieścia lat twórczości Lema jest najbardziej zróżnicowana stylistycznie i tematycznie (obejmuje głównie wiele różnego rodzaju krótszych tekstów).³²

Tematycznie dorobek Lem należy podzielić na literaturę, prace nie beletrystyczne oraz prace inne. W pierwszej grupie mieszczą się powieści, opowiadania, bajki, satyry itp. Do grupy drugiej należy zaliczyć przede wszystkim traktaty: „Dialogi” [1957], „Summa Technologiae” [1964], „Filozofia przypadku” [1968], „Fantastyka i futurologia” [1970], ale także liczne eseje i wywiady (opublikowane w różnych miejscach m. in. w „Studiach filozoficznych”, „Etyce”, „Znak” czy „Argumentach”). Trzecią grupę stanowią teksty inne „apokryficzne”, jak np. streszczenia i recenzje nieistniejących książek czy wstępy do nich. Teksty z trzeciej grupy wydają się być niezwykłym eksperymentem Lema z formą, za pomocą której można przekazać czytelnikowi treść.

Twórczość Lema cechuje podejmowanie wielu problemów filozoficznych (ontologicznych, epistemologicznych, etycznych, aksjologicznych i estetycznych, a także z zakresu takich wyspecjalizowanych dziedzin filozofii jak, filozofia techniki i filozofia języka). Jak zauważył Theodore Solotaroff wyglądają one jak przygotowane przez zespół ekspertów z Princetonowskiego Institute for Advanced Studies.³³ Ich

30 Tamże.

31 „Ein deutscher Kritiker hat ihn für eine Art Fortsetzung des Zauberbergs von Thomas Mann gehalten: was bei Mann nur ein Anzeichen, nur das Grollen eines noch unsichtbaren, weil hinter dem Zeithorizont verborgenen Gewitters war, das hat sich, eben als der letzte Kreis der Hölle, als Schlußfolgerung aus dem vorausgesagten” Untergang des Abendlandes „in der Massenausrottung verwirklicht”. S. Lem, *Mein Leben*, dz. cyt.

32 Tamże.

33 T. Solotaroff, *The Genius of Stanislaw Lem*, w: tenże, *A Few Good Voices in My Head*, Harper & Row, New York 1987, s. 186. Kiedy w połowie lat siedemdziesiątych XX wieku Lem po-

wykładania jest często spleciona ze spekulacją na temat technologii, inteligencji, trudnych sytuacji komunikacyjnych, decyzji w warunkach niepewności, możliwości i ograniczeń ludzkiego poznania. Problemy te są prezentowane w ramach powieści SF lub za pomocą innych środków literackich (z grup pozostałych wyróżnionych wcześniej grup tematycznych). „Mimo różnaitości stylów i różnorodności gatunkowej w pismach Lema panuje jednorodność myślowa. Proza dyskursywna stanowi autokomentarz do beletrystyki, druga zaś ilustrację pierwszej”³⁴

Wiele problemów obecnych w dziełach Lem jest antycypacją lub równoległym rozwinięciem pomysłów, z których znani są inni autorzy. Świetną ilustracją takiego stanu rzeczy jest mini powieść „Golem XIV” (1981) poświęcona zagadnieniu sztucznej inteligencji. Tytułowy golem w dyskusji z ludzkimi naukowcami posługuje się opisem ewolucji niezwykle podobnym do tego, który przedstawił Richard Dawkins w książce „Samolubny Gen” (1976).³⁵

Książki Lema napisane są subtelną polszczyzną, pojawiają się w nich różnego rodzaju niuanse językowe, neologizmy, a także stylizacje (np. na staropolszczyznę). „Lem zasłynął też z krzyżowania konwencji literackich i bajecznego, średniowieczno-informatycznego słowotwórstwa. Jego słownik jest największy w całej polskiej literaturze, a wynalazczość leksykalna dorównuje klasie Witkiewicza i Leśmiana (naliczono u niego ponad dwa tysiące neologizmów)”³⁶ Twórczość Lema stanowi zatem poważne wyzwanie dla tłumaczy, o czym świadczyć może problem z przełożeniem na języki obce np. okrzyku bojowego Selektrytów („Awruk!”), który jest czytany wspak przekleństwem. Wśród tłumaczeń na kilkadziesiąt języków tylko tłumacz angielski Michael Kandel przełożył słowo jako „Tikcuf!”, pozostali albo przekładali słowo dosłownie (np. rosjanka A. Gromowa) albo tworzyli własne, oderwane od oryginału neologizmy np. Halina Sadowska jako „*Fouchtra!*” (przekład na język francuski) czy Betrix Murany „*Bit-bit Hurra!*” (przekład na język węgierski).³⁷

Stanisław Lem jest obok Jana Pawła II i Henryka Sienkiewicza najbardziej znanym polskim pisarzem na świecie. Jego książki przełożono na 37 języków, zaś ich łączny nakład przekroczył 28 milionów egzemplarzy (prawdopodobnie jedynie encykliki papieskie miały większy nakład).³⁸

padł w konflikt z częścią amerykańskich autorów science-fiction (Science Fiction Writers of America odebrało nawet Lemowi honorowe członkostwo) wybitny amerykański przedstawiciel tego gatunku Philip K. Dick wysłał list do FBI, w którym oskarżał Lema o spisek komunistyczny w sercu ameryki – infiltrację środowiska przez grupę ukrywającą się pod pseudonimem „Stanisław Lem”. Jako uzasadnienie dla nieistnienia Lema Dick stwierdził, że „Lem pisze w kilku stylach oraz posługuje się wieloma językami obcymi”. M. Davis, *Philip K. Dick: Stanisław Lem is a Communist Committee*, <<http://culture.pl/en/article/philip-k-dick-stanislaw-lem-is-a-communist-committee>>.

34 P. Okołowski, *Materia...*, dz. cyt., s. 35.

35 P. Swirski, *A Stanisław...*, dz. cyt., s. 96.

36 Tamże, s. 33.

37 Trying to Build a Tower That Reaches Heaven: Interview with Translator Michael Kandel, <<https://www.altalang.com/beyond-words/2015/07/14/trying-build-tower-reaches-heaven-interview-translator-michael-kandel/>>; M. Krajewska, *Nowa jakość słowa. Lemowe neologizmy w rosyjskiej szacie*, „Rocznik Przekładoznawczy”, 7, 2012, s. 83-94. + **Sepulki**

38 Encyklopedia PWN, Lem Stanisław, <<http://encyklopedia.pwn.pl/haslo/Lem-Stanislaw;3931487.html>>.

W rozmowie z „Gazetą Wyborczą” (tzw. Gazownią) Władysław Bartoszewski zauważył, że „Gdyby Staszek wprost pisał o lwowskim getcie, o Zagładzie, o swoich doświadczeniach wojennych, dostałby Nobla...”³⁹

PODSUMOWANIE

Powracając zatem do porównania Lema i Goethego, należy zauważyć, że ich osobowości (pewna otwartość na świat i środowiska, uczestnictwo w dyskusjach, bogata korespondencja), jak i zainteresowania artystyczne i naukowe (wyraźne przekraczanie granic obydwu) są podobne. Jeżeli chodzi o twórczość, to istnieje pomiędzy dziełem Lema a „Faustem” ogromna różnica, gdyż dzieło Lema jest rozproszone strukturalnie i formalnie i choć nie ma wątpliwości, że „Lem jest filozofem piszącym też wspaniałe powieści, a nie powieściopisarzem, który dysponuje jakąś własną, jak wielu, filozofią”⁴⁰ oraz, że jest to twórczość „jednorodna myślowo”⁴¹ to taki stan znacząco utrudnia recepcję i interpretację jego dzieła. W odróżnieniu od „Fausta” charakter dzieła Lema jest rozproszony nie tylko treściowo, ale i formalnie, gdyż autor „Summa Technologiae” podczas swojej aktywności literackiej nieustannie adoptował nowe formy wyrazu dla swoich myśli (m. in. powieść realistyczna, powieść science-fiction, groteska, bajka, esej, apokryf, traktat). Należy zauważyć, że zakres treści i język są równie bogate. Dzieło Lema (a przynajmniej jego przeważająca część) jest tak jak „Faust” skarbem kultury światowej.

Oczywiście „Faust” był z pewnością najwybitniejszym dziełem w dorobku autora „Wilhelm Meisters Lehrjahre”. Symetrycznie nie można byłoby wskazać jednego dzieła Lema dorównującego choć częściowo tak w kunszcie, jak i w treści „Faustowi”, ale jeżeli chodzi o bogactwo tematów, jak i ich głębię oraz mnogość form to wydaje się, że cały literacki dorobek Lema można byłoby spróbować zmierzyć miarą „Fausta” właśnie.

Dorobek ten wciąż na nowo budzi zainteresowanie kolejnych pokoleń badaczy. Nie jest to jednak dorobek jednorodny, który można nazwać za pomocą jednego czy nawet kilku słów kluczy (w rodzaju „beletrystyka”, „nauka”, „filozofia”). A jego interpretacja nie wydaje się być zadaniem łatwym.

O tym jak trudny jest to dorobek może świadczyć historia zaledwie jednego krótkiego utworu z późniejszego okresu jego twórczości (sytuującego się w trzeciej grupie wyróżnionej przez mnie wcześniej) o tytule „Prowokacja” (1984). Rozwijany jest tam motyw badań obecności śmierci we współczesnym zdesakralizowanym społeczeństwie. Przytaczane są tam fakty ludobójstwa, którego dopuścili się naziści, a także inne fakty związane z ludobójstwem i terroryzmem. Lem w utworze tym ukazuje zbrodnię faszystowską, jako element ewolucji cywilizacji europejskiej.

39 Bartoszewski: *tajemnice Lema*, <http://wyborcza.pl/duzyformat/1,127290,6110476,Bartoszewski_tajemnice_Lema.html>.

40 P. Okołówski, *Materia...*, dz. cyt., s. 36.

41 Tamże, s. 35.

W życiu codziennym nie mamy zazwyczaj problemu z odróżnieniem fikcji od rzeczywistości, a przynajmniej wydaje się, że nie mamy takiego problemu, kiedy mówimy o książkach. „Prowokacja” umyka jednak łatwym kategoryzacjom, jak i interpretacjom. Ten krótki utwór jest fikcyjną recenzją nieistniejącej książki (autorstwa fikcyjnego pisarza) poświęconej tematyce Holokaustu (tematyce rzeczywistej). Formalnie utwór jest nieodróżnialny od standardowej recenzji do tego stopnia, że zawodowi historycy i antropologowie, wprowadzeni w błąd, poszukiwali recenzowanego oryginału książki.⁴²

LITERATURA

1. Bereś, S. *Rozmowy ze Stanisławem Lemem*, Wydawnictwo Literackie, Kraków 1997.
2. Carus, P. *The Surd of Methaphysics*, The Open Court Publishing Co., Chicago-London 1903.
3. Davis, M. *Dick Philip K. Stanisław Lem is a Communist Committee*, <<http://culture.pl/en/article/philip-k-dick-stanislaw-lem-is-a-communist-committee>>
4. Goethe, J. W., *Maximen und Reflexionen*, Goethe-Gesellschaft, Weimar 1907.
5. Kołakowski, L. *Informacja i utopia*, [w:] „Twórczość”, nr 11, 1964, s. 115-123.
6. Kołakowski, L. *Pochwała niekonsekwencji 3: Pisma rozproszone z lat 1955-1968*, Niezależna Oficyna Wydawnicza, Warszawa 1989.
7. Laan van der, J. M., *Seeking Meaning for Goethe's Faust*, Continuum, New York 2007.
8. Lem, S. *Mein Leben*, <<http://german.lem.pl/home/biographie/mein-leben>>.
9. Lem, S. *Trzydzieści lat później*, [w:] „Wiedza i Życie”, nr 6, 1991, s. 11-23.
10. Lema, S. *Sztuczny intelekt jako eksperymentalna filozofia*, „Bruliony filozoficzne”, Tom 1, Zeszyt 4, 1995.
11. Manturzevska, M. *Mieczysław Choynowski – twórca polskiej psychometrii 1 XI 1909 – 1 X 2001*, [w:] „Przegląd psychologiczny”, Tom 45, Nr 3, 2002.
12. Okołowski, P. *Filozofia Lema*, [w:] „Odra” 4, 2007.
13. Okołowski, P. *Materia i wartości. Neolukrecjanizm Stanisława Lema*, Wydawnictwo Uniwersytetu Warszawskiego, Warszawa 2010.
14. Solotaroff, T. *The Genius of Stanislaw Lem*, [w:] „A Few Good Voices in My Head”, Harper & Row, New York 1987.

42 P. Swirski, *Literature...*, dz. cyt., s. 78. „In a 1984 interview with Peter Engel, Lem recalled a meeting between an acquaintance of his, a historian and then director of the Central Commission for the Investigation of Nazi Crimes in Poland, and a member of the Polish Academy of Sciences. The encounter took place in West Berlin in the immediate aftermath of the publication of *Prowokacja*. Upon hearing that the study made a profound impression on the academician, the historian remarked: “I believe that Lem wrote a review of that book,” to which the other replied, “I don’t know if Lem wrote anything, but I’ve got the book at home!”—in reference to a book that never existed. Tamże, s. 79; „Am einfachsten kann ich das mit einem konkreten Beispiel veranschaulichen. Ich habe vor zwei Jahren ein kleines Büchlein verfaßt, das sich *Provokation* betitelt. Das ist die fiktive Rezension eines angeblich zweibändigen Werkes, zugeschrieben einem nichtexistierenden deutschen Historiker und Anthropologen (von mir »Aspernicus« genannt). Der erste Band heißt »Endlösung als Erlösung«, der zweite »Fremdkörper Tod«. Das Ganze ist eine bisher nie dagewesene historiosophische Hypothese über die verkannten Wurzeln des Völkermords und der Rolle, die der Tod, insbesondere der Massentod, in der menschlichen Kultur aller Zeitalter bis zum heutigen Tag gespielt hat. Die literarische Qualität meiner fiktiven Kritik (die recht umfangreich ist, sonst würde sie sich ja nicht zu einem Büchlein auswaschen können) ist hier völlig belanglos. Was zählt, ist der Umstand, daß es Fachhistoriker gegeben hat, die meine Phantasie für die Kritik eines echten Werkes gehalten haben, was von einigen Versuchen bewiesen wurde, sich dieses von mir »nur besprochene« Buch anzuschaffen, es zu bestellen”. S. Lem, *Mein...*, dz. cyt.

15. Swirski, P. *A Stanislaw Lem Reader*, Northwestern University Press, Illinois 1997.
16. Wallis, M. *Późna twórczość wielkich artystów*, PIW, Warszawa 1975.
17. Whitehead, A. N., *Process and Reality*. Corrected Edition, New York – London 1978.



Yuriy O.Karyagin

Kiev, Ukraine

Ukrainian Concert Culture as needs Undeveloped developing

Abstract

Music is an important part of our emotional and spiritual life. And certainly, no technical device can communicate the emotions one receives when sitting in the music hall and enjoying live performance by the favorite artist. This is especially true in the era of music consumption, when even CD quality - forget about vinyl - is forgotten in favor of MP3 format, which is more comfortable in use but is known for faults of compression. Certainly, live performances give feelings incomparable with listening to such recordings. But Ukraine lacks the culture of attending and organizing live shows, and this is a problem to deal with if we want the new generations to understand what musical beauty is about. Music enriches personality, and Ukrainians now are effectively deprived of it.

Key words: music, concert, Ukraine.

Music is an important part of our emotional and spiritual life. And certainly, no technical device can communicate the emotions one receives when sitting in the music hall and enjoying live performance by the favorite artist. This is especially true in the era of music consumption, when even CD quality - forget about vinyl - is forgotten in favor of MP3 format, which is more comfortable in use but is known for faults of compression. Certainly, live performances give feelings incomparable with listening to such recordings. But Ukraine lacks the culture of attending and organizing live shows, and this is a problem to deal with if we want the new generations to understand what musical beauty is about. Music enriches personality, and Ukrainians now are effectively deprived of it.

The new laws on mass performances make the situation even worse. Natalia Korolevska, the head of Industrial, Regulatory and Commercial Politics Committee of Verkhovna Rada, notes that after proposed amendments to the law 'On Tour Events in Ukraine' are adopted, ticket prices will increase by 25-50%, because organizers will have to prepay the events before being allowed to hold them. This, in turn, increases financial risks (Liga). As of now, the main concert-going public

seemingly consists of students and intellectuals, and if the prices rise, they will not be able to visit live shows as often as now. This will also result in organizers being less likely to hold events which could be risky in terms of income; as a result, the number of good shows will drop.

In general, people from the post-Soviet countries tend to think of themselves as of educated and culturally rich, especially in comparison with the 'spiritless West'. However, in reality, it is the other way round, and the examples concerning concert culture are illustrative to prove this. In this paper, the author will prove that the Ukrainian culture of organizing and attending concerts lacks many features that are characteristic to the states where such culture is already developed, taking Western Europe as an example. It is important to note that this essay mostly deals with non-classical music, as, by default, it is more popular and thus affects more people. The goal of this research is to find out the critical problems and determine what can be changed for the better in the Ukrainian concert culture.

The first problem - and an obvious one - is the quantity of the concert halls in Ukraine. Even in Kyiv, the performances are usually held in five or six venues. There is also a number of clubs, but most of them are either not suited for live music, or too small, or have very old equipment, which can easily spoil the performance. This causes the problematic situation when organizers have trouble finding the place for the artist to perform if the 'good' clubs are already reserved for the specific date - and sometimes artists have to play in absolutely inadequate conditions just because there are no alternate variants. This is the situation in the capital city with more than three million inhabitants; in other cities, the situation is even worse, and sometimes there are only two or three more or less venues (including clubs) suitable for performance.

However, one might note that there are much less young Ukrainian bands than in Western countries, and the stars going to worldwide tours do not usually perform in Ukraine; thus the demand for concert halls is limited. This is true; but the crucial point is that the existing halls cannot satisfy the demand for *quality*. Most of Ukrainian clubs and music halls were not built with purpose of live performances, and thus there are severe problems with the sound (Trashman). As an experienced visitor of concerts, the author totally agrees with this point: such problems in the halls like MVC are obvious, and the artist's sound operator has to try very hard to overcome the acoustic drawbacks immanent to these halls.

Sergey Kalugin, a Russian guitarist and singer, has written an Internet-spread essay *Koncertny Zvuk: instrukciia-pamiakta posetiteliu zok-koncerta*, where he explains the peculiar problems of post-Soviet music halls and their sets of apparatus. He starts with explaining some specific principles of the electric sound and basic elements of scene equipment, which allow musicians to hear each other while performing. Then, Kalugin continues to tell his readers about sound sources which should be heard by the audience. After this introduction, the author writes about the real situation with apparatus in music halls and clubs in the post-Soviet countries. First of all - musicians have to play without hearing the sound which is heard by the audience — the needed speakers (*iprostrely*) are not installed in our venues. They

only hear themselves and their colleagues, which is similar to blind flying in aviation. Secondly, on modern concerts, the most active listeners usually come to the 'fan zone' near the scene. But the speakers for the whole venue are on the sides of the scene, and thus do not cover this zone. In foreign halls, it is normal to install special speakers for the 'fan zone'; for our concerts, Kalugin proposes a bitter choice - either to listen in the centre of the hall, or to have fun under the scene. Thirdly, a music hall, which was actually built for performances, is by itself a musical instrument, similar to the recording studio. When musicians play, the sound resonates from the walls, floor and ceiling, and makes them vibrate. If the hall is planned for music, the resonances are calculated and pre-defined - in this way, the building process is similar to tuning a musical instrument. If it is not, the walls should at least consume sound - otherwise parasite resonances will make a concert in such a hall unbearable. However, this is precisely the case of halls like Mijnarodny Vystavkovy Centr (MVC). Finally, the speakers directed at the public are either cheap and produced by no-name companies, or too weak for music (this is true to halls which were built for speeches), or are in bad conditions due to overuse.

Certainly, these arguments may be countered by saying that the quality of venues is sufficient, and the ideal performances in halls which lack the aforementioned attributes, such as the concert of A-HA in MVC, prove this. But, judging from the author's personal experience both as a visitor and as an organizer, Kalugin's testimony is actually applicable to the Ukrainian venues. The only flawless music hall in Kiev seems to be Palats Ukraina; all others certainly suffer from some or all the problems described by Kalugin. This makes concerts less comfortable than possible for both performers and listeners. And certainly, if one attends a concert with failed live sound, there is a possibility that he or she will not visit concerts anymore, thinking that it is normal for live shows in general.

Of course, even in the worst hall, the sound *can* be satisfactory, if the high-quality equipment is installed and good sound producers work with it, as in the case of A-HA. However, most bands can not allow themselves to bring the entire set of equipment with them. Organizers have to loan the apparatus themselves from the third party, which is expensive and connected with financial risks. Problems with transportation (which usually requires a truck) and installation (organizers have to conduct it themselves) are included. And still, all these efforts can be ruined by artists' or venue's sound producers if they are not competent enough.

At the same time, as Vladimir Trashman notes, Ukrainian organizers tend not to fulfill the artists' requirements - both in technical and in mundane spheres. For example, foreign artists include five-star hotels in their riders, because they know that otherwise they risk being settled in a three-star one. It is not uncommon for our organizers to cheat artists or to treat the event as a possibility to earn money, without thinking about the quality of the show (Trashman). This signals the lack of organizational culture and ethics. Having the experience of organizing musical events, and being acquainted with other groups of promoters, the author understands that this does not concern *all* organizers. But generally, as artists state,

in Ukraine, sometimes whether a concert is to be held is decided a week before the show time, and the culture or promoter-performer relations is low (Yarmola).

So far, we have covered the problem of Ukrainian concert organization. Another aspect of concert culture is attendance. The visitors in our country tend to come much later than the show actually has to start. While discussing organizational matters with my colleague from *Lejf Eriksson* creative group, I mentioned that 15 minutes after the declared time is a reasonable moment to start the show. Her reaction was, 'Come on. Do *you* really come to the concert the time it has to start?' My response that I usually come 20 or 30 minutes earlier seemed to be shocking. And, in fact, masses of people do come later. Surely, one may say that some of them might have got into a traffic jam, or had personal problems of any sort, and that is, certainly, a reasonable excuse. But actually, it is common for attendees to drink wine in the bar or beer in the corridor — depending on the concert status - after the declared show time. This, in turn, causes organizational problems: the performer surely will not come on the scene if half of the audience is still to come. And sometimes concerts are delayed by half an hour, or even more, just by this reason. Except for showing disrespect to the performer, people who come to the show late steal songs from themselves - artists often have to leave the town the night after the show, and thus, if the concert starts later, the setlist may be cut. Irrational Slavic propensity towards breaking the rules seems to be the only possible explanation for this kind of behavior.

Finally, there is a problem of popular demand. The statistics demonstrate that the highest minimal prices in Kyiv this season are set on the show of Stas Mikhaylov, a Russian chanson performer with unpretentious music. At the same time, good artists sometimes have to switch the *на, I, \$ freca^se- tftey* fail to gather major venues (Trashman). In addition, Ukrainians do not follow modern music tendencies: for example, in rock music, the most popular performers are those from the old times, such as Deep Purple, and modern rock stars are hardly known, and thus not invited to Ukraine.

According to the arguments stated above, it is logical to come up with the conclusion that the Ukrainian concert culture is still, due to reasons not covered by this essay, not developed enough in comparison with the Western world. During this study, some specific problems have been found which have to be dealt with in order for our concert culture to increase. First of all, the number and quality of existing venues, where live music can be performed, are definitely not enough. Second, there are problems with equipment in our music halls and clubs, which cause discomfort for both artists and visitors. They are to be solved by both sound producers and local organizers; however, some Ukrainian organizers do not care about the resulting sound, as their goal is only to earn money, and they may even cheat the artists. Finally, the audience has no culture of attending concerts, not managing even to come in time, and does not seemingly demand good music. This is possibly the most important notion, as without demand there will be no supply of the good sound. All of these problems can be actually solved by common efforts of the state, businessmen, and public itself The state should take down the amendments to the law

‘On Tour Events in Ukraine’ and, in fact, simplify the bureaucracy concerning the concert organization, which will make the tickets cheaper than now. Businessmen should think of investing funds in building of new, modern concert halls with European-level equipment and sound. Petty businessmen can also buy good equipment sets and loan them out to the performers; the competition between such enterprises may be encouraged by the state to prevent local monopolies. But all these initiatives should be demanded by the public. If people *en masse* understand that Stas Mikhaylov and similar music is primitive, and stop visiting such shows but go to the classical music or rock concerts, the market laws will inevitably cause new quality venues to be built and favoring laws to be signed. In turn, the state has to take measures to inform people what good music is through informative, organizational, and financial support of such music. If these measures are implemented, the music culture and taste of our society will generally rise, which will contribute to the people’s personal development in future.

BIBLIOGRAPHY:

1. Kalugin, Sergey. Koncertnyj zvuk: pamyatka posetitelyu rok-koncerta. 08 May 2007. 29 Feb. 2012 <<http://www.music.poltava.ua/articles/C20070508/>>
2. LIGA Business Inform. Kvytky na koncerty v Ukraini mojut podorozhchaty vdvichj. 23 Nov. 2011. 29 Feb. 2012 <http://news.liga.net/ua/news/culture/565715-kvitki_na_kontserti_v_ukra_n_mozhut_podorozhchati_vdvch.htm>
3. Trashman, Vladimir. LIVE IN SEVASTOPOL: Mechta s dostavkoj na dom. 10 Dec. 2011. 29 Feb. 2012 <http://sev-navigator.com/blogs/tajm-aut/Hve_in_sevastopol_mechta_s_dostavkoj_na_dom>.
4. Yarmola, Olexandr. “Meni khochetsja viryty, scho skoro v Ukraini nastane khylyla renesansu”. 13 Dec. 2011. 29 Feb. 2012 <<http://interviewer.com.ua/culture/oleksandr-yarmola/>>



Andrzej Mioduchowski

Warsaw, Poland

Izba Komornicza jako strona w postępowaniu o powołanie komornika / *Chamber of Bailiffs as a party to proceedings for the appointment of a bailiff*

Abstract

There are often situations when the Chamber of bailiffs submit motions to the Voivodship Administrative Court (VAC) that challenging decisions of the Minister of Justice, concerning the appointment of new county court officers. The Council of the Chamber of Bailiffs believes that it has the status of a party in such proceedings, noting that the standing local government decision should be sought in the provisions regulated the scope of its activities, as well as in the court rules. Chamber of bailiff activities in the country have benefited from this privilege to a limited extent, challenging the individual cases of the creation of new posts a bailiff. The Council of the Chamber of Bailiffs in the arguments of their appeals against the decisions of the Minister of Justice setting up the new bailiffs, each time notes that the creation of a new position, although the effectiveness of enforcement remains unsatisfactory. Such action of the Council-not covered by law and contrary to the previous, until 20-year practice-impedes the access of lawyers to the profession, and also maintains the monopoly of the existing bailiff, which can work to the detriment of the public interest. On July 26th 2017 The Supreme Administrative Court of the Republic of Poland (SAC) issued a final decision in the case concerning the appointment of E. Z. by the Minister of Justice to the position of bailiff at the District Court in the city of G. The Commercial Chamber supervises the jurisdiction of regional administrative courts as far as customs, and most business regulation is concerned

The article examines and evaluates of the recognition of the Chamber of Bailiffs as parties in the appointment of a bailiff in the light of the 2 conflicting with each other judgments of the SAC and WAC in Warsaw with 2017r. In the case brought before the SAC, the Council of the Chamber of Bailiffs in city of G. asked the Minister to request a retrial, claiming e. g. that has the status of a party in the proceedings. Concluded that the standing local government decision should be sought in the rules statuujących the scope of its activities, as well as in the rules. However, the Minister of Justice dismissed the appeal, stating that the request for a retrial cannot be acted upon, as it comes from non-party to the case. As explained, that no provision of substantive

law does not grant local government authorities of the decision to the status of the parties in proceedings in respect of the appointment to the position of bailiff. Justice Minister Zbigniew Ziobro, after giving considerations of the applications of candidates, appointed in the same appeal of Lodz 19 bailiffs in the year 2016 and 3 this year. He did it after examining their past and competence. In accordance with the law asked also about the opinion of the House Chamber on the question of candidates and the need for new regional. Take into account the however, these reviews-in accordance with the law do not have to, in fact, take into account the opinion of local government decision-and indicated the candidates committed to the profession. It should be noted that immediately after the appointment of a candidate for the post of the bailiff, he has a month to the oath, opening a law firm and starting a business. All newly elected long ago started working and download charges for creditors. Most of this involved having to take out loans or loans.

On the other hand, the WAC in Warsaw the judgment of may 2017, has come to the right conclusions, that the Chamber of bailiffs is not a party in the case of the appointment of a bailiff because by analogy apply to the Chambers of the debt collectors for a resolution to the SAC for notaries and the status of the Chamber of notaries in the proceedings concerning the appointment to the position of notary public

Key words: Voivodship Administrative Court, The Supreme Administrative Cour, appeals from lower administrative courts.

POZYCJA MINISTERSTWA SPRAWIEDLIWOŚCI W POSTĘPOWANIU O POWOŁANIE KOMORNIKA

Zgodnie z art. 10 i art. 11 ustawy z dnia 29 sierpnia 1997 r. o komornikach sądowych i egzekucji (Dz. U. z 2011 r. Nr 231, poz. 1376 dalej „u.k.s.e.”) oraz art. 104 ustawy z dnia 14 czerwca 1960 r. - Kodeks postępowania administracyjnego (Dz. U z 2016 r. poz. 23 ze zm., dalej „k.p.a.”) komornika powołuje Minister Sprawiedliwości na wniosek zainteresowanego. Decyzja taka zostaje wydana zgodnie z prawem, a w toku postępowania administracyjnego i Minister Sprawiedliwości dokonuje niezbędnych ustaleń faktycznych oraz prawidłowo rozstrzyga sprawę mając na uwadze obowiązujące przepisy prawa poprzez dogłębną ocenę posiadania, podważanej przez RIK, przez kandydata nieposzlakowanej opinii oraz wysokiego poziomu przygotowania do wykonywania zawodu komornika sądowego, zarówno od strony merytorycznej, jak i posiadanych cech charakteru.

Minister Sprawiedliwości informuje, w drodze obwieszczenia, w Dzienniku Urzędowym Rzeczypospolitej Polskiej „Monitor Polski”, o wolnym stanowisku komornika oraz wskazuje rewir, w którym ma nastąpić powołanie, i prezesa sądu apelacyjnego, do którego w terminie jednego miesiąca od daty wskazanej w obwieszczeniu, należy składać wnioski o powołanie. W przypadku zwolnienia stanowiska komornika wskutek śmierci albo odwołania komornika, w obwieszczeniu należy tę okoliczność wskazać, wymienić imię, nazwisko, siedzibę i adres kancelarii zmarłego albo odwołanego komornika oraz zaznaczyć że osoba, która zostanie powołana na stanowisko komornika przejmie prowadzenie spraw dotychczas prowadzonych i niezakończonych przez tego komornika. W zakresie dostępu do zawodu komornika art. 10 ustawy o komornikach jest przepisem podstawowym, wyrażającym *ratio legis* rozwiązania polegającego na poszerzeniu dostępu do zawodu komornika, wprowadzonego ostatnią nowelizacją Ustawy. Warto przypo-

mnąć, że projekt ustawy przedstawiony został do zaopiniowania Krajowej Radzie Sądownictwa, Pierwszemu Prezesowi Sądu Najwyższego i Krajowej Radzie Komorniczej.¹ Art. 10 ust. 1 pkt 3 ustawy stanowi, że „na stanowisko komornika może zostać powołana osoba, która posiada nieposzlakowaną opinię”, bez dalszego rozwinięcia. Brak spełnienia takiego ustawowego wymogu przez kandydata na komornika stanowi *de lege lata* i *de lege ferenda* podstawę decyzji odmownej.² Należy pamiętać, że komornik musi posiadać polskie obywatelstwo, co jest naturalne: jest przecież organem wykonującym przeznaczone mu przez ustawę władcze funkcje państwa. Przepis art. 10 ust. 1 pkt 2 w zw. z pkt 11 oznacza, że komornik nie może być całkowicie ani częściowo ubezwłasnowolniony.

Art. 93 ust. 1 pkt 2 ustawy z dnia 29 sierpnia 1997 r. o komornikach sądowych i egzekucji (Dz. U. z 2011 r. Nr 231, poz. 1376, ze zm.) dotyczy wyrażania opinii w sprawie powoływania i odwoływania komorników i asesorów komorniczych. Przedstawienie do MS opinii RIK jest jednym z dowodów oceny przydatności kandydata do wykonywania zawodu komornika sądowego, nie jest jednak dla Ministra Sprawiedliwości wiążąca;³ opinia samorządu komorniczego - wobec treści art. 11 ustawy o komornikach sądowych i egzekucji nie mają dla Ministra Sprawiedliwości charakteru wiążącego, stanowią natomiast podlegający ocenie dowód przydatności kandydata do wykonywania zawodu komornika sądowego. właściwej radzie izby komorniczej przysługuje prawo przedstawienia Ministrowi Sprawiedliwości opinii na temat kandydata na komornika sądowego. Nie ulega wątpliwości, że MS może podjąć decyzję o oddaleniu kandydatury na wolne stanowisko komornicze w oparciu o obiektywne przesłanki wynikających z zebranego materiału dowodowego, dających podstawę do rzetelnej oceny stopnia przydatności kandydatów do pełnienia funkcji komornika sądowego.

Minister Sprawiedliwości rozstrzygając sprawę wniosku o powołanie na stanowisko komornika jest niewątpliwie uprawniony do dokonania samodzielnej oceny w oparciu o zebrany materiał dowodowy, łącznie z opinią samorządu komorniczego, czy ubiegający się o wpis kandydat do zawodu komornika spełnia wszystkie przesłanki z art. 10 ustawy o komornikach sądowych i egzekucji, w tym m.in., czy daje on rękojmię prawidłowego wykonywania zawodu komornika sądowego. W orzecznictwie przyjęte jest stanowisko, że podejmowana w trybie art. 11 ustawy decyzja w sprawie wyboru kandydata na stanowisko komornika sądowego, gdzie przesłanki wyboru określa enumeratywnie art. 10 powołanej ustawy, traktując je jako równorzędne, ma charakter decyzji wydawanej w granicach uznania administracyjnego, gdyż ocena wagi i znaczenia tych przesłanek, a także właściwe uzasadnienie wyboru kandydata należy do MS.

1 W toku prac za bezpodstawne i sprzeczne z celem ustawy, która zmierza do przyspieszenia procesu powoływania komorników, uznano zastrzeżenia Krajowej Rady Komorniczej do art. 10 ust. 4, art. 11 ust. 3 i 4 ustawy

2 Ustaleniu, czy kandydat posiada „nieposzlakowaną opinię”, służyły informacje zebrane przez Policję na podstawie uchylonych art. 11 ust. 1a oraz 1b. Warto w tym miejscu jedynie zaznaczyć, że Policja jest organem powołanym m.in. do ścigania przestępstw i wykroczeń, a nie zbierania danych na temat obywateli, stąd za słuszne należy uznać uchylenie tych przepisów.

3 Zob. wyrok WSA w Warszawie z 23 sierpnia dnia 2006 r. VI SA/Wa 2154/05

Opinia organu samorządu komorniczego, wydane w trybie art. 11 ust. 3 Ustawy, w której Rada Izby Komorniczej może nie rekomendować kandydata jako właściwego kandydata na stanowisko, powinna być przez MS, pomimo tego, że MS nie jest związane treścią uchwały, rozważona w kontekście pozostałych materiałów sprawy, ponieważ opinia samorządu komorniczego nie mająca dla organu charakteru wiążącego, podlega ocenie tak jak pozostałe dowody w sprawie. Podejmowana w trybie art. 11 Ustawy decyzja w sprawie wyboru kandydata na stanowisko komornika sądowego, gdzie przesłanki wyboru określa enumeratywnie art. 10 w/w Ustawy traktując je jako równorzędne, ma charakter decyzji wydawanej w granicach uznania administracyjnego, gdyż ocena wagi i znaczenia tych przesłanek, a także właściwe uzasadnienie wyboru kandydata należy do MS. Decyzja może zostać uchylona przez sąd administracyjny w wypadku stwierdzenia, że zostały wydane z naruszeniem przepisów o postępowaniu administracyjnym, które mogło mieć istotny wpływ na wynik sprawy. Zadaniem organu stanowi, przy uwzględnieniu optymalnego interesu społecznego oraz słusznego interesu stron, wyłonienie kandydata posiadającego najlepsze kwalifikacje do pełnienia ww. funkcji. Podejmując decyzję uznaniową, organ obowiązany jest zbadać wszystkie elementy istotne dla rozstrzygnięcia sprawy, bez względu na to, który z nich może rozstrzygnięcie determinować i wyciągnąć z tego badania odpowiednie wnioski.

Minister Sprawiedliwości nie tylko nie jest związany przesłaną opinią, lecz może dalej procesować przy jej braku (brak opinii nie stanowi przeszkody do nadania wnioskowi dalszego biegu). Ocenę tą potwierdza m.in. wyrok WSA w Warszawie z dnia 23 sierpnia 2006 r., w którym stwierdza się wprost, że «. Opinie samorządu komorniczego są jednym z dowodów oceny przydatności kandydata do wykonywania zawodu komornika sądowego, nie są jednak dla Ministra Sprawiedliwości wiążące. Krajowa Rada Komornicza nie ma obowiązku wydania opinii w formie postanowienia.»⁴ Również w wyroku WSA w Warszawie z dnia 6 kwietnia 2006 r. stwierdzono, że «. Organ nie jest związany opinią samorządu komorniczego, która jest dowodem podlegającym ocenie tak jak pozostały materiał dowodowy.» Dalej, ustawa o komornikach sądowych i egzekucji nie reguluje formy opinii rady właściwej izby komorniczej w postępowaniu o powołane komornika; można sądzić, że wobec kolegialnego charakteru tego ciała jego opinia będzie miała formę uchwały (w rozpatrywanej sprawie – uchwały nr [...] Rady Izby Komorniczej w S. z dnia [...] września 2010 r.). Brak podstaw do traktowania takich uchwał jak postanowień, od których służy środek odwoławczy. Jest to prostą konsekwencją zdecydowanie niewiążącego charakteru tych uchwał. Minister Sprawiedliwości trafnie też zauważył, że izba komornicza była stroną kontrolowanego postępowania i właśnie z tego tytułu nie można jej było uznać za organ współdziałający w rozumieniu art. 106 K.p.a. Dlatego nie istnieją podstawy do traktowania opinii rady właściwej izby komorniczej o kandydacie na stanowisko komornika jako opinii w rozumieniu art. 106 K.p.a. Nie świadczy o tym ani odniesienie do przepisów K.p.a., ani kształt

4 Wyrok WSA w Warszawie z dnia 23 sierpnia 2006 r., sygn. akt VI SA/Wa 2154/05, LEX nr 281937,

(treść) tej instytucji prawnej, określonej w art. 11 ust. 4 ustawy o komornikach sądowych.⁵

Przy czym organ administracji publicznej jest obowiązany kierować się zasadą prawdy obiektywnej także wówczas, gdy decyzja wydana w sprawie indywidualnej ma charakter uznaniowy. Korzystanie z uznania administracyjnego oznacza, że organ ma prawo wyboru treści rozstrzygnięcia. Wybór taki nie może być jednak dowolny, a więc musi on wynikać z wszechstronnego i dogłębnego rozważenia wszystkich okoliczności faktycznych sprawy.⁶

Wypada podkreślić, że uznanie administracyjne definiowane jest jako przyznanie MS pewnego stopnia swobody przy podejmowaniu decyzji, pozwalającej na wybór jednego z prawnie dopuszczalnych wariantów rozstrzygnięcia – takiego, który organ uważa za najwłaściwszy.⁷ Jednak wybór ten musi być realizowany zgodnie z zasadami państwa prawa wyrażonymi w Konstytucji oraz w ogólnych zasadach Kodeksu postępowania administracyjnego. Niezależnie bowiem od wzmiankowanej reguły wyboru rozstrzygnięcia, której podlegają decyzje uznaniowe, pozostają one decyzjami administracyjnymi, do wydania których zasady te mają pełne zastosowanie. W szczególności, w myśl tych zasad organ obowiązany jest wyczerpująco wyjaśnić, dlaczego uczynił ze swego uprawnienia, mającego źródło w przepisach prawa materialnego, taki a nie inny użytek.

Decyzje o powołaniu komornika mają charakter uznaniowy. Wskazać trzeba, iż uznanie administracyjne coraz częściej jest postrzegane jako zjawisko nieodłącznie związane z administracją, stanowiące przejaw jej natury, a to z uwagi na fakt, iż administracja nie poddaje się wyczerpującej regulacji prawnej (tak m.in. A. Habuda, *Koncepcje administracji publicznej a problem uznania administracyjnego*, *Samorząd Terytorialny* z 9 z 2000 r., poz. 52). Instytucja uznania ma kapitalne znaczenie zwłaszcza tam, gdzie organy administracji dokonują dystrybucji pewnej ilości dóbr prawem reglamentowanych, wybierając ich beneficjenta/ów. Dobrem tym może być – jak w niniejszej sprawie – stanowisko komornika, ale także przyznanie koncesji, środków z funduszy unijnych etc. Wspólną cechą tych sytuacji jest to, że dóbr reglamentowanych jest mniej, aniżeli chętnych do ich otrzymania.

W literaturze przedmiotu i dotychczasowym orzecznictwie uznanie administracyjne definiowane jest jako przyznanie organowi administracji pewnego stopnia swobody przy podejmowaniu decyzji, pozwalającej na wybór jednego spośród kilku prawnie dopuszczalnych wariantów rozstrzygnięć, które uważa on za najbardziej właściwe. Podkreślić trzeba jednak, iż - co przyjmuje się jako powszechnie obowiązujący standard - konieczne jest dostatecznie precyzyjne określenie granic uznania administracyjnego. Nie ulega bowiem wątpliwości, że poprzez wprowadzenie art. 7 Konstytucji w polskim porządku prawnym, przyjęta została konstrukcja legalności działania administracji. Zakłada ona - jako zasadę - niedo-

5 Wyrok WSA w Warszawie z dnia 6 kwietnia 2006 r., sygn. akt VI SA/Wa 2153/05, LEX nr 222059,

6 Zob. też wyrok Naczelnego Sądu Administracyjnego z dnia 2 lutego 1996 r., sygn. akt II SA 2875/95, *Wokanda* 1996, Nr 6, s. 32; podobnie /w:/ wyroku NSA z dnia 19 lipca 1982 r., II SA 883/82, *PiP* 1983, Nr 6, s. 141).

7 Wyrok NSA z dnia 29 lutego 2007 r. II GSK 313/06

puszczalność swobody administracji, która nie znajdowałaby podstawy w prawie i przekraczającej granice prawa (tak: A. Błaś, *Miedzy swobodą i prawnym związaniem administracji publicznej*, w: *Administracja publiczna w państwie prawa*, Wrocław 1999 r., s. 30 i n.)

Podobne stanowisko w tej kwestii zajął Europejski Trybunał Praw Człowieka w Strasburgu, który w sprawie *Malone przeciwko Wielkiej Brytanii* (wyrok z 2 sierpnia 1984 r., sprawa Nr 8691/79) stwierdził, iż „byłoby sprzeczne z zasadą rządów prawa, gdyby uprawnienie do rozstrzygania w ramach swobodnego uznania przyznane organom administracji wyrażało się w kategoriach władzy niczym nie skrepowanej”. A zatem prawo dokonywania przez Ministra Sprawiedliwości wyboru osoby, którą powoła na komornika, które to prawo z instytucją swobodnego uznania nierozłącznie się wiąże, musi być realizowane zgodnie z zasadami państwa prawa, wyrażonymi przede wszystkim w Konstytucji oraz ogólnych zasadach postępowania administracyjnego. Nie można przy tym zapominać, że niezależnie od powyższych reguł, którym podlegają decyzje oparte na uznaniu administracyjnym, decyzje takie pozostają „decyzjami administracyjnymi”, do wydania których zastosowanie mają ogólne reguły wynikające z przepisów kodeksu postępowania administracyjnego

Oczywistym jest, że MS w myśl art. 11 ustawy o komornikach sądowych i egzekucji zwraca się do Rady o wydanie opinii, która nie ma charakteru wiążącego, co uzasadnia dokonania jej merytorycznej oceny. Gdyby bowiem taki był zamiysł ustawodawcy, to wówczas wspomniana możliwość działania organów samorządu zawodowego - jako zbyteczna - w ogóle nie zostałaby przewidziana w postępowaniu powołania komornika. Czym innym jest bowiem możliwość wyrażenia opinii przez radę izby komorniczej (o której stanowi art. 11 ust. 3 ustawy) lub Krajową Radę Komorniczą (art. 11 ust. 5 ustawy) oraz ich niewiązący charakter, a czym innym konieczność dokonania przez organ powołujący merytorycznej oceny opinii, która została w toku postępowania przeprowadzona. Konieczność takiego działania w praktyce powoływania przez MS komorników staje się widoczna wówczas, gdy weźmie się pod uwagę fakt, iż dana osoba po powołaniu na stanowisko komornika staje się członkiem korporacji. Zatem dokonana przez członków tejże korporacji nawet niepełna i niejasna ocena walorów merytorycznych poszczególnych kandydatów, jakkolwiek nie wiążąca Ministra, nie została przez niego pozostawiona bez jakiegokolwiek weryfikacji. MS nie naruszyło, tak jak to implikuje Rada, reguły postępowania administracyjnego, w myśl których uzasadnienie faktyczne decyzji powinno w szczególności zawierać wskazanie faktów, które organ uznał za udowodnione, dowodów, na których się oparł oraz przyczyn, z powodu których innym dowodom odmówił wiarygodności i mocy dowodowej, zaś uzasadnienie prawne - wyjaśnienie podstawy prawnej decyzji z przytoczeniem przepisów prawa. Zgodnie z przyjętą wieloletnią praktyką postępowania MS w sprawie powoływania na komorników oraz ugruntowanym orzecznictwie sądowym wynika, że niewyjaśnienie wszystkich okoliczności mających istotne znaczenie w sprawie oraz nieuzasadnienie decyzji w sposób właściwy narusza podstawowe zasady postępowania administracyjnego i stanowi podstawę do uchylecia takiej decyzji przez sąd administracyjny. A poznanie rzeczywistych motywów, jakimi kierowała

się strona skarżąca – Rada - dałaby kandydatowi możliwość podjęcia polemiki, próby przedstawienia swojego stanowiska w sprawie, swojej interpretacji faktów, jak i przepisów będących podstawą rozstrzygnięcia.

W interesie społecznym leży bowiem, by komornikiem została osoba nie tylko dobrze przygotowana teoretycznie do pełnienia funkcji komornika, ale również posiadająca odpowiednie cechy charakteru pożądane w przypadku osoby zaufania publicznego.. Należy zgodzić się z poglądem orzecznictwa i doktryny, że w przypadku katalogu osób określonych w art. 10 ust. 4 zwolnionych z wymogu odbycia aplikacji komorniczej, złożenia egzaminu komorniczego i co najmniej 2 letniego okresu pracy w charakterze asesora komorniczego, nie zachodzi okoliczność zwolnienia organu z obowiązku zbadania doświadczenia zawodowego osób objętych zwolnieniem. W interesie społecznym jest, żeby najważniejszym kryterium gwarantującym - przy wyborze kandydata na stanowisko komornika sądowego - prawidłowe wykonywanie obowiązków było jego doświadczenie zawodowe, poparte gruntowną wiedzą praktyczną i ewentualnie praktyczną.⁸

Żadna z przesłanek określonych w art. 10 Ustawy nie odgrywa decydującej roli przy ocenie kandydatów na stanowisko komornika sądowego. W świetle wymagań określonych w art. 10 ust. 1 ustawy o komornikach sądowych i egzekucji nie można mówić o przesłance decydującej o wyborze na stanowisko komornika; w istocie decyduje o tym całokształt okoliczności, których spełnienie podlega ocenie organu orzekającego (MS), podlegającego w tym zakresie kontroli sądu administracyjnego. Kontynuując, zgodnie z art. 10 ust. 4 Ustawy, kandydat posiadający tytuł naukowy doktora nauk prawnych nie musi spełniać przesłanki w postaci odbycia aplikacji komorniczej, złożenia egzaminu komorniczego i co najmniej 2 letniego okresu pracy w charakterze asesora komorniczego, jednakże w kontekście interesu społecznego, który sprowadza się w tym przypadku do wyboru kandydata, najlepiej zarówno pod względem wiedzy teoretycznej jak i umiejętności praktycznych, przygotowanego do pełnienia obowiązków komornika sądowego, powyższa okoliczność może być brana pod uwagę przez organ (MS).

Status prawny komornika jako funkcjonariusza publicznego, jest nierozzerwalnie związany z zajmowaniem przez niego stanowiska. Jego nabycie wynika z powołania, zaś utrata następuje w wyniku odwołania z zajmowanego stanowiska. Powołanie komornika następuje w drodze decyzji administracyjnej, i jak słusznie podkreśla się w doktrynie: *„Powołanie i odwołanie komornika jest sprawą z zakresu administracji publicznej, następuje na podstawie przepisów ustawy o komornikach i egzekucji przez wydanie aktu powołania (odwołania) komornika, zaliczanego do aktów administracyjnych. Podejmując takie rozstrzygnięcia, Minister Sprawiedliwości działa w trybie określonym przez kodeks postępowania administracyjnego, z modyfikacjami wprowadzonymi ustawą komorniczą. Do jego decyzji mają zatem zastosowanie m.in. zasady ogólne postępowania administracyjnego (...), przepisy dotyczące postępowania dowodowego, elementów decyzji, w tym obowiązku jej uzasadnienia, czy trybu wnoszenia odwołań (wniosków o ponowne rozpatrzenie spr-*

8 Zob. też wyrok WSA w Warszawie z dnia 7 maja 2010 r. Lex 675885

wy) i kompetencji organów odwoławczych⁹ Należy zauważyć, że ewentualne powołanie komornika następuje w formie decyzji administracyjnej, stwierdzenie utraty mocy prawnej tej decyzji następuje także przez decyzję, która ma jednak charakter deklaracyjny, gdyż utrata mocy powołania następuje z mocy prawa (*ex lege*), (art. 13 ustawy o komornikach sądowych i egzekucji).

Organ podejmując decyzję powinien kierować się zasadą praworządności, wyrażoną w art. 7 Konstytucji i art. 6 K.p.a., a zatem działać jedynie na podstawie i w granicach prawa, a przepisy ustawy o komornikach sądowych i egzekucji wskazują jednoznacznie merytoryczny zakres oceny kandydatów, precyzując wymogi, które muszą spełniać osoby, ubiegające się o powołanie na stanowisko komornika, i czy wybrany kandydat daje najlepszą spośród wszystkich kandydatów rękojmię należytego wykonywania obowiązków komornika sądowego.

Zgodnie z art. 7 KPA, w toku postępowania MS stoi na straży praworządności i podejmuje wszelkie kroki niezbędne do załatwienia sprawy, mając na względzie interes społeczny i słuszny interes obywateli oraz wszystkich stron postępowania w przedmiocie powołania na stanowisko komornika. Przepis ten nakazuje MS podejmowanie wszelkich kroków niezbędnych do dokładnego wyjaśnienia rzeczywistego stanu faktycznego sprawy. Oznacza to, że na MS nałożono obowiązek dążenia do prawdy obiektywnej. Organ administracji - MS jest zobowiązany do podejmowania wszelkich kroków zmierzających do dokładnego wyjaśnienia stanu faktycznego i prowadziło postępowanie w taki sposób, żeby pogłębić zaufanie obywateli do państwa - art. 8 KPA. Obowiązek ten jest realizowany dzięki nakazowi zebrania i wyczerpującego rozpatrzenia przez organ administracji całego materiału dowodowego.¹⁰ Stosownie do treści art. 77 § 1 KPA MS w sposób wyczerpujący zebrało i rozpatrzyło cały materiał dowodowy. Oznacza to, że materiał dowodowy zebrany w sprawie jest zawsze kompletny, tj. dotyczący wszystkich okoliczności faktycznych, które mają znaczenie w sprawie. Zgodnie art. 77 § 1 KPA, MS gromadzi cały materiał dowodowy konieczny do rozstrzygnięcia sprawy oraz podejmuje stosowne działania między innymi przeprowadzenia z urzędu dowodów służących ustaleniu stanu faktycznego sprawy oraz prawidłowo oraz w ustawowym terminie żąda od stron przedstawienie dowodów na poparcie jej twierdzeń. Podczas postępowania MS powołania komornika dowolna ocena wszystkich dowodów¹¹ zostaje oparta na kompletnym materiale dowodowym oraz w pełni rozpatrzonym (art.

9 M. Sthal w „Zakres stosowania K.p.a. w postępowaniach prowadzonych na podstawie ustawy o komornikach sądowych i egzekucji”, PPE nr 10-11/2007

10 Wyczerpujące rozpatrzenie materiału dowodowego polega bowiem na takim ustosunkowaniu się do każdego ze zgromadzonych w sprawie dowodów z uwzględnieniem wzajemnych powiązań między nimi, aby uzyskać jednoznaczność ustaleń faktycznych i prawnych. Dopiero, bowiem jednoznaczne ustalenie stanu faktycznego sprawy stworzyłoby podstawy do wyrażenia stanowiska, które nie przekraczałoby granic zasady swobodnej oceny dowodów, wynikającej z art. 80 KPA”. Wyrok Wojewódzkiego Sądu Administracyjnego siedziba w Bydgoszczy 26 maja 2009 r. II SA/Bd 783/08.

11 Na stanowisko komornika może zostać powołana osoba, która:

- 1) posiada obywatelstwo polskie;
- 2) ma pełną zdolność do czynności prawnych;
- 3) posiada nieposzlakowaną opinię;
- 4) nie była karana za przestępstwo lub przestępstwo skarbowe;
- 5) nie jest podejrzana o przestępstwo ścigane z oskarżenia publicznego lub przestępstwo skarbowe;

77 § 2 KPA, art. 80 KPA). Każdy dowód jest rozpatrzony nie tylko osobno a także w powiązaniu z innymi dowodami. Taka ocena dowodów jest zgodna z zasadami logiki, wiedzy i doświadczenia życiowego.

Strona - pojęcie strony postępowania zdefiniowane zostało w art. 28 k.p.a., zgodnie z którym stroną jest każdy, czyjego interesu prawnego lub obowiązku dotyczy postępowanie albo kto żąda czynności ze względu na swój interes prawny lub obowiązek. Przy czym interes prawny, o jakim mowa w tym przepisie to interes „indywidualny, konkretny, aktualny i sprawdzalny obiektywnie, a jego istnienie znajduje potwierdzenie w okolicznościach faktycznych, będących przesłankami zastosowania przepisu prawa materialnego”¹² żaden przepis prawa materialnego - ustawy z dnia 29 sierpnia 1997 r. o komornikach sądowych i egzekucji (Dz. U. z 2011 r. Nr 231, poz. 1376 ze zm.; powoływanej dalej jako: ustawa o komornikach), nie przyznaje organom samorządu komorniczego statusu strony w postępowaniach w przedmiocie powołania na stanowisko komornika sądowego, a decyzja o powołaniu komornika sądowego nie rozstrzyga bezpośrednio ani też pośrednio o prawach czy obowiązkach samorządu komorniczego.¹³ Jednocześnie wskazać należy, że „pojęcie strony, jakim posługuje się art. 28 k.p.a. może być wprowadzone tylko z przepisów prawa materialnego, czyli z normy prawnej, która stanowi podstawę ustalenia uprawnienia lub obowiązku”.¹⁴ Zatem przepis art. 28 k.p.a. nie może stanowić samodzielnej podstawy do uznania konkretnego podmiotu za stronę postępowania administracyjnego, lecz musi istnieć przepis prawa materialnego, który stanowi podstawę ustalenia uprawnienia lub obowiązku.

UDZIAŁ SAMORZĄDU KOMORNICZEGO W POSTĘPOWANIU

Art. 17 ust. 1 Konstytucji RP stanowi, że w drodze ustawy można tworzyć samorządy zawodowe reprezentujące osoby wykonujące zawody zaufania publicznego i sprawujące pieczę nad należytym wykonywaniem tych zawodów w granicach interesu publicznego i dla ich ochrony. Zawody zaufania publicznego, to zawody polegające na obsłudze osobistych potrzeb ludzkich, wiążące się z przyjmowaniem informacji dotyczących życia osobistego i zorganizowane w sposób uzasadniający przekonanie społeczne o właściwym dla interesów jednostki wykorzystywaniu tych informacji przez świadczących usługi. Wykonywanie zawodu zaufania publicznego określane jest dodatkowo normami etyki zawodowej, szczególnie treścią ślubowania, tradycją korporacji zawodowej czy szczególnym charakterem wykształcenia wyższego i uzyskanej specjalizacji/aplikacji¹⁵ Zaangażowanie samorządu zawodowego w wykonywanie zadań państwa z zakresu administracji publicznej połączone z narzuceniem mu reguł sprawowania pieczy właściwych

6) ukończyła wyższe studia prawnicze w Rzeczypospolitej Polskiej i uzyskała tytuł magistra prawa lub zagraniczne studia prawnicze uznane w Rzeczypospolitej Polskiej;

12 tak w komentarzu do art. 28 k.p.a., B. Adamiak, J. Borkowski, Kodeks postępowania administracyjnego, Komentarz, wyd. C.H. Beck.

13 II GSK 2328/16 - Wyrok NSA z 2017-03-16

14 wyrok NSA z dnia 19 stycznia 1995 r. sygn. akt I SA 1326/93.

15 P. Sarnecki - Pojęcie zawodu zaufania publicznego na przykładzie adwokatury, [w:] red. L. Garlicki Konstytucja - Wybory - Parlament, studia ofiarowane Zdzisławowi Jaroszowi, Warszawa 2000, Liber s. 155 i nast.

dla działania państwa, określonych w art. 17 ust. 1 Konstytucji RP, jako działanie w granicach interesu publicznego i dla jego ochrony, nie przekreśla możliwości przypisania samorządowi własnych, indywidualnych praw i obowiązków, legitymujących do występowania w charakterze strony postępowania administracyjnego czy sądownoadministracyjnego, w sprawach dotyczących powołania na stanowisko komornika lub odwołania z tego stanowiska

Treść artykułu 17 Konstytucji jednoznacznie przyjmuje, że w drodze ustawy można tworzyć samorzady zawodowe, reprezentujące osoby wykonujące zawody zaufania publicznego i sprawujące pieczę nad należyтым wykonywaniem tych zawodów w granicach interesu publicznego i dla jego ochrony. Do tej kategorii należy samorząd komorniczy, utworzony ustawą z dnia 29 sierpnia 1997r. o komornikach sądowych i egzekucji. Ujęcie samorządów zawodowych w art. 17 Konstytucji, zawartym w rozdziale I. „*Rzeczpospolita*”, świadczy o doniosłej pozycji ustrojowej tych samorządów, reprezentujące osoby wykonujące zawody zaufania publicznego i sprawujące pieczę nad należyтым wykonywaniem tych zawodów w granicach interesu publicznego i dla jego ochrony. Przepis ten zaliczany jest do zasad ustrojowych, jako jednej z podstawowych instytucji demokratycznego państwa prawnego. W literaturze przedmiotu oraz w orzecznictwie jest przyjmowane zgodne stanowisko, że samorząd zawodowy, tak jak samorząd terytorialny, jest formą organizacyjną decentralizacji administracji publicznej. Idąc konsekwentnie tym tokiem rozumowania należy przyjąć, że organy samorządu zawodowego są organami władzy publicznej Ponadto jest oczywiste, że organy samorządu zawodowego nie są upoważnione do stanowienia przepisów powszechnie obowiązujących w kontekście podważania intencji ustawodawcy (art. 10 ustawy), albowiem nie przewidują tego przepisy Konstytucji RP, zaś przepis art. 17 ust. 1 Konstytucji może stanowić samoistne upoważnienie do podejmowania przez organy samorządu zawodowego jedynie uchwał zawierających normy wewnątrzorganizacyjne, wiążące organy samorządu zawodowego i jego członków, a nie negocjowania funkcji władzy uchwałodawczej.

Przepis art. 17 ust. 1 Konstytucji RP można uznać jedynie za podstawę do ustawowego upoważnienia organów samorządu zawodowego do wydawania w formie statutów albo regulaminów norm wewnątrzorganizacyjnych, wiążących wyłącznie osoby należące do danej korporacji a nie norm prawnych. Wobec powyższego należy uznać, że przepisy ustawy o komornikach sądowych i egzekucji nadają Krajowej Radzie Komorniczej kompetencję do wydawania różnego rodzaju uchwał zawierających tylko normy korporacyjne, a nie normy prawne.¹⁶ Taka niepełna i fragmentaryczna regulacja wyraźnie kontrastuje z przepisami większości ustaw „korporacyjnych”, do których niewłaściwie odwołuje się RIK, w których zakres i przedmiot regulacji postępowania dyscyplinarnego jest znacznie szerszy i głębszy (np. art. 87-95i ustawy z dnia 26 maja 1982 r. – Prawo o adwokaturze – Dz. U. Nr 16, poz. 124 ze zm.).

Krajowa Rada Komornicza nie powinna korzystać z przepisu art. 85 ust. 1 pkt 13 ustawy o komornikach sądowych i egzekucji, który stanowi, że do zakre-

¹⁶ por. postanowienie TK z dnia 20 maja 2002 r., OTK ZU 2002/3a, p. 38 i n.

su działania Krajowej Rady Komorniczej należy wykonywanie innych czynności przewidzianych przepisami prawa, który w doktrynie i orzecznictwie jest rozumiany w ten sposób, że chodzi w nim o wykonywanie innych niż wymienione w tym przepisie czynności, które są przewidziane w innych niż ustawa o komornikach sądowych i egzekucji przepisach prawa. Oznacza to, że Rada Komornicza jest w każdym przypadku stosowania przepisu art. 85 ust. 1 pkt 13 tej ustawy obowiązana wskazać równocześnie przepis szczególny, który stanowi podstawę podjęcia konkretnej czynności, a z treści tego artykułu wynika, że do zakresu działania Krajowej Rady Komorniczej należy w szczególności wykonywanie innych czynności przewidzianych przepisami prawa. Przepis powyższy ani żaden inny przepis tej ustawy nie upoważnia Krajowej Rady Komorniczej do wydawania norm prawnych.¹⁷

Art. 106 § 5 K.p.a. stanowi, że zajęcie stanowiska przez organ uzgadniający (opiniujący) następuje w drodze postanowienia, na które służy stronie zażalenie. O ile zatem w postępowaniu uzgodnieniowym uregulowanym w art. 106 K.p.a. wydanie decyzji w postępowaniu głównym jest możliwe dopiero po zajęciu stanowiska przez organ uzgadniający – nawet wtedy, gdy to stanowisko ma formę opinii, o tyle uzyskanie opinii w postępowaniu zmierzającym do powołania komornika, uregulowanym w art. 11 ustawy o komornikach sądowych i egzekucji nie jest wymagane; przepis ten (art. 11 ust. 4) zobowiązuje co prawda Ministra do przesłania odpisów wniosków o powołanie na stanowisko komornika wraz z załącznikami radzie właściwej izby komorniczej w celu wyrażenia opinii, ale jednocześnie stanowi, że brak tej opinii nie stanowi przeszkody do nadania wnioskowi dalszego biegu. O ile zatem w postępowaniu uzgodnieniowym uregulowanym w K.p.a. wymóg zasięgnięcia opinii – niezależnie od jej mocy wiążącej – warunkuje wydanie decyzji w postępowaniu głównym, które jest obciążone wadą nieważności w przypadku niespełnienia tego warunku, o tyle wymóg zasięgnięcia opinii w postępowaniu zmierzającym do powołania komornika ma przed wszystkim charakter informacyjny – zmierza do poinformowania przez Ministra Sprawiedliwości rady właściwej izby komorniczej o kręgu osób, które złożyły wnioski o powołanie na stanowisko komornika;

Udział samorządu komorniczego w postępowaniu sprowadza się do zagwarantowania mu wpływu na treść rozstrzygnięcia, jednak wyłącznie w zakresie objętym obowiązkiem współdziałania. W tej mierze organ współdziałający ma za zadanie przyczynić się do prawidłowego załatwienia sprawy przez inny organ, ale bez wkraczania we właściwość, zadania i kompetencje innego organu. Opinia właściwej rady izby komorniczej wchodzi do materiału dowodowego, podlega rozważeniu jako jeden z dowodów poddanych swobodnej ocenie w kontekście całokształtu materiału dowodowego zgromadzonego w sprawie i w ten sposób wpływa bezpośrednio na treść rozstrzygnięcia sprawy¹⁸ Prawo rady właściwej izby komorniczej do wyrażenia opinii w sprawie powołania i odwołania komornika

17 Por wyrok TK z dnia 8 grudnia 1998 r., K 41/97, OTK ZU 1998 Nr 7, poz. 117

18 Por. wyroki WSA w Warszawie z dnia 23 stycznia 2012 r. sygn. VI SA/Wa 2205/11, z dnia 25 kwietnia 2012 r., sygn. VI SA/Wa 453/12 oraz z dnia 23 stycznia 2013 r., sygn. VI SA/Wa 1963/12).

należy traktować jako ustawowe określenie prawa samorządu komorniczego do udziału w decydowaniu o członkostwie w tej korporacji, stanowiącego element jego konstytucyjnego prawa (i obowiązku) sprawowania pieczy nad należytym wykonywaniem zawodu komornika. Opinia ta nie jest jednak dla Ministra Sprawiedliwości wiążąca, będąc jedynie pomocniczą. Minister stwierdził ponadto, że ten sam organ nie może w tym samym postępowaniu występować jednocześnie jako strona postępowania i jako organ współdziałający poprzez opiniowanie, gdyż te role procesowe wykluczają się.

Ważnym jest wyrok TK z 2004 r.¹⁹, w którym sąd wskazał, że przesłanka interesu publicznego, na gruncie art. 17 ust. 1 Konstytucji RP, precyzuje cel i granice sprawowanej pieczy nad wykonywaniem zawodu co powoduje, że każde działanie samorządu zawodowego w tym zakresie podlega zatem konstytucyjnie ukierunkowanej ocenie, dokonywanej z punktu widzenia interesu publicznego. Interes publiczny i jego ochrona nie mogą być utożsamiane z partykularnym interesem danej korporacji zawodowe

Z art. 17 Konstytucji RP, tj. z ogólnych zasad statuujących funkcjonowanie samorządów zawodowych, w tym obowiązku sprawowania pieczy nad należytym wykonywaniem zawodu nie można wywodzić istnienia interesu prawnego. Przepis konstytucyjny stanowi tylko, że piecza ta, polega na wykonywaniu działań gwarantujących wysoką jakość i kulturę wykonywania zawodu oraz odpowiedni poziom etyczny i profesjonalny osób, które dany zawód już wykonują. Sprawowanie pieczy nad wykonywaniem zawodu zaufania publicznego, jak podkreśla się w piśmiennictwie, polega zaś na wykonywaniu działań gwarantujących wysoką jakość oraz kulturę wykonywania zawodu oraz odpowiedni poziom etyczny i profesjonalny osób, które dany zawód wykonują. Piecza, która jest konstytucyjnym obowiązkiem organów samorządów zawodowych zaufania publicznego, powinna być rozumiana jako suma działań podejmowanych w celu zapewnienia ochrony interesu publicznego. Przedmiotem pieczy jest należyte wykonywanie zawodu w granicach interesu publicznego i w celu jego ochrony²⁰

Wydaje się, że Izba Komornicza nie posiada interesu prawnego w złożeniu wniosku o ponowne rozpatrzenie sprawy, bowiem żaden przepis prawa materialnego, w u.k.s.e., nie przyznaje organom samorządu komorniczego statusu strony w postępowaniach w przedmiocie powołania na stanowisko komornika sądowego, a decyzja o powołaniu komornika sądowego nie rozstrzyga bezpośrednio ani też pośrednio o prawach czy obowiązkach samorządu komorniczego.

Należy zgodzić się z poglądem, że samorządowi komorniczemu jako organowi opiniodawczemu nie przysługuje prawo występowania w charakterze strony, ponieważ samorząd ten uczestniczy w postępowaniu o powołanie na stanowisko komornika na zasadach określonych w art. 106 k.p.a., przez co wykluczony jest jego jednoczesny udział jako strony w tym postępowaniu.²¹ Zgodnie z treścią art. 93

19 Zob. wyrok TK z 18 lutego 2004 r. sygn. P 21/02, OTK ZU nr 2/A/2004, poz.9.

20 por. E. Tkaczyk, Samorząd zawodowy w świetle Konstytucji Rzeczypospolitej Polskiej, Przegąd Sejmowy 2011/6/61

21 VI SA/Wa 2013/16 - Wyrok WSA w Warszawie

ust. 1 ustawy o komornikach sądowych i egzekucji, do zakresu działania rady izby komorniczej należy nadzór nad przestrzeganiem przez komorników i asesorów komorniczych powagi i godności zawodu. Jednakże w przepisie tym mowa jest o nadzorze nad komornikami, nie zaś nad kandydatami na komorników. Ponadto z przepisów ustawy o komornikach sądowych i egzekucji wynika wprost jedynie opiniodawcza rola samorządu komorniczego w postępowaniach w przedmiocie powołania i odwołania komornika sądowego. Ustawodawca bowiem systemowo uregulował tę kwestię, konsekwentnie wskazując jedynie na kompetencje opiniodawcze organów samorządu komorniczego.

Orzecznictwo sądów administracyjnych, które nie uznawało organów opiniujących samorządu zawodowego komorników za stronę postępowań w przedmiocie powołań na stanowisko komornika sądowego jest rozbieżne w tej materii.²² W tym także uchwały abstrakcyjne Naczelnego Sądu Administracyjnego nie pozostają w bezpośrednim związku z postępowaniem toczącym się w konkretnych sprawach, dlatego też zawarta w nich wykładnia nie posiada mocy bezpośrednio wiążącej w konkretnej sprawie. Bogate orzecznictwo w tej materii, które z jednej strony popiera jej stanowisko tak jak np. w orzeczeniu z listopada 2013 roku Naczelny Sąd Administracyjny²³ wskazał, że w takim postępowaniu samorząd powinien mieć prawo do występowania jako strona, jednakże co należy stanowczo wyartykułować orzecznictwo jest w tej sprawie niejednolite. np. odmienne stanowisko o zajął NSA w wyroku z 12 lipca 2011r., II GSK 708/10, przyjmując, że *„samorządowi notarialnemu, jako organowi opiniodawczemu w toku postępowań administracyjnych, nie przysługuje, a wręcz przysługiwać nie może, prawo występowania w charakterze strony”* RIK winien posiadać świadomość, że wyroki NSA wiążą tylko w konkretnych sprawach, a jak dotychczas rozstrzygnięcie tej kwestii nie przybrało postaci uchwał, zatem nie ma charakteru powszechnie obowiązującego, co szczególnie wymaga podkreślenia w sytuacji prezentowania przez NSA niejednolitego stanowiska. Zatem organ samorządowy nie winien nie znajdować podstaw do kwestionowania skuteczności powołania komornika, czy też przyjęcia tezy „o nieważności powołania”

Nieprawidłowym jest powoływanie się na uchwałę Naczelnego Sądu Administracyjnego w Warszawie z dnia 22 września 2014 r., w której Sąd zajął stanowisko, że na podstawie art. 10 § 1 i 16 § 3 ustawy Prawo o notariacie w zw. z art. 106 i art. 28 k.p.a., izbie notarialnej przysługuje status strony w postępowaniu administracyjnym w przedmiocie powołania lub odwołania notariusza,²⁴ ponieważ izba notarialna została uznana przez sędziów za stronę w postępowaniu o powołanie lub odwołanie notariusza,

22 Por. wyroki WSA sygnatury akt: VI SA/Wa 1816/14 i VI SA/Wa 1022/15).

23 Podobnie uchwała siedmiu sędziów SN z 1996 r.: „choć żaden przepis materialnego prawa administracyjnego nie przyznaje samorządowi notarialnemu statusu strony, to bez wyposażenia go we właściwe instrumenty prawne tj. w uprawnienie do zaskarżenia stosownych decyzji administracyjnych, wypełnianie obowiązków samorządu w zakresie zapewnienia przez jego członków poszanowania prawa i rzetelności wykonywanych zadań, byłoby utrudnione”.

24 Por. uchwałę Naczelnego Sądu Administracyjnego nr II GPS 1/14 z dnia 22 września 2014 r. która dotyczy zagadnienia prawnego dotyczącego kwestii

Nie można pogodzić się z przyjętym rozumowaniem, bowiem pomimo zbliżonych uregulowań prawnych dotyczących uprawnień samorządów notarialnego i komorniczego, istnieją istotne różnice w statusie prawnym notariusza i komornika sądowego.²⁵ Nie wynika z tego *per analogiam*, że izba komornicza powinna także zostać uznana za stronę w postępowaniu o powołanie lub odwołanie komornika sądowego chociażby z tego powodu, że uprawnienia izb komorniczych nie są identyczne do uprawnień izb notarialnych w tym zakresie.

Warto wskazać, że pomimo zbliżonych uregulowań prawnych dotyczących uprawnień samorządów notarialnego i komorniczego, istnieje zasadnicza różnica w statusie prawnym notariusza i komornika sądowego. Różnice te zachodzą w zakresie funkcji i zadań powierzonych notariuszom i komornikom. Przede wszystkim komornik jest funkcjonariuszem publicznym działającym przy sądzie rejonowym, natomiast notariusz jest osobą zaufania publicznego, powołaną do dokonywania czynności, którym strony są zobowiązane lub pragną nadać formę notarialną, przy wykonywaniu czynności korzystającą z ochrony przysługującej funkcjonariuszom publicznym. Nadanie pewnym zawodom charakteru zawodów zaufania publicznego oznacza, w rozumieniu Konstytucji, ustawową dopuszczalność nakładania ograniczeń w zakresie dostępu do zawodu i jego wykonywania (art. 65 ust. 1 Konstytucji) oraz objęcie osób wykonujących takie zawody obowiązkiem przynależności do samorządu zawodowego (por. uzasadnienie wyroku Trybunału Konstytucyjnego z dnia 19 kwietnia 2006 r., K 6/06). Komornicy tworzą samorząd komorniczy, który obejmuje: Krajowy Zjazd Komorników, Krajową Radę Komorniczą, walne zgromadzenie komorników izb komorniczych oraz izby komornicze - art. 79 ustawy o komornikach sądowych i egzekucji.

Komornicy sądowi na podstawie ustawy z dnia 29 sierpnia 1997 r. o komornikach sądowych i egzekucji (Dz. U. z 2011 r. Nr 231, poz. 1376, ze zm.) tworzą samorząd komorniczy, a rozdział 11 przywołanej ustawy określa zadania tego samorządu. Zgodnie zaś z art. 65 ustawy o komornikach sądowych i egzekucji, KRK sprawuje nadzór nad komornikami, a na podstawie art. 83 jest ich reprezentantem, natomiast zakres jej działania reguluje art. 85 przedmiotowej ustawy, a to właśnie minister sprawiedliwości sprawuje nadzór nad działalnością korporacji komorniczej, w tym KRK. Minister Sprawiedliwości w ramach przysługujących mu kompetencji zgodnie z obowiązującymi przepisami postępowania administracyjnego, mając na uwadze przede wszystkim te sytuacje, które związane są z umożliwieniem jak najszerszego dostępu do zawodów prawniczych, uwzględniając i realizując założenia ustawy de regulacyjnej podjął rzeczową decyzję. Zgodzić się bowiem należy z twierdzeniem, że organy samorządowe w takich sytuacjach nie powinny niezasadnie wykorzystywać zawarte w k.p.a. środków prawnych.

Przymiot funkcjonariusza publicznego nadany komornikowi przez ustawodawcę pozostaje w ścisłym związku z wykonywaniem władzy publicznej. Komornik z uwagi na spełnianą rolę organu egzekucyjnego wyposażony został w pewne uprawnienia władcze przysługujące państwu, których szczególnym wyrazem jest możliwość stosowania przymusu. Tego rodzaju uprawnienia nie mieszczą

25 VI SA/Wa 2013/16 - Wyrok WSA w Warszawie

się w sferze działania notariusza. Fakt przekazania przez państwo komornikowi części swojego imperium powoduje zatem, że pozycja ustrojowa komornika jest silniejsza niż notariusza. W odniesieniu do komornika nie zachodzi możliwość swobody czynności zawodowych, a zwłaszcza odmowy przyjęcia sprawy, do której prowadzenia jest właściwy.²⁶ Wykonywane przez komornika czynności jako organu egzekucyjnego mają charakter urzędowy, a tym samym nie są one podejmowane we własnym imieniu jako osoby fizycznej. Inny w porównaniu do notariuszy jest też charakter opłat związanych z działalnością komornika, przysługują one komornikowi na innych zasadach niż na rzecz osób wykonujących inne zawody prawnicze. Z publicznoprawnym statusem komornika sądowego związany jest również szczególnego rodzaju nadzór nad jego działalnością sprawowany przez uprawnione organy. Komornik podlega nadzorowi judykacyjnemu (sądowemu), administracyjnemu (służbowemu wykonywanemu przez Ministra Sprawiedliwości i prezesów sądów) i samorządowemu (korporacyjnemu).

Z uznaniem należy powitać orzeczenie WSA w Warszawie z maja 2017 r.²⁷. W sprawie tej Izba Komornicza w L. złożyła do Ministra Sprawiedliwości wniosek o ponowne rozpatrzenie sprawy dotyczącej powołania M.J. na stanowisko komornika sądowego.²⁸ Izba argumentowała bowiem, że samorzady zawodowe, a do takich należy samorząd komorniczy, reprezentują osoby wykonujące zawody zaufania publicznego i sprawują pieczę nad należytym wykonywaniem tych zawodów w granicach interesu publicznego i dla jego ochrony. Stąd samorząd zawodowy powinien mieć wpływ na decyzje dotyczące wskazywania osób, którym powierza się wykonywanie zawodu zaufania publicznego – wskazała Izba. Minister Sprawiedliwości uznał, że Izba nie ma interesu prawnego w złożeniu wniosku o ponowne rozpatrzenie sprawy, bowiem żaden przepis prawa materialnego, w tym przypadku ustawy o komornikach sądowych i egzekucji, nie przyznaje organom samorządu komorniczego statusu strony w postępowaniach w przedmiocie powołania na stanowisko komornika sądowego, a decyzja o powołaniu komornika sądowego nie rozstrzyga bezpośrednio, ani też pośrednio, o prawach czy obowiązkach samorządu komorniczego. Z przepisu art. 11 ust. 4 ukse wynika natomiast wprost, że samorząd komorniczy jest jedynie organem opiniodawczym, współdziałającym przy wydawaniu decyzji w przedmiocie powołania komornika sądowego. Udział samorządu komorniczego w postępowaniu sprowadza się do zagwarantowania mu wpływu na treść rozstrzygnięcia, jednak wyłącznie w zakresie objętym obowiązkiem współdziałania. Nieuprawnione jest, zdaniem Ministra Sprawiedliwości, powoływanie się przez Izbę na uchwałę NSA, bowiem uchwały abstrakcyjne mają na celu wyjaśnienie przepisów, których stosowanie wywołało rozbieżności w orzecznictwie (charakter interpretacyjny), nie stanowią źródeł prawa i nie pozostają w bezpośrednim związku z postępowaniem toczącym się w konkretnej sprawie. Zawarta w nich wykładnia nie ma więc mocy bezpośrednio wiążącej w konkretnej

26 Wyrok WSA w Warszawie VI SA/Wa 1272/15

27 Wyrok Wojewódzkiego Sądu Administracyjnego w Warszawie z 9 maja 2017 r. (sygn. akt VI SA/Wa 135/17)

28 We wniosku Izba podniosła, powołując się m.in. na uchwałę Naczelnego Sądu Administracyjnego z 22 września 2014 r. (sygn. II GPS 1/14) dotyczącą pozycji izby notarialnej w sprawach powołania/odwołania notariusza, że winna być uznana za stronę w postępowaniu o powołanie na stanowisko komornika sądowego.

sprawie (to jest w innej niż została podjęta). Nawiązując do tej uchwały, minister podkreślił, że pomimo zbliżonych uregulowań prawnych dotyczących uprawnień samorządów notarialnego i komorniczego, istnieje zasadnicza różnica w statusie prawnym notariusza i komornika sądowego. Różnice te zachodzą w zakresie funkcji i zadań powierzonych notariuszom i komornikom. Przede wszystkim komornik jest funkcjonariuszem publicznym działającym przy sądzie rejonowym, natomiast notariusz jest osobą zaufania publicznego, powołaną do dokonywania czynności, którym strony są zobowiązane lub pragną nadać formę notarialną, przy wykonywaniu czynności korzystającą z ochrony przysługującej funkcjonariuszom publicznym. Przymiot funkcjonariusza publicznego nadany komornikowi przez ustawodawcę pozostaje w ścisłym związku z wykonywaniem władzy publicznej. Komornik z uwagi na spełnianą rolę organu egzekucyjnego wyposażony został w pewne uprawnienia władcze przysługujące państwu, których szczególnym wyrazem jest możliwość stosowania przymusu. Tego rodzaju uprawnienia nie mieszczą się w sferze działania notariusza. - Fakt przekazania przez państwo komornikowi części swojego imperium powoduje, że pozycja ustrojowa komornika jest silniejsza niż notariusza. W odniesieniu do komornika nie zachodzi możliwość swobody czynności zawodowych, a zwłaszcza odmowy przyjęcia sprawy, do której prowadzenia jest właściwy. Wykonywane przez komornika czynności jako organu egzekucyjnego mają charakter urzędowy, a tym samym nie są podejmowane we własnym imieniu jako osoby fizycznej. Inny w porównaniu do notariuszy jest też charakter opłat związanych z działalnością komornika, przysługują one komornikowi na innych zasadach niż na rzecz osób wykonujących inne zawody prawnicze – wyliczył minister.

Wojewódzki Sąd Administracyjny w Warszawie podzielił opinię Ministra Sprawiedliwości. W uzasadnieniu wyroku wskazano, że nie można na zasadzie analogii stosować do izb komorniczych przywołanej uchwały NSA dotyczącej notariuszy i statusu izby notarialnej w postępowaniu w przedmiocie powołania na stanowisko notariusza, bowiem charakter sprawowanych przez notariuszy i komorników funkcji jest zgoła odmienny. Jak wyjaśnił sąd, notariusz, jako zawód zaufania publicznego, zrzeszony w danej izbie - swoistej korporacji zawodowej, nie może być w zakresie swojej pozycji ustrojowej utożsamiany z komornikiem sądowym, którego głównym zadaniem jest ochrona interesu publicznego, realizowana przy użyciu instrumentów przyznanych komornikowi w ustawie o komornikach sądowych i egzekucji. Przyznanie zatem skarżącej Izbie Komorniczej statusu strony w postępowaniu dotyczącym powołania na stanowisko komornika, z uwagi na przyznanie takiego uprawnienia izbie notarialnej w sprawach w przedmiocie powołania lub odwołania notariusza stanowi nieuprawnione założenie.²⁹

Nie można w pełni zgodzić się z z wyrokiem NSA z lipca 2017r.³⁰ Zdaniem sądu z art. 11 ust. 4 ustawy o komornikach sądowych i egzekucji wprost wynika, że samorząd komorniczy jest jedynie organem opiniodawczym, współdziałającym

²⁹ Por. uchwałę NSA z 22 września 2014 r. II GPS 1/14,

³⁰ Wyrok Naczelnego Sądu Administracyjnego z 23 maja 2017 r. (sygn. akt II GSK 2439/15). Wskazana uchwała nie może bowiem być podstawą rozważań dotyczących określenia statusu skarżącej izby w postępowaniu w przedmiocie powołania na stanowisko komornika.

przy wydawaniu decyzji w przedmiocie powołania komornika sądowego. Udział samorządu komorniczego w postępowaniu o powołanie na stanowisko komornika sądowego sprowadza się do zagwarantowania mu wpływu na treść rozstrzygnięć, jednak wyłącznie w zakresie objętym obowiązkiem współdziałania.³¹ Izba Komornicza w G. złożyła skargę kasacyjną, w której podniosła, że tylko uzyskanie przez samorząd komorniczy statusu strony postępowania umożliwi wykonywanie prawidłowej pieczy nad należyтым wykonywaniem zawodu komornika i pełną realizację zadań wynikających z ustawy. Izba podniosła, że nie ma przepisu, który wprost zakazuje posiadania statusu organu współdziałającego i jednocześnie strony postępowania administracyjnego.³² Zdaniem NSA opinia rady izby komorniczej, o której mowa w art. 11 ust. 1 ustawy jest wyrazem powierzenia przez ustawodawcę samorządowi zawodowemu komorników pieczy nad należyтым wykonywaniem tego zawodu. Przepis art. 17 ust. 1 Konstytucji RP przewiduje powierzenie tej pieczy samorządowi zawodowemu, a więc w tym przypadku osobie prawnej, działającej według zasad przypisanych temu podmiotowi prawnemu a nie samorządowi zredukowanemu do podmiotu o statusie organu administracji publicznej. Jak przypomniano, do zadań samorządu zawodowego należy sprawowanie pieczy „w granicach interesu publicznego i dla jego ochrony”. Nie oznacza to jednak, że jedynym wyrazicielem i reprezentantem tego interesu publicznego mogą być organy administracji publicznej, z natury działające w interesie publicznym. W systemie władzy zdecentralizowanej sprawowanie pieczy „w granicach interesu publicznego i dla jego ochrony” może być także powierzone podmiotom samodzielnym, odrębnym ustrojowo czy funkcjonalnie do władzy państwowej. W uzasadnieniu NSA podkreślił, że nie ma merytorycznej sprzeczności pomiędzy działaniem „w granicach interesu publicznego i dla jego ochrony” i działaniem osoby prawnej, która z natury ma własne, indywidualne prawa i interesy. Na podstawie tych wywodów sąd uznał za bezzasadne stanowisko WSA, że żaden przepis prawa administracyjnego materialnego nie przyznaje samorządowi komorniczemu legitymacji do udziału w charakterze strony w postępowaniu w przedmiocie powołania na stanowisko komornika sądowego. Izba komornicza (działająca przez radę będącą jej organem) ma wynikające z art. 11 ust. 1 ustawy, w związku z art. 17 ust. 1 Konstytucji uprawnienie do zajmowania stanowiska, w formie opinii, w sprawie powołania komornika. To uprawnienie legitymuje ją do występowania w postępowaniu administracyjnym i sądownoadministracyjnym w takich sprawach – stwierdzono w wyroku.³³

31 Na takim samym stanowisku stanął Wojewódzki Sąd Administracyjny, który powołał się na orzecznictwo, zgodnie z którym organ administracji współdziałający z organem prowadzącym postępowanie, nie jest stroną postępowania administracyjnego i nie jest legitymowany do wniesienia skargi do sądu administracyjnego na taką decyzję. Zdaniem WSA, gdyby zamiarem ustawodawcy było przypisanie samorządowi statusu strony, to przyznanie mu funkcji organu współdziałającego w trybie art. 106 k.p.a. nie znajdowałoby racjonalnego uzasadnienia, bo jako strona postępowania mógłby wyrazić swoją opinię.

32 Izba powołała się na uchwałę składu siedmiu sędziów Naczelnego Sądu Administracyjnego z 22 września 2014 r. (sygn. II GPS 1/14),

33 Co więcej, Naczelny Sąd Administracyjny był zdania, że dla zaprezentowanej oceny statusu izby komorniczej w postępowaniu w sprawie powołania na stanowisko komornika nie ma znaczenia charakter funkcji pełnionej przez komornika, w szczególności jego władcze kompetencje i nadzór państwa nad ich wykonywaniem. Przesądżające jest bowiem zapewnienie przez ustawodawcę udziału w sprawowaniu pieczy, o której mowa w art. 17 ust. 1

KONKLUZJE

Wydaje się, pomimo odmiennego stanowiska NSA *In rem*, że Minister Sprawiedliwości może odmówić izbie komorniczemu statusu strony w postępowaniu administracyjnym w sprawach w przedmiocie powołania komornika sądowego. Przemawia za tym fakt, że wniosek o ponowne rozpatrzenie sprawy dotyczącej powołania na stanowisko komornika sądowego, złożony przez Izbę Komorniczą, nie może zostać rozpatrzony, z uwagi na fakt, iż został złożony przez podmiot nie będący stroną w sprawie. odmawiając izbie komorniczej prawa udziału w postępowaniu administracyjnym o powołanie na stanowisko komornika uniemożliwia się wykonywanie obowiązków sprawowania nadzoru nad przestrzeganiem powagi i godności zawodu oraz sprawowanie pieczy nad należytym wykonywaniem zawodu. Ustawodawca wyposażył bowiem radę izby komorniczej w szereg instrumentów (np. wizytacje kancelarii komorniczych, wnioskowanie o wszczęcie postępowania dyscyplinarnego), za pomocą których może skutecznie czuwać nad zapewnieniem wysokiego poziomu merytorycznego dokonywanych przez komorników czynności. Brak udziału w toku postępowania w przedmiocie powołania na komornika żadnego z tych uprawnień izb komorniczych nie narusza, nie można zatem twierdzić, że uprawnienia samorządu komorniczego w tym zakresie są iluzoryczne.

Sądzić należy, że Izba Komornicza w żadnym wypadku nie posiada interesu prawnego w rozumieniu art. 28 K.p.a. i nie może być stroną w rozumieniu tego przepisu w postępowaniu wszczętym w trybie art. 127 § 3 K.p.a. z wniosku o ponowne rozpatrzenie sprawy dotyczącej powołania na stanowisko komornika. Izba komornicza zapomina bowiem, że art. 28 K.p.a., zgodnie z którym stroną jest każdy, czyjego interesu prawnego lub obowiązku dotyczy postępowanie albo kto żąda czynności ze względu na swój interes prawny lub obowiązek. Dodatkowo pojęcie strony, jakim posługuje się art. 28 K.p.a. może być wyprowadzone tylko z przepisów prawa materialnego, czyli z normy prawnej, która stanowi podstawę ustalenia uprawnienia lub obowiązku. Przepis art. 28 K.p.a. nie może stanowić samodzielnej podstawy do uznania konkretnego podmiotu za stronę postępowania administracyjnego, lecz musi istnieć przepis prawa materialnego, który stanowi podstawę ustalenia uprawnienia lub obowiązku.

Wypada podkreślić, że Izba Komornicza nie ma interesu prawnego w złożeniu wniosku o ponowne rozpatrzenie sprawy, albowiem żaden przepis prawa materialnego, w tym przypadku ustawy o komornikach sądowych i egzekucji, nie przyznaje organom samorządu komorniczego statusu strony w postępowaniach w przedmiocie powołania na stanowisko komornika sądowego, a decyzja o powołaniu komornika sądowego nie rozstrzyga bezpośrednio ani też pośrednio o prawach czy obowiązkach samorządu komorniczego. Bezpośrednio z przepisu art. 11 ust. 4 u.k.s.e wynika, że samorząd komorniczy jest jedynie organem opiniodawczym, współdziałającym przy wydawaniu decyzji w przedmiocie powołania komornika sądowego. Udział zatem, samorządu komorniczego w postępowaniu

Konstytucji RP, w zakresie obejmującym decydowanie o dostępie do tego zawodu korporacji zawodowej, wyposażonej o odrębną podmiotowość prawną

sprowadza się do zagwarantowania mu wpływu na treść rozstrzygnięcia, jednak wyłącznie w zakresie objętym obowiązkiem współdziałania. Opinia właściwej rady izby komorniczej wchodzi do materiału dowodowego, podlega rozważeniu jako jeden z dowodów poddanych swobodnej ocenie w kontekście całokształtu materiału dowodowego zgromadzonego w sprawie i w ten sposób wpływa bezpośrednio na treść rozstrzygnięcia sprawy. Opinia ta jednak, nie jest dla Ministra Sprawiedliwości wiążąca i ma jedynie pomóc organowi w podjęciu trafnej decyzji, a przecież w tym samym postępowaniu ten sam organ nie może występować jednocześnie jako strona postępowania i jako organ współdziałający poprzez opiniowanie, gdyż te role procesowe skutecznie wykluczają się nawzajem. Sprawy o powołanie na stanowisko komornika sądowego nie dotyczą indywidualnego interesu prawnego izb komorniczych, lecz indywidualnych interesów osób ubiegających się o powołanie na stanowisko komornika sądowego. Tym samym nie są własnymi sprawami samorządu komorniczego.



Paweł Andrzej Nowocien

Politechnika Łódzka, Łódź, Poland

E-mail: pnowocien1@wp.pl

Komunikacja oraz jej płaszczyzny w funkcjonowaniu Państwowej Straży Pożarnej / *Communication and its layers in functioning of the State Fire Service*

Abstract

The State Fire Service (in Polish: Państwowa Straż Pożarna PSP) is an organisation that was set up for the execution of its tasks in combating fires, natural disasters or other local threats in accordance with the provisions of the Act concerning the State Fire Service. A functional division of the State Fire Service is compliant with the administrative division of the country, and its area of operations comprises the whole territory of Poland. That is why the State Fire Service is functioning as a structured organisation possessing a transparent structure ensuring realisation of tasks appointed by the provisions of the Act. The administrative division of the country has the largest influence on the administrative structure of the country, that is why the organisational units of the State Fire Service are deployed in the territory of Poland in accordance with the effective territorial division. The formation of the present structure functioning at the State Fire Service was based on the existing territorial division, and it is also supposed to ensure a correct co-operation with different administrative units of the country. The shape of the organisational structure, in its form, resembles organisations functioning within and beyond actions of public administration.

The structure of organisation in the present shape creates convenient conditions for observing and specifying forms of communication accompanying functioning organisational units, and firefighting and rescue units directly responsible for elimination of threats. All organisations executing public tasks, reserved exclusively for each of them to be carried out, in the present structure of the public service cannot do without an element executing administrative tasks, functioning in its structure. The administrative tasks are necessary to correct functioning, irrespective of assigned tasks. At the State Fire Service, it creates conditions for launching the processes occurring universally in different organisations. That is why one can observe one of the layers of communication in action, functioning within the State Fire Service, and connected with the execution of the administrative work.

The State Fire Service, has as its main task the elimination of definite threats. While functioning and executing suitable actions for the realisation of definite tasks, we may observe next layers of communication. The essential element in preparation for the elimination of definite threats

is a suitable substantive preparation of workers of the State Fire Service. Acquired knowledge during training and favourable conditions make possible identifying next layer of communication. It is well-founded when we pay attention to forms of communication occurring during rescue activities, where one can freely observe next communication layer.

Key words: management, communication, State Fire Service.

Państwowa Straż Pożarna (PSP) jest organizacją powołaną do realizacji zadań w zwalczaniu pożarów, miejscowych zagrożeń i klęsk żywiołowych zgodnie z postanowieniami Ustawy o PSP¹. Podział funkcjonalny PSP jest zgodny z podziałem administracyjnym kraju, a obszar działania odbywa się na całym terytorium Polski. Z tego powodu PSP funkcjonuje, jako ustrukturyzowana organizacja, posiadająca przejrzystą budowę, zapewniającą realizację zadań wyznaczonych ustawą. Na budowę struktury organizacyjnej PSP największy wpływ ma podział administracyjny kraju, dlatego jednostki organizacyjne PSP rozmieszczone są na terytorium Polski, zgodnie z obowiązującym podziałem terytorialnym. Kształtowanie struktury, obecnie funkcjonującej w PSP, opierało się na istniejącym podziale terytorialnym, co również ma zapewnić prawidłową współpracę z innymi jednostkami administracyjnymi kraju. Kształt struktury organizacyjnej budową swoją przypomina organizacje funkcjonujące w ramach działań administracji publicznej oraz poza nią.

Analiza i identyfikacja procesów zachodzących w przedsiębiorstwach, oraz próba ich wyodrębnienia i scharakteryzowania w systemach zarządzania, stworzyła szeroki wachlarz czynników mających wpływ na funkcjonowanie organizacji. Przyczyniło się to do prób zidentyfikowania poszczególnych czynników funkcjonujących w przedsiębiorstwach, znalezieniu wad w ich funkcjonowaniu oraz odśzukaniu sposobów na ich poprawę. Wszystkie czynności związane z identyfikacją problemów i znalezieniem dla nich rozwiązań, charakteryzuje się dynamicznym przebiegiem, wymagającym stałego monitoringu wszelkich procesów zachodzących w organizacjach. Występowanie poszczególnych czynników w działalności organizacji, mających wpływ na jej funkcjonowanie, jest możliwe do zidentyfikowania w każdej sytuacji i bez względu na rodzaj i charakter działalności przedsiębiorstwa. Prawidłowa identyfikacja, czynników występujących w organizacji oraz sposobów na ich poprawę, jest kierunkiem do poprawy jej funkcjonowania.

Jednym z najważniejszych i podstawowych elementów funkcjonowania każdej organizacji jest komunikacja. Komunikację każdej organizacji z jej poziomu, można podzielić na dwa rodzaje². Związane jest to bezpośrednio z „granicą” występującą pomiędzy procesami, które dotyczą funkcjonowania samej organizacji a procesami zachodzącymi poza nią – w jej bezpośrednim otoczeniu. Dlatego można scharakteryzować dwa „sposoby” komunikowania się organizacji: *komunikację zewnętrzną*: to jak organizacja komunikuje się z otoczeniem, oraz *komunikację wewnętrzną*: dotyczącą relacji między członkami organizacji. Państwowa Straż Pożarna jest organizacją która komunikuje się z otoczeniem, przede wszystkim

1 Ustawa o Państwowej Straży Pożarnej, (Dz. U. 09. 12. 68.), Roz. 1, Art. 1, Ust. 1.

2 Listwan T. Red., *Zarządzanie kadrami*, C. H. Beck, Warszawa 2010, s. 382.

poprzez realizację swoich podstawowych zadań. Ocenę komunikacji zewnętrznej i procesy jej towarzyszące, można wystawić bez ingerencji w samą organizację. Natomiast komunikacja wewnętrzna jest bardziej złożona i wymaga nie tylko oceny procesów bezpośrednio z nią związanych, ale również dla prawidłowej diagnozy, wymaga spojrzenia na funkcjonowanie organizacji od wewnątrz.

Próba wyodrębnienia płaszczyzn komunikacji funkcjonujących w PSP, zwraca uwagę na formy komunikacji między pracownikami, na której kształt, zasadniczy wpływ ma specyficzna działalność organizacji. Komunikacja wewnętrzna w działalności PSP przebiega zgodnie z kanonami obowiązującymi w standardowych organizacjach np.: urzędami administracji publicznej, przedsiębiorstwami, itp. To co wyróżnia formę komunikowania się jest związane bezpośrednio z działaniami operacyjno – taktycznymi, podczas których komunikowanie się przybiera charakterystyczną formę, specyficzną dla czynności wykonywanych przez ratowników PSP podczas likwidacji zagrożeń.

Zamieszczone informacje w niniejszym artykule mają na celu zapoznanie czytelnika z formami komunikacji występującymi w PSP. Sposób komunikowania się w organizacji na różnych płaszczyznach jest istotnym czynnikiem związanym bezpośrednio z charakterem podejmowanych działań. Zidentyfikowanie tego zjawiska, możliwe jest przez wgląd na zachodzące procesy i obserwację ich przebiegu z wnętrza organizacji. Dla przybliżenia problematyki poruszanej w dostępnej literaturze, dokonano selekcji materiału i wykorzystano jedynie zagadnienia traktujące o komunikacji w organizacjach, pomocne przy opisanu podjętego tematu. Wykorzystanie wieloletniego doświadczenia oraz obserwacji pracownika PSP, było źródłem motywacji i niezbędnym materiałem koniecznym do napisania niniejszej pracy.

1. KOMUNIKACJA W ORGANIZACJACH

Podejmując się opisywania sposobów i form komunikacji funkcjonujących w Państwowej Straży Pożarnej, nie sposób ominąć tematu komunikacji w ujęciu ogólnym i uniwersalnym. Komunikacja jest procesem powszechnie występującym, który jest tematem podejmowanym w wielu publikacjach i rozprawach. Poniżej zaprezentowane zostaną definicje zaczerpnięte z wybranej literatury, wyjaśniające w sposób przejrzysty, mechanizmy jakie towarzyszą zjawisku komunikacji. Wybrane informacje, mają przyczynić się do zrozumienia form komunikacji jakie występują w funkcjonowaniu PSP oraz pomóc w zidentyfikowaniu charakterystycznych płaszczyzn komunikacyjnych.

Występowanie komunikacji jest zjawiskiem powszechnym, mającym wpływ na funkcjonowanie, nie tylko organizacji ale również stosunków między ludzkich. Komunikowanie jest istotnym i najważniejszym czynnikiem kształtującym relacje pomiędzy pojedynczymi jednostkami, w grupach, społecznościach i organizacjach. Wpływ na wartość relacji między jednostkami, kształtowana jest przez odpowiednią jakość komunikacji. Dlatego do oceny, czy też do poprawy, funkcjonowania stosunków w organizacjach oraz w ich otoczeniu, należy zbadać sposoby

wymiany informacji, jako istotny czynnik mający wpływ na szereg zależności, zachodzących między ludźmi w organizacjach.

W literaturze można trafić na wiele definicji i prób wyjaśnienia procesu komunikacji. Pokazuje to jak bardzo złożone jest to zjawisko, funkcjonujące na wielu płaszczyznach i składające się z wielu istotnych czynników. W podręczniku pt. *Zarządzanie kadrami*, pod red. Tadeusza Listwana, wyd. C. H. Beck Warszawa 2010, zwraca się uwagę na dwie najczęściej podawane w literaturze definicje komunikacji:

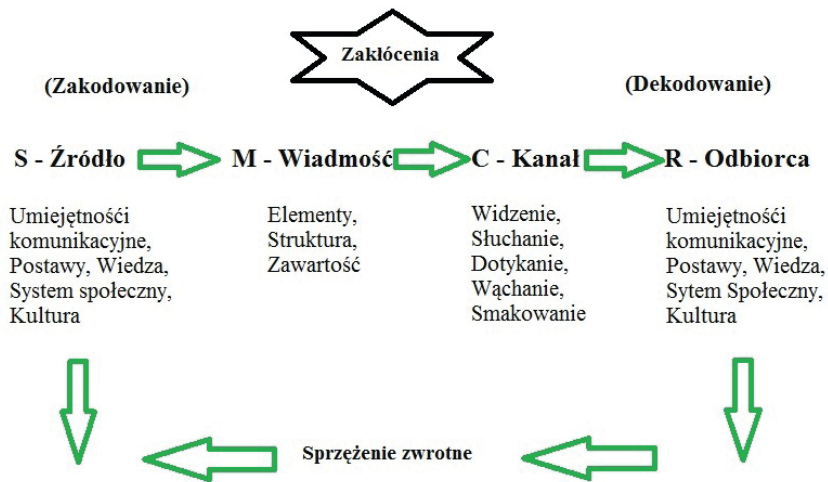
- „Komunikacja jest procesem transmitowania (przesyłania) zakodowanych informacji (wiadomości, komunikatu) od nadawcy do odbiorcy, przy czym odbiorca, po uzyskaniu i odkodowaniu (przetworzeniu) informacji, sam automatycznie staje się nadawcą [Beardwell, Holden, 1997, s. 617].”, oraz:
- „Komunikacja to proces, w którym ludzie ulegają wzajemnym wpływom [Anderson, 1987, s. 432]. Ma ona charakter intencyjny, co oznacza, że jest ukierunkowana na osiągnięcie jakiegoś celu, a ludzie komunikują się ze sobą, aby osiągnąć ten cel [Hanna, 1988, s. 59].

Jak pokazują przytoczone tutaj definicje, w komunikacji zachodzi proces przekazywania informacji pomiędzy nadawcą a odbiorcą, gdzie nadawca i odbiorca zmierzają do osiągnięcia wspólnego celu, porozumienia. Zdolność osiągnięcia porozumienia wpływa istotnie na budowanie zdrowych i silnych relacji między jednostkami, nie tylko w organizacjach, ale również w społecznościach. Istotne jest aby dochodziło do tego w procesie, kształtowania odpowiednich form komunikacji. Dla zbudowania szerszej perspektywy, jako formę komunikacji stosowano debatę i spór. Natomiast w szerokim użyciu, zastosowanie tych form nie wiązało się z dojściem do porozumienia. Dlatego dla celów zbudowania więzi w budowaniu zdrowych relacji między członkami społeczności, należy częściej korzystać z form komunikacji w postaci dialogu³. Dialog posiada pozytywne cechy dające osobą komunikującym się komfort pozostania przy własnym stanowisku, przy jednoczesnym otwarciu się na perspektywę pozostałych rozmówców.

Oprócz definiowania procesów komunikacyjnych, występuje również próba przedstawienia procesów komunikacyjnych na przykładzie modeli. Przedstawienie na przykładzie *modelu komunikacji*, ma za zadanie zobrazować towarzyszące temu zjawisku czynniki, które wpływają na kształt przekazu informacji. Modele z biegiem czasu i zmianą koncepcji ulegały modyfikacji. Z początkowych jednokierunkowych, traktujących proces komunikacji jako przekazywanie informacji w jednym kierunku, od nadawcy do odbiorcy, do modeli dwukierunkowych. Najbardziej rozwiniętym modelem procesu komunikacji, przedstawionym w podręczniku Czesława Sikorskiego, *Zachowania ludzi w organizacji*, PWN, Warszawa 2002, str. 195, jest model Ph. I. Morgana, przedstawiony na rys. nr 1.

3 Morreale, Sherwyn P., *Komunikacja między ludźmi: motywacja, wiedza i umiejętności*, PWN, Warszawa 2008, str. 53.

Rys. 1. Interpersonalny model komunikacji według Morgana.



Źródło: Czesław Sikorski, *Zachowania ludzi w organizacji*, PWN, Warszawa 2002, str. 195.

Jak pokazano w ilustracji na modelu Morgana (rys. nr 1), komunikacja ma za zadanie przekazać wiadomość od nadawcy do odbiorcy, z dokładnie taką intencją jaką miał na myśli nadawca. Jeśli proces komunikacji przebiega prawidłowo, a odbiorca odbierze wiadomość zgodnie z zamierzeniem nadawcy, to mamy do czynienia z komunikacją efektywną. Aby komunikacja była efektywna, konieczne jest występowanie w niej odpowiednich procesów które pozostaną we wzajemnej zgodności. Rozróżniamy pięć procesów komunikacyjnych odpowiedzialnych za jej efektywność⁴:

- nadawca wiadomości,
- wiadomość,
- kanał,
- odbiorca,
- skutek.

Dla efektywnej komunikacji konieczne jest występowanie przedstawionych procesów, dlatego tak ważne jest aby elementy wskazane w modelu Morgana charakteryzowały się spójnością, oraz występowały na tych samych poziomach zrozumienia pomiędzy komunikującymi się osobami. Komunikowanie się osób, składające się z następujących czynników tj. podobny poziom wykształcenia, zbliżony stopień posiadanej wiedzy, odpowiednia postawia, system społeczny czy kultura, ma nie banalny wpływ na efektywną komunikację. Występowanie rozbieżność między wymienionymi czynnikami, może wpłynąć negatywnie na efektywność komunikacji, co najmniej w takim stopniu, w jakim występują różnice w reprezentowanych czynnikach.

⁴ Sikorski, *Zachowania ludzi w organizacji*, PWN, Warszawa 2002, str. 195.

Definiowanie komunikacji, próba zobrazowania czynników wchodzących w jej skład na przykładzie modeli oraz procesy odpowiedzialne za efektywność komunikacji, są podstawowym wyjaśnieniem zależności mających wpływ na poprawną komunikację między nadawcą a odbiorcą. W organizacjach, takich jak PSP, komunikacja występuje na wielu płaszczyznach i nie tylko z powodu specyficznego charakteru organizacji, ale również ze względu na strukturę oraz zasięg i rozpiętość działalności.

Rozwój organizacji i przedsiębiorstw związany z poszerzeniem zasięgu swojej działalności na terenie kraju, czy ekspansję na innych rynkach, stworzyło dogodne warunki do uformowania zespołów pracowniczych⁵. Tworzone grupy w ramach nowo powstających zespołów pracowniczych, pozwoliły na zintegrowanie mniejszej liczby osób wchodzących w skład tej samej organizacji. Pozwoliło to również stworzyć nowe cele dla grupy, które były tożsame z celem organizacji. Spowodowało to większą integrację oraz motywację osób w grupie, co charakteryzowało się również występującą formą komunikacji w grupie, tworzoną i akceptowaną przez jej członków. Obecnie w każdej rozbudowanej i wielopoziomowej organizacji można wyróżnić grupy, funkcjonujące w ramach ustalonych komórek organizacyjnych. Grupy funkcjonujące w komórkach organizacyjnych, nie muszą charakteryzować się własną formą komunikacji, ponieważ uzależnione jest to od stopnia współpracy z innymi komórkami działającymi obok siebie. Dlatego też, „grupa komunikacyjna”, może składać się z członków kilku komórek funkcjonujących na tym samym poziomie w organizacji.

Modelem zasługującym na uwagę przy szukaniu informacji o komunikacji w organizacjach, jest model kompetencji komunikacyjnej przedstawiony w podręczniku Morreale, Sherwyn P., *Komunikacja między ludźmi: motywacja, wiedza i umiejętności*, PWN, Warszawa 2008, str. 75. Model ten zwraca uwagę na cechy jakimi powinien charakteryzować się nadawca wiadomości aby był *kompetentny w komunikacji*⁶. W podręczniku porównuje się nadawcę do aktora, który aby osiągnąć odpowiedni cel u widza (odbiorcy), powinien posiadać odpowiednie kompetencje, w postaci właściwie ukształtowanych czynników:

- motywacja,
- wiedza,
- umiejętności.

Komunikowanie się w sposób stosowny i zrozumiały dla odbiorcy, wymusza na nadawcy skoncentrowanie się na przekazie wiadomości w sposób kompetentny na co wpływ będą miały: odpowiednia motywacja, stosowna wiedza i przydatne umiejętności, określone w modelu *kompetencji komunikacyjnej*⁷. Poniżej krótko opisane czynniki:

5 Morreale, Sherwyn P., *Komunikacja między ludźmi: motywacja, wiedza i umiejętności*, PWN, Warszawa 2008, str. 53.

6 Tamże, str. 75.

7 Tamże, str. 75.

Motywacja: Jako czynnik sprawczy przy podejmowaniu decyzji i wyzwań, jest tematem wielu rozważań, min. Psychologów, socjologów czy specjalistów w zarządzaniu. W modelu kompetencyjnym motywacja identyfikowana jest jako stopień, w jakim dana osoba dąży do kompetentnego komunikowania się w danym kontekście⁸. Motywacja w kontekście kompetencji komunikacyjnej, ma za zadanie nastawienie nadawcy wiadomości na osiągnięcie celu, lub realizacji zadania, przez odpowiednie komunikowanie się z odbiorcą.

Wiedza: To zespół informacji posiadanych i wykorzystywanych przez nadawcę podczas komunikowania się. Jak zaobserwowaliśmy wcześniej odpowiedni poziom wiedzy czy wykształcenia przedstawiony na przykładzie modelu Ph. I. Morgana, stanowi integralny element w komunikacji. Bez względu na posiadany stopień motywacji, osiągnięcie odpowiedniego poziomu kompetencji komunikacyjnej, bez stosownej wiedzy może być nie możliwe.

Umiejętności: To zdolność wykonywania czynności, mających charakter powtarzalności. Jest to umiejętność świadomego wywołania odpowiedniej reakcji, lub stworzenia sytuacji, w sposób powtarzalny nie przypadkowy i nie jednorazowy. Umiejętności nakierowane są na cel, jaki chce osiągnąć osoba posługująca się nimi. Wielokrotne osiąganie zamierzonego celu, może przyczynić się do powstania modelu zachowania, który wraz ze wzrostem częstotliwości stosowania może ulec modyfikacji.

Aby komunikacja osiągnęła odpowiedni poziom i aby nadawca wiadomości charakteryzował się odpowiednią *kompetencją komunikacyjną*, powinien osiągnąć odpowiedni stopień motywacji, posiadać stosowną wiedzę i wykazać się odpowiednim poziomem posiadanych umiejętności. Wymienione czynniki powinny służyć pracownikom organizacji, w odpowiednim przygotowaniu informacji, na potrzeby skutecznego jej przekazania. Umiejętne stosowanie może również pomóc podczas oceny pozostałych osób w organizacji oraz wskazać elementy które należy wzmocnić u pracowników. W ww. podręczniku zwraca się również uwagę na *kontekst*⁹ jako czwarty czynnik modelu kompetencji komunikacyjnej, który tworzy ramy, jako granice obszaru gdzie zachodzi komunikacja. Rola *kontekstu* w komunikacji, wyczerpująco opisana jest w ww. podręczniku.

Posiadanie wiedzy opisującej umiejętności komunikacyjne, jakie powinien posiadać pracownik, wykorzystanie wiedzy o czynnikach zawartych w modelach komunikacji, może okazać się przydatne w polepszeniu funkcjonowania organizacji, ale również przy dobieraniu pracowników. Stosowna wiedza o możliwościach komunikacyjnych pracowników, czy kandydatów na stanowisko, może być pomocna przy przeseregowaniu pracowników podczas modernizacji stanowisk w organizacji, lub dodatkowo wspomóc rekrutujących, w obsadzaniu stanowisk przez nowo pozyskanych pracowników.

Procesy komunikacyjne w organizacjach są powszechnie występującym zjawiskiem, kształtowanym przez sposoby przekazywania informacji. Forma komu-

8 Tamże, str. 75.

9 Tamże, str. 79.

nikacji oraz jej kierunek, uwarunkowany jest przez strukturę, rozpiętość, zasięg organizacji. W podręczniku pod redakcją naukową Tadeusza Listwana, pt. *Zarządzanie kadrami*¹⁰, przedstawiono następujące procesy komunikacyjne, w podziale na następujące poziomy:

- *komunikowanie intrapersonalne*: które odnosi się do odbioru i reakcji na bodźce zewnętrzne oraz do wewnętrznego dialogu człowieka. Są to osobiste relacje człowieka z otoczeniem,
- *komunikowanie interpersonalne*: które może zachodzić między dwiema, trzema osobami, oraz w małej grupie,
- *komunikacja wewnątrzgrupowa*: praca w zespołach (komórkach, działach),
- *komunikacja międzygrupowa*: koordynacja działań całej organizacji (między komórkami, działami, itp.).

Występowanie wymienionych poziomów komunikacyjnych, głównie uzależnione jest od struktury organizacyjnej i podziału funkcjonalnego. W każdej z organizacji możemy łatwo scharakteryzować zaproponowany podział na poziomy komunikacyjne, natomiast *komunikowanie intrapersonalne*, możliwe jest do zidentyfikowania, z pozycji osobistych relacji pracownika z otoczeniem w organizacji.

Przebieg informacji w organizacji między pracownikami przybiera różny kierunek. Wpływ na to może mieć, np.: stopień ważności nadanej informacji, skąd została nadana i kto jest adresatem. We wskazanej literaturze rozróżnia się komunikację ze względu na kierunek jej przebiegu, w następujący sposób¹¹:

- *kierunek wertykalny* (pionowa orientacja): występuje kiedy komunikacja występuje w linii pionowej organizacji, pionowy w dół (informacja biegnie z najwyższego szczebla w organizacji w dół), pionowy w górę (informacja biegnie z niższego szczebla w górę),
- *kierunek horyzontalny* (pozioma orientacja): komunikacja pomiędzy tymi samymi szczeblami w organizacji,
- *kierunek diagonalny* (poprzeczny): komunikacja między różnymi szczeblami w organizacji.

Identyfikacja procesów komunikacyjnych początek swój ma w relacjach osobistych człowieka ze światem, zmierzającym w kierunku tworzenia z innymi uczestnikami, otoczenia sprzyjającego wymianie informacji. Zachodzące procesy komunikacyjne w otoczeniu kształtowanym przez grupy uczestników, wymusiły na jej uczestnikach modyfikacji istniejących i zachodzących między nimi procesów. Rozwój społeczny, kontakt z wieloma grupami kulturowymi, zmiany organizacyjne i rozwój cywilizacyjny państw, sprzyja rozwojowi kontaktów między ludźmi ale również nakłada obowiązek na jej uczestników. Osoby biorące udział w procesach komunikacyjnych, odbywających się na tle zmieniającego się otoczenia, mają bezpośredni wpływ na kształt towarzyszących jej czynników. Dlatego ważne jest zidentyfikowanie procesów komunikacyjnych zachodzących w organizacji oraz

10 Listwan T. Red., *Zarządzanie kadrami*, C. H. Beck, Warszawa 2010, s. 384.

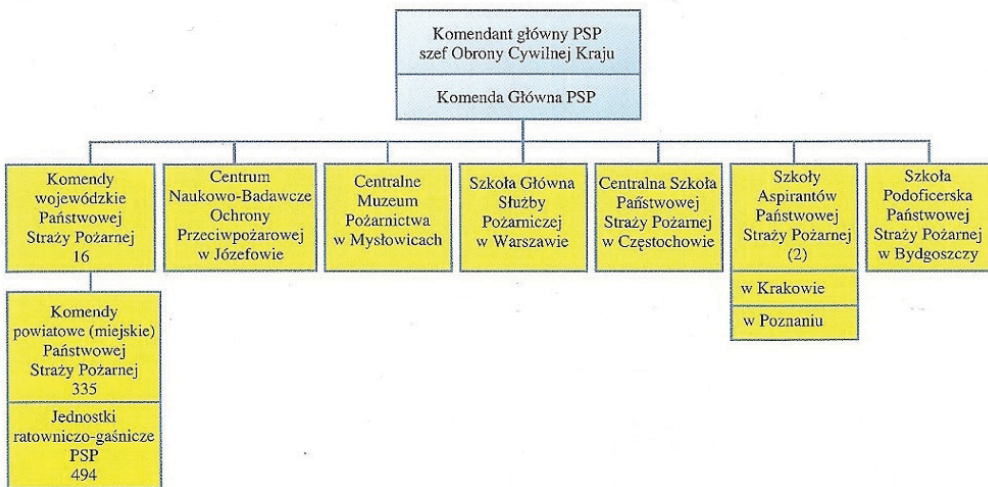
11 Tamże.

monitorowanie jakości formy przekazywanych informacji oraz ciągła poprawa słabych elementów.

2. PAŃSTWOWA STRAŻ POŻARNA

Państwowa Straż Pożarna powstała ustawą z dn. 24 Sierpnia 1991 r., jako formacja do walki z pożarami, klęskami żywiołowymi i innymi miejscowymi zagrożeniami¹². Działalność PSP realizuje politykę bezpieczeństwa, w ramach zadań należących do administracji publicznej. Struktura organizacyjna i jej podział w PSP, skonstruowany jest zgodnie z podziałem administracyjnym kraju. Na szczeblu centralnym funkcjonuje Komenda Główna PSP, w województwach Komendy Wojewódzkie PSP, w powiatach i miastach Komendy Powiatowe/Miejskie PSP. Do jednostek organizacyjnych PSP zaliczana są również jednostki odpowiedzialne za kształcenie kadry, działalność badawczo - rozwojową oraz muzeum pożarnictwa. Schemat organizacyjny jednostek organizacyjnych PSP przedstawiony został na rys. nr 2.

Rys. 2. Schemat organizacyjny PSP.



Źródło: Komenda Główna Państwowej Straży Pożarnej. *20 lat Państwowej Straży Pożarnej 1992-2012*, Warszawa 2012, str. 73.

Na czele każdej z jednostek organizacyjnej stoi powołany Komendant. Komentanci każdej z jednostek organizacyjnych, w myśl przepisów ustawy o PSP, zobowiązani są do stworzenia regulaminu organizacyjnego, obowiązującego w podległej im komendzie. Regulaminy określają podział funkcjonalny jednostek, oraz wyznaczają zakres obowiązków poszczególnych komórek wchodzących w jej skład. Działania operacyjne, w zakresie wykonywania czynności związanych z realizacją postanowień ustawy o PSP, wykonują na terenie kraju Komendy Wojewódzkie i Komendy Miejskie. Za realizację polityki bezpieczeństwa na terenie

¹² Ustawa o Państwowej Straży Pożarnej (Dz. U. 09. 12. 68.), Roz. 1, Art. 1, Ust. 1.

województwa odpowiedzialny jest Komendant Wojewódzki, a na terenie powiatu/miasta Komendant Powiatowy/Miejski.

Podział wewnętrzny każdej z komend, czy na szczeblu wojewódzkim czy na powiatowym, związany jest bezpośrednio z koniecznością stworzenia warunków sprzyjających, wykonywaniu zadań nałożonych na PSP w przepisach ustawy. Opisane poniżej struktury jednostek organizacyjnych, zostaną przedstawione na przykładzie województwa Łódzkiego.

W skład organizacyjny KW PSP Łódź, wchodzi następujące komórki¹³:

- Wydział operacyjny,
- Wydział kontrolno – rozpoznawczy,
- Wydział organizacji i nadzoru,
- Wydział kadr,
- Wydział finansów,
- Wydział kwatermistrzowski,
- Wydział techniczny,
- Ośrodek szkolenia,
- Samodzielne stanowisko ds. ochrony informacji niejawnych i spraw obronnych.

Podział oraz realizacja zadań poszczególnych komórek, ma charakter wykonywanych czynności w granicach administracyjnych województwa. Za prawidłowe funkcjonowanie jednostek podległych komendzie wojewódzkiej, odpowiedzialny jest jej kierownik w osobie Komendanta Wojewódzkiego. Na rys. nr 3 przedstawiono podział województwa ze względu na rozmieszczenie jednostek organizacyjnych wchodzących w skład komendy wojewódzkiej. Jednostki podległe Komendzie Wojewódzkiej, realizują zadania na wyznaczonym obszarze, zgodnie z przedstawionym schematem na rys. nr 3. Natomiast jeśli konieczne jest likwidowanie zagrożeń, powstałych w okolicach granic działalności poszczególnych komend powiatowych, dochodzi do współdziałania jednostek ratowniczych PSP z sąsiednich powiatów. Podobne sytuacje zachodzą na granicy województw.

¹³ <http://www.straz.lodz.pl/bip/index.php?str=23>

Rys. 3. Rozmieszczenie Komend Powiatowych i Miejskich na terenie Województwa Łódzkiego.



Źródło: <http://www.straz.lodz.pl/serwis/index.php?str=264>, 24-04-2013 r.

Na terenie województwa działają dwadzieścia dwie KP/M PSP. Na czele każdej z komend stoi komendant, który jest odpowiedzialny za prawidłowe jej funkcjonowanie. Komendanci Powiatowi i Miejski zgodnie z postanowieniami ustawy o PSP, zobowiązani są do stworzenia regulaminów organizacyjnych, niezbędnych do prawidłowego funkcjonowania podległej jednostki. Regulamin organizacyjny określa podział funkcjonalny komendy na komórki (wydziały), oraz wyznacza zakres ich obowiązków. Przykładowy podział, przedstawiono na podstawie Komendy Miejskiej PSP w Łodzi¹⁴:

- Wydział operacyjno – szkoleniowy,
- Wydział kontrolno rozpoznawczy,
- Wydział kwatermistrzowski,
- Wydział techniczny,
- Wydział organizacyjno – kadrowy,
- Wydział finansów,

¹⁴ <http://www.kmpsp.lodz.pl/page/88,struktura-organizacyjna.html>

- Samodzielne stanowisko ds. BHP,
- Samodzielne stanowisko ds. ochrony informacji niejawnych,
- Jednostki ratowniczo – gaśnicze (JRG).

Zakres wykonywanych czynności przez poszczególne komórki, obejmuje głównie działalność administracyjno - organizacyjną związaną z funkcjonowaniem komendy. Wydział kontrolno – rozpoznawczy, odpowiedzialny jest za nadzorowanie realizacji szeregu przepisów przeciwpożarowych i obowiązków nałożonych na adresatów, wymienionych w przepisach stosownych aktów prawnych. Czynności swoje realizuje na terenie administracyjnym miasta. Wiąże się to min. z koniecznością oceny obiektów pod względem bezpieczeństwa pożarowego, poprzez wykonywanie kontroli oraz wydawanie stosownych opinii, zaleceń itp. Realizowane czynności będące w obowiązku wydziału kontrolno – rozpoznawczego, ma charakter zewnętrzny, co związane jest z koniecznością współpracy z osobami spoza struktur PSP. Prowadzi to do kontaktu przedstawicieli straży pożarnej z obywatelami, na gruncie ściśle formalnym, nie związanym z działaniami ratowniczymi.

Jednostki ratowniczo – gaśnicze (JRG), są podmiotami wchodzącymi w skład komend powiatowych i miejskich, odpowiedzialnymi za likwidowanie zagrożeń podczas akcji ratowniczo – gaśniczych. Rozmieszczenie JRG na terenie miasta, czy powiatu, ma zapewnić planowany poziom bezpieczeństwa i odpowiednią reakcję na wystąpienie niepożądanych zdarzeń, w celu ich skutecznej likwidacji. Rozmieszczenie JRG na terenie miasta Łódź pokazano na rys. nr 4. W JRG pracują ratownicy – strażacy, pracujący w systemie zmianowym, trzy brygadowym, tzn. występują trzy zmiany służbowe pełniące służbę po 24 godziny, każda ze zmian¹⁵. Każda JRG wyposażona jest w sprzęt niezbędny do realizacji zadań, przez ratowników podczas działań ratowniczo – gaśniczych.

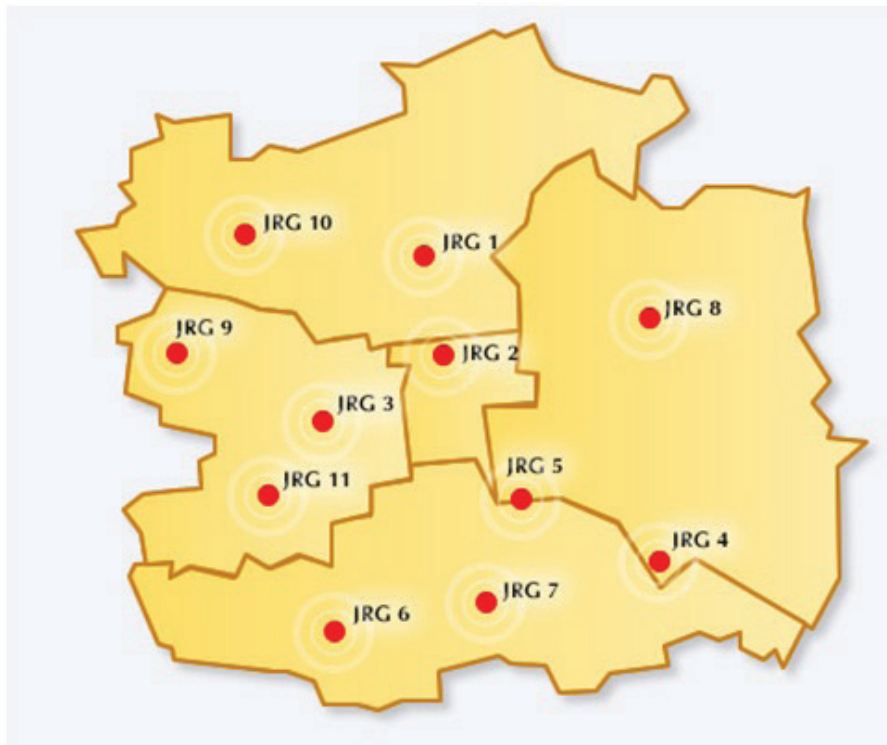
Dla sprawnej likwidacji zagrożeń na terenie miasta/powiatu, funkcjonują Stanowiska Kierowania. Które również pracują w systemie zmianowym. W mieście Łódź system pracy SK jest taki sam jak w JRG. SK odpowiedzialne jest za przyjmowanie zgłoszeń o występujących zagrożeniach, prawidłową ich identyfikację, oraz zadysponowanie odpowiednich sił i środków (SIS) z dostępnych w JRG. Podczas działań ratowniczo – gaśniczych, prowadzona jest korespondencja drogą radiową między ratownikami będącymi na miejscu zdarzenia oraz z SK. Podczas akcji SK odpowiedzialne jest za koordynację działań, a w razie konieczności za przejęcie dowodzenia na terenie akcji.

Skuteczne działanie zastępów ratowniczych na terenie prowadzonej akcji ratowniczo – gaśniczej, uzależnione jest od prawidłowo prowadzonej korespondencji. Korespondencja na terenie akcji odbywa się pomiędzy ratownikami biorącymi udział w akcji oraz między Kierującym działaniami ratowniczymi (KDR) a SK. Korespondencja na terenie akcji między ratownikami prowadzona jest w sposób tradycyjny (werbalnie i pozawerbalnie), oraz przy użyciu radiotelefonów. Kore-

15 Pełnienie służby w JRG i SK, odbywa się przez 24 godziny dla każdej ze zmian służbowych. Po służbie osoby wchodzące w skład danej zmiany, mają przerwę 48 godzin. W trakcie przerwy trwającej 48 godzin, kolejnie zmiany służbowe przejmują obowiązki po sobie. Cykl zmiany zamyka się co 72 godziny.

spendencja pomiędzy KDR a SK prowadzona jest wyłącznie przy pomocy radiotelefonu, lub telefonicznie. Odpowiednia współpraca między SK a KAR będącym na miejscu zdarzenia, uzależniona jest od jakości i sposobu przekazywanych informacji.

Rys. 4. Rozmieszczenie JRG, na mapie podziału administracyjnego miasta Łódź.



Źródło: <http://www.kmpsplodz.pl/page/62,rozmieszczenie-jednostek---mapka.html>

Działalność JRG oraz wydziału kontrolno – rozpoznawczego, ma istotny wpływ na kształtowanie wizerunku PSP na zewnątrz organizacji. Działalność pozostałych wydziałów ukierunkowana jest na realizację potrzeb organizacyjnych i pomocniczych przy wykonywaniu postanowień ustawy oraz dla prawidłowego funkcjonowania komendy. Zakres obowiązków wydziałów zawarty jest w postanowieniach regulaminu organizacyjnego komendy. Podział komendy na komórki organizacyjne i wyznaczenie im zakresu obowiązków, ma przyczynić się do prawidłowego funkcjonowania komendy jako jednostki organizacyjnej PSP. Podział organizacyjny komendy, jest podziałem podobnym do występujących w innych organizacjach, co powoduje, iż zachodzą w niej podobne mechanizmy. Każdy w wydziałach posiada własną strukturę, uzależnioną od wykonywanych czynności. Przykładowy podział organizacyjny wydziałów pokazano na przykładzie wydziału operacyjno – szkoleniowego i kontrolno – rozpoznawczego na rys. nr 4.

Rys. 5. Schemat organizacyjny wydziałów KM PSP w Łodzi.

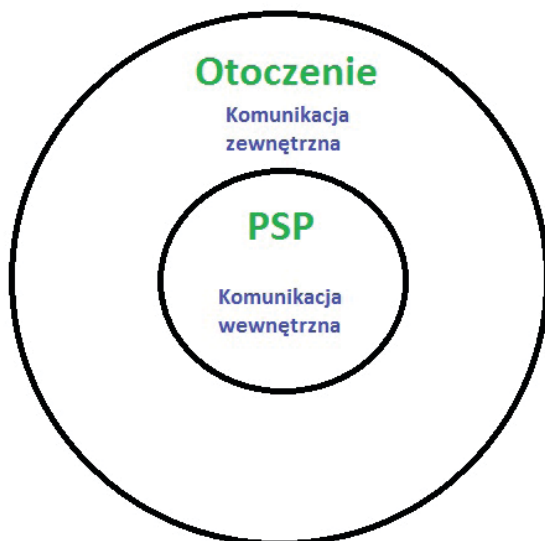


Źródło: opracowanie własne.

Wymienione procesy komunikacyjne można zaobserwować w funkcjonowaniu PSP i na podstawie posiadanej wiedzy opisać formy i kierunki komunikacji funkcjonujące w PSP. Charakterystyczne dla organizacji jest wykonywanie czynności związanej z likwidacją zagrożeń. Na bazie czynności związanych z wykonywaniem specyficznych obowiązków, występują sprzyjające warunki do wystąpienia form i płaszczyzn komunikacji, charakterystycznych dla realizacji postawionych zadań.

3. PŁASZCZYZNY KOMUNIKACJI ORAZ CZYNNIKI ZEWNĘTRZE KSZTAŁTUJĄCE KOMUNIKACJĘ W PSP

Państwowa Straż Pożarna jest hierarchicznie skonstruowaną organizacją funkcjonującą na terenie całego kraju. Działalność PSP towarzyszy występowanie dwóch głównych rodzajów komunikacji, komunikacji zewnętrznej i wewnętrznej, występujących ze względu na charakter przepływu/wymiany informacji, w organizacji i z otoczeniem. Działalność komórek organizacyjnych tj. wydziału kontrolno – rozpoznawczego czy JRG, powoduje zaistnienia zjawiska komunikacji zewnętrznej. Działalność wydziału odpowiedzialnego za prawidłowe egzekwowanie ogółu przepisów przeciwpożarowych, ma charakter formalny w kontaktach z przedstawicielami w otoczeniu organizacji. Szereg czynności wykonywanych przez jednostki ratowniczo – gaśnicze, związane jest bezpośrednio lub pośrednio, z wykonywaniem zadań skierowanych na likwidację zagrożeń. W obydwóch przypadkach dochodzi do bezpośredniego kontaktu przedstawicieli PSP z osobami z otoczenia organizacji. Natomiast mechanizmy, procedury, płaszczyzny itp., służące do wymiany informacji na potrzeby funkcjonowania organizacji, tworzą komunikację wewnętrzną. W tej sytuacji mamy do czynienia z działalnością wydziałów, funkcjonujących w komendach, na potrzeby prawidłowego wykonywania wszystkich zadań realizowanych w komendach. Na rysunku nr 5 przedstawiono schemat występowania rodzajów komunikacji na przykładzie PSP.

Rys. 6. Obszary komunikacyjne organizacji.

Źródło: opracowanie własne.

Do komunikacji zewnętrznej, przybierającej kształt formalny i nieformalny oraz tworzącej wizerunek organizacji wśród społeczeństwa, zaliczamy również działalność kierowników jednostek organizacyjnych, poprzez kontakt z władzami samorządowymi czy przedstawicielami władztwa. Kontakt z otoczeniem istotny jest dla oceny funkcjonowania PSP, w oczach przedstawicieli władz państwowych oraz przez obywateli. Ocena działalności PSP przez społeczeństwo odbywa się najczęściej poprzez komunikację niewerbalną, związaną z obserwacją wykonywanych czynności podczas akcji ratowniczo gaśniczych czy manewrów podczas ćwiczeń. Dla kontaktu werbalnego z otoczeniem organizacji, stworzone są stanowiska rzeczników prasowych. Rzecznicy prasowi występują w każdej z komend powiatowych/miejskich, wojewódzkich i w komendzie głównej, reprezentują kierownika jednostki organizacyjnej. Rzecznicy prasowi odpowiedzialni są za kontakt z przedstawicielami mediów i zobowiązani są do udzielania rzetelnych, zgodnych z prawdą informacji dotyczących działalności PSP.

Bezpośrednie działania PSP, przy których następuje likwidacja przez ratowników występujących zagrożeń, jest czynnością do której ratownicy są zobowiązani. Prowadzi to występowania szeregu czynności, towarzyszących podczas likwidacji zagrożeń, które obserwowane są przez przedstawicieli społeczeństwa i oceniane. Ocena działań ratowniczych przez świadków zdarzenia, opiera się na wnioskach wyciągniętych z obserwacji i nie zawsze jest oceną obiektywną i pozytywną. Kontakt z otoczeniem na poziomie komunikacji zewnętrznej, istotny jest w kształtowaniu wizerunku organizacji, wśród osób zainteresowanych jej funkcjonowaniem.

Państwowa Straż Pożarna zgodnie z postanowieniami ustawy o PSP, powołana jest to wykonywania określonych zadań. Powierzenie zadań i zobowiązanie do ich

wykonania, przez powołaną do tego formację, charakteryzuje się wykonywaniem czynności zarezerwowanych wyłącznie dla niej. Funkcjonowanie w wyodrębnionym obszarze działania, nie nakłada na kadre kierowniczą, konieczności ingerowania, w sposób postrzegania organizacji przez przedstawicieli otoczenia. Nie istnieje konieczność zabiegania o względy „klientów”, tak jak to jest powszechne wśród przedsiębiorstw, działających na wolnym rynku w obszarze produkcyjnych czy usługowych. Natomiast PSP przez swoją działalność tworzy pole komunikacji zewnętrznej z otoczeniem, na powierzchni której dochodzi do bezpośredniego kontaktu z przedstawicielami otoczenia, którzy będąc obserwatorami, oceniają działalność PSP.

Ocena funkcjonowania PSP jako organizacji, ma bezpośredni związek z działalnością podczas akcji ratowniczo – gaśniczych. Najwyższą ocenę PSP, wśród organizacji działających w Polsce, wystawiają obywatele. Dowodzi to, iż działania PSP w określonym obszarze, są pozytywnie postrzegane. W odróżnieniu od typowych przedsiębiorstw, nie istnieje konieczność, permanentnego ulepszania kontaktu z otoczeniem dla uzyskania korzyści. Natomiast występowanie komunikacji wewnętrznej, jest elementem istotnym i koniecznym, dla funkcjonowania każdej z organizacji, bez względu na rodzaj wykonywanej działalności. Każda struktura organizacyjna wymaga obiegu informacji między jednostkami i komórkami organizacyjnymi. Obieg informacji zachodzący w organizacji tworzy mechanizmy komunikacji, które przybierają różne formy, w zależności od charakteru działalności. Komunikacja wewnętrzna, jaka temu zjawisku towarzyszy, wykorzystywana jest i kształtowana w każdej z organizacji przez zasoby ludzkie organizacji. W działalności PSP można wyodrębnić trzy płaszczyzny komunikacji, związane z wykonywaniem czynności niezbędnych do realizacji wszystkich postanowień prawnych, dotyczących funkcjonowania organizacji.

Podział na płaszczyzny ma bezpośredni związek z działaniami taktycznymi, szkoleniowymi, oraz administracyjnymi, występującymi w obszarze wykonywanych zadań. Dla funkcjonowania jednostek organizacyjnych PSP, zgodnie z ich przeznaczeniem, konieczna jest działalność komórek organizacyjnych komendach, w formie wydziałów. Działalność wydziałów w jednostkach organizacyjnych PSP, tworzy płaszczyznę komunikacji, związaną bezpośrednio z działalnością administracyjną. Występowanie formy działań administracyjnych, powszechnie występuje w organizacjach, podczas wymiany informacji. Na tej płaszczyźnie komunikacji, PSP nie odbiega od innych organizacji. Działalność ratownicza związana z likwidacją zagrożeń, daje możliwość wskazania kolejnych płaszczyzn komunikacji, występujących podczas: akcji ratowniczo – gaśniczych, lub ćwiczeń/manewrów.

Wyodrębnienie płaszczyzn komunikacyjnych związanych z działalnością operacyjną i taktyczną, spowodowane jest występowaniem form komunikacji charakterystycznych dla podejmowanych działań. Rozróżnienie płaszczyzny komunikacyjnej występującej podczas likwidacji zagrożeń a ćwiczeniami, odnosi się bezpośrednio do czynników zewnętrznych, jakie miały wpływ na ich wystąpienie. Podczas akcji ratowniczo – gaśniczych występuje wiele zjawisk oraz sytuacji, do

których strażacy są przygotowywani w trakcie szkoleń itp., natomiast zjawiska te występują w miejscu i czasie, nie możliwym do przewidzenia. Działanie ratowników PSP podczas ćwiczeń/manewrów, dochodzi w sytuacjach zaplanowanych, mających na celu doskonalenie umiejętności oraz współpraca z innymi służbami.

Występowanie płaszczyzn komunikacji w jednostkach organizacyjnych PSP jest zjawiskiem uniwersalnym, możliwym do zaobserwowania i wyodrębnienia w każdej z istniejących komend funkcjonujących na terenie kraju¹⁶. Związane jest to bezpośrednio z podstawową działalnością PSP, realizowaną w jej jednostkach administracyjnych, która musi być jednolita zgodnie z postanowieniami ustawy o PSP. Zebrany materiał wykorzystany na potrzeby artykułu, został stworzony na podstawie zjawisk zachodzących w komendzie miejskiej w Łodzi.

• Komunikacja w procesach administracyjnych:

Działalność wewnątrz organizacyjna, przepływ informacji, komunikacja między jednostkami organizacyjnymi oraz między wydziałami, odbywa się w podobny sposób jak w większości organizacji. Zarządzenia, decyzje, rozkazy, wydawane przez kierowników (komendantów) jednostek, drogą pisemną docierają do adresatów, po kolei przez wszystkie szczeble w organizacji. W tym przypadku komunikacja przyjmuje *kierunek wertykalny*, ponieważ przebieg informacji posiada orientację pionową z góry na dół i odwrotnie, zgodnie z obowiązującą hierarchią. Komunikacja wewnątrz komendy z pozycji wydziałów (komórek organizacyjnych), przyjmuje formę *komunikacji wertykalnej i horyzontalnej*. Pionowo występuje w momencie kontaktu wydziałów z kierownikiem jednostki, oraz z podległymi sekcjami. Komunikacja wydziałów w poziomie, funkcjonuje przy współpracy między wydziałami. Komunikację *diagonalną* można zaobserwować między dowódcami JRG a wydziałami w komendzie. Zachodzi ona najczęściej w sytuacji, potrzeb związanych z zasobami materialnymi, dla funkcjonowania JRG.

Komunikacja *wertykalna* przebiegająca ze szczebla wyższego w kierunku niższym, przyjmuje najczęściej charakter informacji, która zobowiązuje adresatów do wykonania konkretnej czynności/zadania, bezwarunkowo lub warunkowo. Bezwarunkowo, w sytuacji obecności na szkoleniach lub naradach, uznanych przez organizatora za istotne dla funkcjonowania organizacji. Warunkowo, w innych przypadkach nie mających istotnego znaczenia dla funkcjonowania PSP, ale brak wykonania/obecności, najczęściej musi być potwierdzony ważnym powodem. Wszystkie tego typu informacje mają również charakter jednokierunkowy, tzn. nie wywołują skutku w postaci dialogu, ani nie dają możliwość interpretacji. Występowanie takiej formy komunikacji, ma na celu dostarczenie informacji, która ma wywołać konkretny skutek, tj. uzupełnić widzę w konkretnym obszarze, lub zobowiązać do wykonania, konkretnej czynności w wyznaczonym miejscu i cza-

16 Uniwersalne określenie występowania płaszczyzn komunikacyjnych na terenie całego kraju, podyktowane jest stosowaniem określonego podziału jednostek organizacyjnych w województwach i powiatach, którego kształt jest niemal identyczny w każdej z jednostek na terenie kraju. Uniwersalne podejście do zastosowanego podziału, nie powinno budzić wątpliwości związanych z występowaniem różnic kulturowych na wybranych obszarach.

sie. Komunikacja prowadzona jest najczęściej z formie pisemnej, co eliminuje wpływ czynników zewnętrznych (zakłóceń) na przekaz informacji.

Innymi sposobami komunikacji wewnątrz organizacyjnej, są narady i szkolenia, organizowane przez pracowników poszczególnych wydziałów, kierownictwo lub jednostkę organizacyjną wyższego szczebla, w zależności od podejmowanego tematu spotkania. W trakcie narad i szkoleń, następuje przekaz informacji w kierunku uczestników od przedstawicieli organizatora. Organizacja ww. spotkań prowadzi również do wymiany informacji między jej uczestnikami, w formie dialogu lub pojedynczego wystąpienia uczestników. W opisanych sytuacjach najczęściej dochodzi do wymiany opinii między uczestnikami, w obszarze poruszanych tematów spotkania. Spotkania na których obecni są dowódcy poszczególnych zmian służbowych oraz dowódcy JRG, przyczynia się do zwrócenia uwagi, na nieprawidłowości lub przeszkody, jakie występują np. przy wprowadzeniu nowych procedur, itp. Spotkania te są istotne dla funkcjonowania organizacji, podczas realizacji bieżących zadań i przyczyniają się do oceny jej działalności oraz mają istotny wpływ na poprawę jej działalności.

W kontaktach między pracownikami występuje również komunikacja interpersonalna, zachodząca między przełożonym a podwładnym, z różnych szczebli w hierarchii organizacji. W skomplikowanym procesie rekrutacyjnym, na stanowisko ratownika w PSP, może dojść do rozmowy z kierownikiem jednostki organizacyjnej w osobie komendanta, z kandydatem lub z grupą kandydatów. Poza rekrutacją komendant prowadzi narady z udziałem naczelników wydziałów i dowódcami JRG, lub w zależności od potrzeb z wybranymi przedstawicielami. Bezpośredni kontakt z komendantem zachodzi również przy okazji rozmów związanych ze zmianą stanowiska lub awansem. Rozmowa kandydata na stanowisko, daje możliwość przełożonemu, oceny kwalifikacji i posiadanych predyspozycji, przed podjęciem decyzji o awansie lub przeniesieniu. Kandydat może potraktować spotkanie z przełożonym, jako motywację do osobistego zaprezentowania swojej osoby i dające szanse na wykonywanie nowo powierzonych obowiązków. Naczelnicy wydziałów oraz dowódcy JRG, podczas wykonywania codziennych obowiązków, mają permanentny kontakt z podległymi pracownikami. Kontakt personalny dowódców zmian służbowych, z podległymi ratownikami, ma zdecydowanie większy wpływ na opisaną poniżej płaszczyznę komunikacją zachodzącą podczas akcji ratowniczych.

• *Komunikacja podczas akcji ratowniczo – gaśniczych:*

Rozpoczęcie działań ratowniczych ma miejsce w Stanowisku Kierowania (SK), podczas identyfikacji przyjmowanego zgłoszenia, od osoby dzwoniącej na telefon alarmowy. Dyżurny stanowiska kierowania po prawidłowej identyfikacji zgłoszonego zagrożenia, dysponuje odpowiednie siły i środki (SIS), znajdujące się w JRG. Przekazanie informacji o zdarzeniu, miejscu wystąpienia, odpowiednich sił i środków, przekazywane jest przy pomocy telefonu lub radiostacji, do punktu alarmowego JRG. Osoba¹⁷ przyjmująca informację ze SK, dysponuje wskazane

17 Strażak wyznaczony rozkazem, pełniący funkcję dyspozytora podczas zmiany służbowej.

SIS, przez ogłoszenie alarmu¹⁸ przy pomocy rozmieszczonej w jednostce sieci głośników. Dodatkowo sygnalizuje ogłoszenie alarmu, poprzez włączenie specjalnie do tego przeznaczonego oświetlenia alarmowego oraz zasygnalizowanie sygnałami dźwiękowymi.

W ten sposób zadysponowanie SIS udają się we wskazane miejsce. W czasie dojeżdżania do miejsca zdarzenia dowódca, siedzący z przodu obok kierowcy samochodu, przekazuje ratownikom siedzącym z tyłu wstępny zamiar taktyczny – tzn. jakie przewiduje początkowe działanie, na podstawie otrzymanych informacji o zagrożeniu od dyspozytora punktu alarmowego. Niektóre informacje o zdarzeniu mogą zawierać istotne elementy powodujące dodatkową mobilizację ratowników. Występuje to najczęściej w sytuacjach, kiedy istnieje realne zagrożenie dla zdrowia i życia ludzi przebywających w strefie zagrożenia. Takie sytuacje można nazwać „trudnymi”, a w pewnych przypadkach również traumatycznymi. Wstępny zamiar taktyczny, przekazany podczas dojazdu, może mieć istotny wpływ na przebieg prowadzonych działań ratowniczych.

Dowódca przyjeżdżający na miejsce zdarzenia wraz z ratownikami, jest również dowódcą zmiany, pełniącą służbę w JRG. Relacje między dowódcą zmiany a ratownikami z tej samej JRG, przyjmują najczęściej charakter interpersonalny. Związane jest to charakterem pełnienia służby i relacji z podległymi ratownikami, budowanymi na przestrzeni wielu służb i akcji ratowniczych. Ratownicy, w tym również dowódca, przebywają ze sobą podczas służby w ciągu 24 godzin, przez kilka a nawet kilkanaście lat pracy. Ma to nie banalny wpływ na stosunki między nimi, oraz na zachodzącą komunikację w ich środowisku. Po wstępnym rozpoznaniu sytuacji na miejscu zdarzenia, dowódca może zadysponować dodatkowe SIS, w tym przypadku przekazuje odpowiednią informację do SK, który realizuje dyspozycję dodatkowych SIS, zgodnie z sugestią Kierującego Działaniami Ratowniczymi (KDR). Komunikacja KDR z SK odbywa się za pośrednictwem radiotelefonu. Bardzo istotnym czynnikiem wpływającym na komunikację podczas prowadzonych działań ratowniczych ma wiedza, umiejętności oraz doświadczenie, podległych ratowników. Wszystkie decyzje wydawane przez KDR z chwilą prowadzenia działań, w stosunku do podwładnych jak i osób przebywających w strefie zagrożenia, ma charakter decyzji administracyjnej o natychmiastowym wykonaniu¹⁹. Komunikacja KDR z ratownikami w czasie realizacji zadań, prowadzona jest w sposób oszczędny, a wymiana informacji posiłkuje się wyrazami i zwrotami charakterystycznymi dla prowadzonych działań. Przekazywanie informacji dla KDR przez ratowników, ma na celu przedstawianie sytuacji w celu prognozy jej rozwoju.

Komunikacja między ratownikami podczas działań ratowniczo – gaśniczych, dla osób obserwujących, a w szczególności nie związanych z ochroną przeciw – pożarową, może być nie zrozumiała. Oprócz krótkich, charakterystycznych sformu-

18 Ogłoszenie alarmu, odbywa się za pomocą zainstalowanego w JRG systemu alarmowania ratowników. Odbywa się to w następującej kolejności: światła alarmowe, werbalne alarmowanie, sygnały dźwiękowe.

19 Rozporządzenie Rady Ministrów W sprawie zakresu i trybu korzystania z praw przez kierującego działaniem ratowniczym (Dz. U. 92. 54. 259), § 1, Ust. 2.

łowań niosących informację dla osób „wtajemniczonych”, istnieje również język pozawerbalny. Tzw. „język ciała” jednego z ratowników, może informować pozostałych o sytuacji na terenie działań. Źródłem informacji dla ratowników jest również ocena otoczenia podczas dojazdu do miejsca zdarzenia. Podczas pożaru, kolor dymu, jego gęstość, intensywność oraz skąd się wydobywa, daje wstępną ocenę z jak groźnym pożarem przyjdzie się zmierzyć. Również obecność ludzi w okolicy prowadzonych działań i ich reakcje dostarczają danych o sytuacji. Opanowanie sytuacji „trudnej”, wymaga zdecydowanego działania, dlatego w czasie komunikacji między ratownikami, może dochodzić do podkreślenia ważności przekazu przez użycie wulgaryzmów. W sytuacji wyjątkowej jaką jest akcja ratownicza, gdzie występuje niepewność rozwoju sytuacji związane z zagrożeniem, często może dochodzić do używania zwrotów niecenzuralnych. Komunikacja między ratownikami podczas działań, akceptuje wiele zwrotów oraz słów, których użycie w normalnych warunkach, nawet między tymi samymi uczestnikami, może nie być odbierane pozytywnie. Używanie zwrotów niecenzuralnych podczas działań, występuje najczęściej między pracownikami tej samej zmiany służbowej w JRG. Spowodowane jest to stosunkami międzyludzkimi, ukształtowanymi podczas wspólnej służby, związanymi z przebywaniem podczas służby na terenie JRG, wspólnymi posiłkami czy zajęciami fizycznymi. Między ratownikami zachodzi relacja interpersonalna, mająca swoje źródło często w długoletniej znajomości.

W czasie działań ratowniczo – gaśniczych, najważniejsza jest ochrona życia, zdrowia i mienia oraz sprawne opanowanie sytuacji. Komunikacja między ratownikami przyjmuje charakter kodowania treści w słowa kluczowe, które dla adresatów mają wartość przydatnej informacji. Komunikacja poza werbalna między ratownikami jest dominująca. Obserwacja przez ratowników wzajemnych zachowań, osób postronnych oraz zmieniającego się otoczenia, dostarcza istotnych informacji mających wpływ na podejmowane decyzje. Specyfika tej płaszczyzny komunikacji podczas działań, uwarunkowana jest przede wszystkim zagrożeniami jakie towarzyszą podczas zdarzeń. Z pozorów taki sam pożar np. mieszkania, z którym ratownicy mieli wielokrotnie do czynienia, może powstać w innym miejscu, czasie lub przy innych warunkach atmosferycznych. Powoduje to tworzenie atmosfery niepewności podczas likwidowania zagrożenia, co ma wpływ na kształtowanie relacji między ratownikami, w trakcie działań ratowniczych. Dlatego charakterystyczna forma komunikacji, jaka zachodzi podczas działań ratowniczo – gaśniczych, stanowi jedną z płaszczyzn komunikacji, funkcjonujących w PSP.

• Komunikacja podczas ćwiczeń:

Istotnym czynnikiem dla powodzenia każdej akcji ratowniczo – gaśniczej, jest posiadana wiedza, umiejętności i doświadczenie ratowników. Zdobywanie tych cech możliwe jest podczas pełnienia służby, jako nabyte doświadczenie oraz podczas planowanych ćwiczeń. Wszystkie ćwiczenia mają określone cele do osiągnięcia. Najistotniejszym jest likwidacja zagrożenia, zawartego w scenariuszu, opracowanego przez organizatorów ćwiczeń. Przygotowanie do manewrów wiąże się z wyborem określonego zagrożenia, z którego likwidacją strażacy uczestniczący w ćwiczeniach będą zmuszeni się zmierzyć. Pod uwagę brane są zdarzenia które

występują często, a ich charakter związany jest z rejonem chronionym przez wyznaczoną JRG. W tych przypadkach ćwiczenia prowadzone są podczas pełnienia służby, z udziałem ratowników aktualnie przebywających w pracy.

Najwięcej przygotowań wymagają ćwiczenia angażujące wiele sił i środków, najczęściej z kilku jednostek oraz ze służbami współpracującymi tj. Zespół Ratownictwa Medycznego czy Policja. Wybór scenariusza ćwiczeń uzależniony jest od istniejącej infrastruktury istniejącej na terenie powiatu czy województwa. Manewry ćwiczebne angażujące wiele SIS, dotyczą możliwości wystąpienia zdarzeń o dużym potencjale zagrożenia. Zdarzenia o wysokim potencjale zagrożeń, występują rzadziej od zdarzeń o mniejszym zakresie, ale są wysoce prawdopodobne. Dlatego istotne jest przygotowanie jednostek ratowniczych do współpracy, na wypadek wystąpienia zagrożenia o większych skutkach. Ćwiczenia wymagające użycia większej ilości sprzętu, przy udziale znacznej ilości zasobów ludzkich, wymagają długotrwałych i dokładnych przygotowań. Do tego typu ćwiczeń zalicza się min.: wyciek z cysterny z substancją niebezpieczną (trującą, toksyczną), gdzie dochodzi do zagrożenia dla okolicznych mieszkańców, lub pożar budynku mieszkalnego/hotelowego w nocy z wieloma lokatorami.

Każde przygotowanie ćwiczeń jest wyzwaniem logistycznym, ale również wyzwaniem dla prawidłowego ich przeprowadzenia i zakończenia z planowanym efektem tj. zapoznaniem uczestników, ze skutecznym sposobem likwidowania wybranego zagrożenia. Wszyscy uczestnicy ćwiczeń są wyposażeni w odpowiednie informacje niezbędne dla przygotowania się do uczestniczenia w ćwiczeniach. Informacje te zawierają, jaki sprzęt będzie niezbędny przy ćwiczeniach i ile ratowników ma wziąć w nich udział. Przy manewrach wymagających użycia wiele sprzętu i ratowników, działania takie dzieli się na odcinki bojowe. Każdy z odcinków bojowych posiada swojego dowódcę i podległych mu strażaków. W ćwiczeniach zadaniem odcinków bojowych jest wykonanie częściowych zadań, które przyczynią się do wykonania całego ćwiczenia. Dzielenie na odcinki bojowe praktykuje się przy akcjach ratowniczych, wymagających szerokiego spektrum działania. Czynności wykonywane przez każdą z grup nadzorowane jest przez dowódcę odcinka bojowego, natomiast nad całością akcji czuwa Kierujący Działaniem Ratowniczym (KDR).

Istotnym elementem wyróżniającą komunikację zachodzącą podczas ćwiczeń, od komunikacji podczas akcji ratowniczo – gaśniczej, jest posiadana wiedza przez uczestników o rodzaju zagrożenia, oraz częściowa, o możliwym rozwoju zdarzenia. Zamiar taktyczny podejmowany przez KDR przekazywany jest uczestnikom, dowódcom odcinków bojowych, wyznacza się zakres obowiązków i zadań do wykonania. W przypadku wystąpienia wątpliwości co do poprawności wykonywanych czynności, zawsze istnieje możliwość powtórki jednego z elementów ćwiczenia. Każda ponowne podejście do wykonywanych zadań jest uprzednio omawiane, z nastawieniem na wyeliminowanie błędów w kolejnej próbie. Przekazywane informacje posiadają wyczerpujące dane, w sposób wyraźny i czytelny dla zainteresowanych. W tej sytuacji osoby postronne nie powinny mieć problemu ze zrozumieniem przekazu między uczestnikami, barierą może być jedynie

używana specjalistyczna terminologia oraz nazwy sprzętu, używanego podczas ćwiczeń. Celem manewrów jest nabycie umiejętności, wymaganych do radzenia sobie w sytuacjach, mogących wystąpić w rzeczywistości. Dlatego ważne jest aby uczestnicy zapoznali się ze scenariuszem ćwiczeń, bez udziału zakłóceń dochodzących z otoczenia.

Różnica w formie komunikacji podczas działań ratowniczo – gaśniczych a uczestniczenia w ćwiczeniach, głównie spowodowana jest przez czynniki zewnętrzne. Podejmowane decyzje podczas akcji, muszą być zdecydowane oraz dopasowane do zmieniających się warunków. Działania podczas ćwiczeń dają możliwość spokojnego podejścia do zagadnień zawartych w scenariuszu. Formy komunikacji zachodzące w obu sytuacjach są odmienne, dlatego działania wykonywane podczas ćwiczeń, tworzą trzecią płaszczyznę komunikacji w PSP.

Państwowa Straż Pożarna jest niewątpliwie organizacją zajmująca się wykonywaniem czynności zarezerwowanych wyłącznie dla niej. Jako organizacja działająca na terytorium polski, swoją strukturą dostosowana jest do podziału administracyjnego kraju. Działalność swoją, przede wszystkim, opiera na postanowieniach Ustawy o PSP, ale również innych aktów prawnych. Dla odpowiedniego funkcjonowania, zgodnego z prawnymi założeniami, powołane są komendy jako jednostki organizacyjne, obok szkół, muzeum i CNBOP. Komendy wraz z Komendą Główną PSP, funkcjonują na terenie województw oraz powiatów, organizowane są przez stojących na ich czele Komendantów. Każda z komend ma za zadania stworzyć korzystne warunki, do funkcjonowania wydziałów oraz JRG, niezbędnych do nadzorowania przestrzegania przepisów ppoż. oraz do likwidacji zagrożeń, wskazanych w aktach prawnych.

Struktura organizacji w obecnej postaci tworzy dogodne warunki do zaobserwowania i wyodrębnienia form komunikacji, które to towarzyszą w funkcjonowaniu jednostek organizacyjnych oraz komórek, bezpośrednio odpowiedzialnych za likwidację zagrożeń. Każda z organizacji wykonująca zadania publiczne, zarezerwowane wyłącznie do realizacji przez nią, w obecnej konstrukcji aparatu publicznego, nie może obejść się bez elementu wykonującego zadania administracyjne, funkcjonujące w jej strukturze. Zadania administracyjne są konieczne do prawidłowego funkcjonowania, bez względu na powierzone zadania. W PSP, tworzy to warunki do powstania procesów, które występują powszechnie w innych organizacjach. Dlatego jedną z płaszczyzn komunikacji funkcjonujących na terenie PSP, można zaobserwować w działaniach związanych z realizacją prac administracyjnych. Organizacja straży pożarnej, głównie za zadanie ma likwidację określonych zagrożeń. Podczas funkcjonowania, dla realizacji określonych zadań, wykonując odpowiednie czynności, możemy zaobserwować kolejne płaszczyzny komunikacji. Istotnym elementem w przygotowaniu się do likwidacji określonych zagrożeń, jest odpowiednie przygotowanie merytoryczne pracowników PSP. W czasie ćwiczeń zdobyta wiedza oraz warunki temu sprzyjające, umożliwiają zidentyfikowanie kolejnej płaszczyzny komunikacji. Jest to uzasadnione, w momencie zwrócenia uwagi na formy komunikacji, występujące podczas działań ratowniczych, gdzie swobodnie można zaobserwować kolejną płaszczyznę komunikacyjną.

Państwowa Straż Pożarna posiadając zarezerwowany zakres wykonywanych zadań, mających na celu dbanie o bezpieczeństwo obywateli, stworzyła warunki działalności specyficzne i charakterystyczne, występujące podczas jej funkcjonowania. Jednym z zaobserwowanych „specyficznych” czynników wyróżniających działalność PSP, jest komunikacja, która ze względu na wykonywane zadania przybiera różne formy i odbywa się na określonych płaszczyznach. Jest to jedna z charakterystycznych cech, jakie wyróżniają Państwową Straż Pożarną od innych organizacji funkcjonujących na terenie kraju, ale również i na świecie.

Informacja dla Autorów

Redakcja „PROSOPOŃ” zaprasza do współpracy Autorów, którzy chcieliby publikować swoje teksty na łamach naszego pisma. Uprzejmie informujemy, że przyjmujemy do publikacji artykuły nie dłuższe niż 20 stron znormalizowanego maszynopisu (1800 znaków ze spacjami na stronę), a w przypadku recenzji – niż 8 stron. Do artykułów prosimy dołączyć streszczenie w języku polskim i angielskim (wraz z angielskim tytułem artykułu) o objętości do 200 słów. Prosimy o niewprowadzanie do manuskryptów zbędnego formatowania (np. nie należy wyrównywać tekstu spacjami czy stosować zróżnicowanych uwypukleń, wycień itp.). Sugerowany format: czcionka Arial, 12 pkt., interlinia 1,5. Piśmiennictwo zawarte w artykule należy sformatować zgodnie z tzw. zapisem harwardzkim, zgodnie z którym lista publikacji istotnych dla artykułu ma być zamieszczona na jego końcu i ułożona w porządku alfabetycznym. Publikacje książkowe należy zapisywać:

Fijałkowska B., Madziarski E., van Tocken T.L. jr., Kamilska T. (2014). Tamizdat i jego rola w kulturze radzieckiej. Warszawa: Wydawnictwo WSM.

Rozdziały w publikacjach zwartych należy zapisywać:

Bojan A., Figurski S. (2014). Nienowoczesność – plewić czy grabić. W.S. Białokozowicz (red.), Nasze czasy – próba syntezy. Warszawa: Wydawnictwo WSM.

Artykuły w czasopismach należy zapisywać:

Bobrzyński T.A. (2009). Depression, stress and immunological activation. British Medical Journal 34 (4): 345-356.

Materiały elektroniczne należy zapisywać:

Zientkiewicz K. Analiza porównawcza egocentryka i hipochondryka. Żart czy parodia wiedzy? Portal Naukowy „Endo”. www.endo.polska-nauka.pl (data dostępu: 2014.07.31).

W tekście artykułu cytowaną publikację należy zaznaczyć wprowadzając odnośnik (nazwisko data publikacji: strony) lub – gdy przywołane jest nazwisko autora/nazwiska autorów w tekście – (data publikacji: strony), np.: Radzieckie władze „[...] podjęły walkę z tamizdaten na dwóch płaszczyznach: ideologicznej i materialnej” (Fijałkowski i wsp. 2014: 23). lub: Radziecka prasa, jak stwierdzają Fijałkowski i współnicy, „złyła autorów druków bezdebitowych” (2014: 45). W przypadku przywoływanych tekstów, gdy nie ma bezpośredniego cytowania, należy jedynie podać nazwisko i rok publikacji (bądź sam rok, jeśli nazwisko autora pada w tekście głównym). W odnośnikach w tekście głównym należy w przypadku więcej niż dwóch autorów wprowadzić „i wsp.”, np. (Fijałkowski i wsp. 2014). W tekście piśmiennictwa (tj. alfabetycznie ułożonej literaturze) prosimy wymienić wszystkich autorów danej publikacji. Więcej o zasadach stylu harwardzkiego m.in. na Wikipedii (http://pl.wikipedia.org/wiki/Przypisy_harwardzkie). Uwaga, przypisy krytyczne, inaczej tzw. aparat krytyczny, prosimy w miarę możliwości zredukować do minimum i wprowadzać do głównego tekstu manuskryptu.

Zaznaczamy, że Redakcja nie płaci honorariów, nie zwraca tekstów niezamówionych oraz rezerwuje sobie prawo do skracania tekstów.

Teksty prosimy przysyłać drogą elektroniczną za pomocą formularza na stronie WWW: <http://humanum.org.pl/czasopisma/humanum/o-czasopismie> lub na adres e-mailowy: biuro@humanum.org.pl

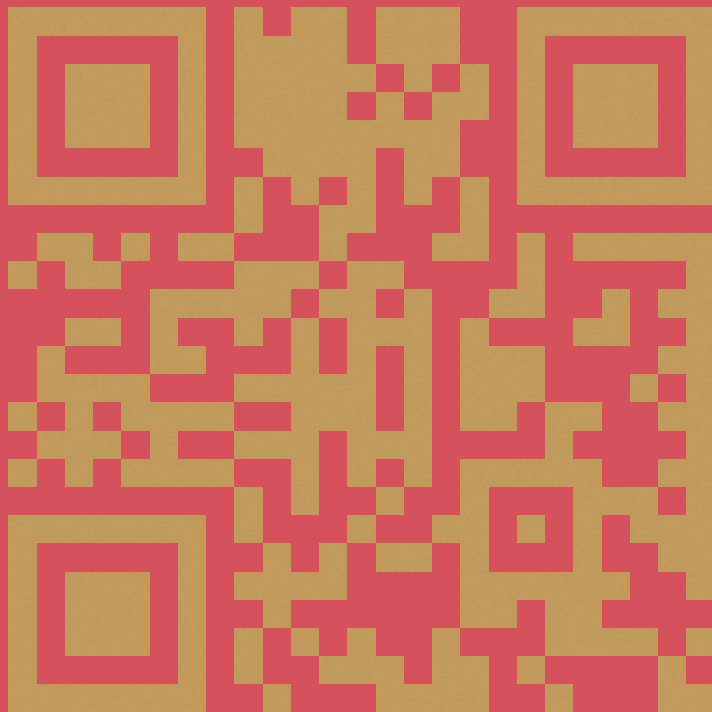
Do tekstu należy dołączyć informację o aktualnym miejscu zamieszkania, nazwie i adresie zakładu pracy, tytule naukowym, stanowisku i pełnionych funkcjach. Każdy tekst przesłany pod adres Redakcji z prośbą o druk na łamach czasopisma podlega ocenie. Proces recenzji przebiega zgodnie z założeniami „double blind” peer review (tzw. podwójnie ślepej recenzji). Do oceny tekstu powołuje się co najmniej dwóch niezależnych recenzentów (tzn. recenzent i autor tekstu nie są ze sobą spokrewni, nie występują pomiędzy nimi związki prawne, konflikty, relacje podległości służbowej, czy bezpośrednia współpraca naukowa w ciągu ostatnich 5 lat). Recenzja ma formę pisemną i kończy się stwierdzeniem o dopuszczeniu lub niedopuszczeniu tekstu do druku.

W związku z przypadkami łamania prawa autorskiego oraz dobrego obyczaju w nauce, mając na celu dobro Czytelników, uprasza się, aby Autorzy publikacji w sposób przejrzysty, rzetelny i uczciwy prezentowali rezultaty swojej pracy, niezależnie od tego, czy są jej bezpośrednimi autorami, czy też korzystali z pomocy wyspecjalizowanego podmiotu (osoby fizycznej lub prawnej).

Wszystkie przejawy nierzetelności naukowej będą demaskowane, włącznie z powiadomieniem odpowiednich podmiotów (instytucje zatrudniające Autorów, towarzystwa naukowe itp.).

Do przedłożonych tekstów z prośbą o druk, Autor tekstu jest zobowiązany dołączyć:

1. Informację mówiącą o wkładzie poszczególnych Autorów w powstanie publikacji (z podaniem ich afiliacji oraz kontrybucji, tj. informacji, kto jest autorem koncepcji, założeń, metod, protokołu itp. wykorzystywanych przy przygotowaniu publikacji), przy czym główną odpowiedzialność ponosi Autor zgłaszający manuskrypt.
2. Informację o źródłach finansowania publikacji, wkładzie instytucji naukowo-badawczych, stowarzyszeń i innych podmiotów.



HUMANUM Instytut Studiów Międzynarodowych
i Edukacji w Warszawie